

Ana Ligia Scachetti

O OFÍCIO DE COMPARTILHAR HISTÓRIAS

**história e memória de Indaiatuba sob a
perspectiva de uma periodista**



**FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE INDAIATUBA
2001**

Fundação Pró-Memória de Indaiatuba

Sede/Arquivo Permanente: Avenida Jácomo Nazário, 1046

Bairro Cidade Nova – CEP 13.334-047 - Indaiatuba – SP

Fone: (0--19) 3834 6633 Fone/Fax (0--19) 3894 5654

Arquivo Intermediário: Rua Sargento Max Wolf Filho, 245

Bairro Cidade Nova – CEP 13334-130 - Indaiatuba - SP

Fone/Fax: (0--19) 3834-8984

E-mail: memoria.idt@terra.com.br

<http://www.geocities.com/RainForest/9468/fundacao.htm>

Conselho Administrativo

Antônio Reginaldo Geiss (Presidente)

Antônio da Cunha Penna

João José Mendes

José Luiz Sigrist

Lúcia Steffen (desde 16/06/1997)

Nilson Cardoso de Carvalho

Rubens de Campos Penteadó

Conselho Consultivo

Sylvia T. de Carvalho Sannazzaro (Presidente)

Adriana Nascimento Carvalho

Bernadete Ambiel

Caio da Costa Sampaio

Deize Clotildes Bamabé de Moraes

Denise Amgarten Quitzau

Denise Stein Rezende da Silva

Eliana Belo Silva

Francisca Nadir Ferreira Menck

Gentil Gonçalves Filho

Lauro Ratti Jr.

Martha Andrade Barbosa Marinho

Odete Sfeir Nenov

Paulo Antonio Lui

Sônia Maria Benedetti Magnusson

Terezinha de Jesus Brunetti

Diretoria Executiva

Sônia Maria Fonseca (Superintendente)

Meire Ap. Machado de Souza (Assessora de Direção)

Funcionários

Cristiane Leandro da Silva (Agente Administrativo)

Denise Aparecida Soares de Oliveira (Arquivista)

Izabel Ciscati Pereira (Servente)

Laércio Victor Siqueira (Guarda de Patrimônio)

Rodrigo Alexandre Mariotto (Auxiliar Administrativo)

Rosilda Paes de Almeida (Auxiliar Administrativo)

Sheila Vanessa de Souza (Agente Administrativo)

Silvane Rodrigues Leite Alves (Arquivista)

Sílvia Mendes Masson (Arquivista)

FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE INDAIATUBA
Ana Lúcia Scachetti
Indaiatuba

3

2001

Fundação Pró-Memória de Indaiatuba

Ana Lígia Scachetti,

Créditos da publicação

Texto: Ana Lígia Scachetti

Capa:

Arte Final:

Preparação dos originais: Denise Aparecida Soares de Oliveira

Revisão: Denise Aparecida Soares de Oliveira, Nilson Cardoso de Carvalho, Antônio Reginaldo Geiss.

Revisão Final: Sônia Maria Fonseca

O material fotográfico reproduzido pertence ao acervo do Arquivo Público Municipal de Indaiatuba (Coleção Antônio da Cunha Penna, Coleção História de Indaiatuba, Fundo Prefeitura Municipal de Indaiatuba, Arquivo Corrente), Jornal *Tribuna de Indaiá*, Ana Lígia Scachetti, Nilson Cardoso de Carvalho.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

SCACHETTI, Ana Lígia (1977-)
. – Indaiatuba (SP): Fundação Pró-Memória de Indaiatuba, 2001.

130 p.; il.; 20 cm.

—
1. Indaiatuba – São Paulo (Estado). 2. Indaiatuba – História. 3. Memórias – Indaiatuba. I. Título.

Diagramação, Fotelito e Impressão:

	5
<i>Prefácio</i>	7
<i>Apresentação</i>	8
<i>Cronistas recuperam memória de Indaiatuba</i>	10
<i>Nilson Carvalho desvenda história de Indaiatuba</i>	13
<i>Documentos revelam a Indaiatuba de antigamente</i>	15
<i>A história de Joaquim Emígdio de Campos Bicudo</i>	17
<i>A verdadeira história do Casarão do Pau Preto</i>	21
<i>Igreja Matriz marca o princípio de Indaiatuba</i>	23
<i>Reforma do Haoc faz lembrar história</i>	25
<i>Prédio da Administração Regional é a edificação mais antiga de Indaiatuba</i>	28
<i>Escola trouxe curso ginásial e colegial para Indaiatuba</i>	29
<i>Escola Candelária comemora seus 41 anos</i>	31
<i>Quase um século de história na praça central</i>	33
<i>Rua Humaitá, 773: de Cottonificio a Shopping</i>	35
<i>De volta ao tempo das ferrovias indaiatubanas</i>	37
<i>Indaiatuba assiste aos primórdios da aviação</i>	39
<i>Adoração a Nossa Senhora foi institucionalizada em 1963</i>	41
<i>Primeira Romaria oficial de Indaiatuba aconteceu em 1942</i>	43
<i>A Terra dos Indaiás e suas várias religiões</i>	45
<i>Indaiatuba ficou 40 anos sem ordenar um padre</i>	47
<i>Santa Rita: a igreja que parecia ser impossível</i>	48
<i>Rio Jundiá: mais de 40 anos de poluição</i>	50
<i>Goleiro Laércio Milani encabeça história do futebol indaiatubano</i>	52
<i>No Império, cidade teve suas primeiras eleições</i>	54
<i>Obscuridade marca a história política de 40 e 50</i> <i>Indaiatuba assistiu a impeachment e cassação</i>	58
<i>Prefeito foi cassado por acusação de comunismo</i>	60

	6
<i>Clain e Tonins dividiram poder na década de 80</i>	63
<i>A participação de Indaiatuba na Proclamação da República</i>	65
<i>Feriado lembra movimento constitucionalista</i>	67
<i>Luta pelo impeachment de Collor atingiu estudantes de Indaiatuba</i>	70
<i>Ruas de Indaiatuba ficaram na escuridão total até o ano de 1887</i>	72
<i>Guarda Municipal foi criada na década de 80</i>	74
<i>A evolução do sistema de abastecimento de água</i>	76
<i>Saúde pública local evoluiu na segunda metade deste século</i>	78
<i>O início do correio na antiga Vila de Indaiatuba</i>	80
<i>Década de 50: Indaiatuba briga pelo Correio</i>	83
<i>Nabor teria completado 96 anos nesta segunda</i>	85
<i>Indaiatuba ganhou primeira banda oficial em 1912</i>	88
<i>Mulheres na história da música indaiatubana</i>	90
<i>A contribuição de Henrique Lins para a música</i>	92
<i>Teatros e circos movimentam a Indaiatuba antiga</i>	94
<i>A veia literária indaiatubana desde os anos 70</i>	96
<i>História da imigração suíça: de Obwalden para Indaiatuba</i>	99
<i>Colônia japonesa deu origem a festas típicas na cidade em 52</i>	101
<i>Carnaval: dos bailes nos clubes ao desfile oficial</i>	103
<i>A presença da mulher na história da cidade</i>	106
<i>Rotary Club comemora 94 anos de existência</i>	110
<i>Rotary motivou criação da Comarca de Indaiatuba</i>	112
<i>Indaiatuba já tinha escoteiros na década de 40</i>	114
<i>Brincadeiras de criança na Indaiatuba antiga</i>	116
<i>Índice Onomástico</i>	119

Prefácio

A história de Indaiatuba vai sendo construída, graças aos esforços e a dedicação de alguns pesquisadores e historiadores de nossa cidade.

Dentre eles está a jovem e brilhante jornalista Ana Ligia Scachetti, que nos oferece esta coletânea de artigos de cunho histórico, fruto de exaustiva pesquisa nos documentos que formam o acervo dos arquivos da Fundação Pró-Memória, publicados semanalmente no jornal *Tribuna de Indaiá*.

Através dos textos de narrativa atraente e agradável, Ana Ligia nos transporta a um passado distante, revelando-nos personagens e fatos que muito contribuíram para a construção da história de nossa querida “Terra dos Indaiás”.

Ela destaca figuras que foram importantes no cenário religioso e político-administrativo nestes quase dois séculos, como D. José de Camargo Barros, João Tibiriçá Piratininga, Joaquim Emígdio de Campos Bicudo.

Destaca também aspectos ligados ao Casarão Pau Preto, à Igreja Matriz, ao Chafariz, à Estrada de Ferro e tantos outros valores humanos e materiais que, no seu conjunto, representam verdadeiros marcos históricos da comunidade.

Congratulo-me com a autora pela excelente qualidade desta obra. Espero que outros pesquisadores/historiadores, movidos pelo mesmo interesse e dedicação, venham contribuir para o enriquecimento da nossa historiografia.

Antônio Reginaldo Geiss

Apresentação

Lembro-me que quando cursava o antigo primário (hoje chamado ensino fundamental) as aulas sobre a história de Indaiatuba se restringiam a uma breve descrição da origem indígena do nome que se deu à cidade e alguns poucos fatos, entre os quais me marcou o chamado “Crime do Poço”. Acho que vem dessa época minha vontade de conhecer melhor o passado desta localidade. Afinal, não deveria ser um crime o único fato que merecia ser lembrado.

Quase dez anos depois de ter tido aquelas aulas no ensino fundamental, ingressei no jornalismo indaiatubano. Escrevia sobre e para a cidade, freqüentemente sentia a necessidade de embasar as matérias contando acontecimentos passados, incluindo dados históricos que permitissem a comparação ou simplesmente a título de curiosidade. A carência de publicações à mão me fez chegar à Fundação Pró-Memória de Indaiatuba.

Desde o começo o arquivo da Fundação me pareceu um rico terreno a ser desvendado. Constata-se que são poucos os que se aventuram a desbravá-lo, embora a própria instituição realize várias atividades no sentido de torná-lo mais acessível, atraente e popular. Cabe aqui ressaltar o projeto de integração entre o arquivo e as escolas locais.

Frente a essa realidade, surgiu a idéia de contribuir para que as informações guardadas nas prateleiras da Fundação chegassem ao público, com fotos ou imagens que as tornassem atraentes, num texto simples de ser lido. É neste momento que, com o consentimento tanto dos proprietários do jornal *Tribuna de Indaiá* como dos dirigentes da Fundação, foi reservado um espaço semanal para matérias que tratassem da história de Indaiatuba. A maior parte desses textos é agora reunida neste livro, após passar por revisões feitas pelos funcionários da Fundação (na prática, co-autores destas linhas), pelo pesquisador Nilson Cardoso de Carvalho (conselheiro da Fundação) e pelo presidente desta instituição, Antônio Reginaldo Geiss. Optou-se por mantê-los fiéis à forma como foram originalmente impressos, eliminando apenas os erros, sem incluir novas informações.

Como o leitor verá a seguir, essa coletânea não finaliza a carência de que sofre quem quer que busque conhecimento sobre a história de

Indaiatuba. Pelo contrário, ela abre uma infinidade de brechas para quem se interesse por investigar mais a fundo.

Uma dessas brechas está no fato de que muitos desses textos foram baseados em depoimentos prestados à Fundação ou em matérias publicadas em jornais antigos. São, portanto, vítimas da memória dos entrevistados e da dinâmica do jornalismo. A mesma dinâmica que não permitiu o aprofundamento das pesquisas e as restringiu a tratar de um passado relativamente recente. Tudo isso, convenhamos, não torna esses dados menos importantes, nem tira deles a necessidade de que sejam tornados públicos. No entanto, há uma série de fontes ainda por serem encontradas e analisadas. Muitas delas já se encontram na Fundação. Outras, nem isso.

Boa parte da história de Indaiatuba ainda está guardada nos porões e baús de pessoas comuns. São documentos tratados como lixo por mero desconhecimento. Existe um grupo, ligado à Fundação desde a sua idealização - do qual fazem parte Antônio Reginaldo Geiss, Nilson Cardoso de Carvalho e Antônio da Cunha Penna -, que luta por recolher resquícios desta história e contribui com preciosas peças deste quebra-cabeça. Sem ele seria ainda mais difícil buscar informações confiáveis sobre os dias que já se foram.

Espantosamente, em quase 3 anos de trabalho na *Tribuna*, as matérias da Fundação foram algumas das quais mais recebi comentários, sugestões, enfim, participação de leitores. Provavelmente este é um sinal de que não sou a única a sofrer da carência que descrevi no início deste texto e de que a compilação das páginas a seguir se faz necessária para morar vizinha dos livros sobre a cidade que alguns pioneiros publicaram durante estes primeiros anos de existência da Fundação.

Cronistas recuperam memória de Indaiatuba¹

Athayde Puccinelli, Archimedes Prandini, Antonio Zoppi, Sylvia Teixeira de Camargo Sannazzaro e Rubens de Campos Penteado são exemplos de cronistas que se preocupam em colaborar com a memória da cidade. Os três primeiros já faleceram, mas suas obras continuam tendo vida como baús que guardam a história de Indaiatuba.

Puccinelli foi bacharel em Direito, jornalista e poeta. Morreu no dia 13 de fevereiro de 1987, aos 71 anos, 55 dos quais passados em Indaiatuba, onde chegou a ser vereador. Suas obras editadas são *Maria, o Macho e o Chicote; Nho Quim; Sorriso e Coletâneas*.

Na época de sua morte foi divulgado que Puccinelli havia deixado a obra completa *As Mangueiras Floriram*, que não chegou a vir a público. Adelle Puccinelli, esposa do falecido escritor, guarda os originais e ainda tem intenção de publicá-los.

“O homem dos sete instrumentos”. Assim ficou conhecido o versátil Archimedes Prandini que nasceu em Indaiatuba em 1917 e faleceu em julho de 1994. Um dos primeiros carcereiros da cidade, ele também se aventurava por artes como o contorcionismo e a ventriloquia. Essas habilidades lhe renderam duas aparições na televisão.

Prandini foi escritor e poeta. Seus artigos publicados na imprensa da cidade foram reunidos em *Reminiscências de Indaiatuba*. As poesias tiveram seu espaço nos livros *Pedacinhos de Vida e Pingos de Lágrima*.

O comandante do “Archimedeshow” sonhava em ver o velho Casarão da Fazenda Pau Preto transformado em ponto de encontro dos artistas da cidade. Chegou a expor seus quadros lá (isso mesmo, ele também foi artista plástico), evento que hoje já se tornou rotina na sede da Secretaria da Cultura.

E por falar em *Reminiscências de Indaiatuba*², este também é o título do livro que reúne uma série de crônicas de Antonio Zoppi sobre a história

¹ *Tribuna de Indaiá*, 22/01/98, pág. B-1.

Esta matéria marca o início da parceria entre a Fundação Pró-Memória de Indaiatuba e o jornal *Tribuna de Indaiá*.

² *Reminiscências de Indaiatuba* foi lançado em 1º fevereiro de 1998.

da cidade. A obra será lançada no dia 1º de fevereiro, quando também acontece a comemoração dos quatro anos da Fundação Pró-Memória.

O livro é uma idéia conjunta do historiador Nilson Cardoso de Carvalho com a Fundação e teve o financiamento do Banco Mercantil. “Toninho” Zoppi morreu em 6 de abril de 1961, aos 56 anos.

Além de ter sido um dos principais projetistas-construtores de Indaiatuba, este escritor indaiatubano também mostrou seus dotes em outras áreas. Nos tempos do Cine Teatro Íris, Zoppi tocava seu sax nas sessões de cinema mudo.

Presente

Apesar dessas três perdas, nem só de passado vive a memória de Indaiatuba. Sylvia Sannazzaro, aos 86 anos, lançou *O Tempo e a Gente* no ano passado. O livro relata a memória desta professora indaiatubana através das crônicas por ela publicadas nos jornais da cidade.

Esta professora aposentada, nascida em 11 de julho de 1911, ao lado do Largo da Matriz, confessa que começou a escrever pensando em deixar suas memórias para os filhos. “Depois resolvi aumentar e deixar para a cidade”, comenta.

O Tempo e a Gente é dividido em quatro capítulos. Em *Cidade*, ela descreve a história antiga de Indaiatuba. *Personagens* fala de pessoas que se tornaram notórias na cidade pelo exemplo de vida. “São pessoas que se destacaram por algum motivo na história da cidade e se tornaram muito conhecidas”, lembra a escritora.

Os fatos que movimentaram a cidade, desde religiosos até festas, estão no terceiro capítulo. É nesta parte que Sylvia relata eventos beneficentes que ela mesma realizou. O quarto e último capítulo de *O Tempo e a Gente* faz uma coletânea de dados históricos de Indaiatuba.

Mais conhecido como advogado, Rubens de Campos Penteadado também faz sérias contribuições nesta área. Ele é descendente dos primeiros colonizadores de Indaiatuba. Pesquisando suas origens e as origens da cidade, Penteadado começou a publicar suas crônicas na Imprensa local em 1955.

Depois de algumas interrupções, ele continua passando suas memórias e pesquisas através da coluna *Gente da Nossa Terra, Terra da*

Nossa Gente. Por falta de tempo, ele ainda não publicou seu livro³, mas disse que tem a intenção.

³ *Gente da Nossa Terra, Terra da Nossa Gente* foi lançado em 11 dezembro de 1999.

Nilson Carvalho desvenda história de Indaiatuba⁴

Desvendar o que acontecia na região de Indaiatuba no final do século 18 e todo o século 19. Esta é a proposta de Nilson Cardoso de Carvalho que começou a estudar a história da cidade há 16 anos e desde 1996 dedica-se exclusivamente a isto⁵.

Nilson nasceu em Barretos em 25 de junho de 1934. Chegou em Indaiatuba, em 1964, para trabalhar como técnico de laboratório no Hospital Augusto de Oliveira Camargo (Haoc). “Com o tempo criei raízes em Indaiatuba, a cidade é muito receptiva”, relata. “Não posso me imaginar morando em outro lugar”.

Esta paixão pela cidade motivou Nilson a começar o trabalho. Sem ter feito faculdade de História, ele aprendeu técnicas de pesquisa em livros e dentro de dois anos pretende publicar uma coleção com todo o material organizado.

O pesquisador, que também é conselheiro da Fundação Pró-Memória, optou por restringir seus estudos ao final do século 18 e século 19 porque este período é pouco pesquisado. Sendo assim, ele começou seu trabalho mapeando fontes onde poderia encontrar material sobre a cidade.

Um de seus maiores achados foi o Arquivo do Estado de São Paulo. “Daria para passar o resto da minha vida dentro do Arquivo só pesquisando sobre Indaiatuba”, revela Nilson. Lá, ele encontrou conjuntos de documentos como o de relatórios dos Presidentes da Província (os governadores atuais) que trazem várias informações sobre o Município, tais como dados escolares, sobre a segurança pública e a respeito das atividades da Câmara Municipal.

Outro material encontrado no Arquivo é uma coleção chamada Maços de População, onde há censos anuais da capitania de São Paulo feitos entre 1765 e 1850. Nestes censos encontra-se um levantamento minucioso com nomes das pessoas, constituição das famílias, nomes dos escravos, propriedades, etc. Nilson tem microfilmado toda a parte relativa a Itu e

⁴ *Tribuna de Indaiá*, 03/12/98, pág. B-1.

⁵ Por essa dedicação à história de Indaiatuba, no dia 9 de dezembro de 1998, Nilson recebeu o título de Cidadão Indaiatubano em uma sessão solene na Câmara Municipal.

transcreve as informações que dizem respeito aos bairros que compunham Indaiatuba nesta época.

Vale lembrar que, até 1965, Indaiatuba esteve subordinada juridicamente a Itu. Sendo assim, outra fonte rica em material são os livros de notas e outros documentos da Comarca de Itu. Na Cúria Metropolitana de Campinas, Nilson encontrou cerca de 50 volumes que tratam da Paróquia Nossa Senhora da Candelária, com registros de óbitos, batizados, casamentos e livros de tomo da Igreja Matriz. Já os livros da Paróquia de Indaiatuba anteriores a 1830, foram encontrados e consultados por Nilson na Cúria Diocesana de Jundiaí.

Para completar as fontes de dados que orientam a pesquisa, Nilson conta com a Fundação Pró-Memória de Indaiatuba. Lá ele utiliza os livros da Câmara Municipal, a principal instituição administrativa da Vila de Indaiatuba. “Existe uma grande quantidade de livros do Executivo e do Legislativo, nem conheço tudo”, comenta.

Em sua casa, Nilson mantém uma biblioteca auxiliar de cerca de 300 livros que possuem citações de Indaiatuba, Itu, Campinas, Jundiaí e Capivari. “Meu trabalho ainda está em fase de ordenação do material colhido”, avisa Nilson. O objetivo dele é fornecer informações para outros pesquisadores de uma forma facilitada, por isso, está dividindo sua pesquisa em sete volumes: famílias, escravos, fazendas, biografias, evolução urbana, matriz e cronologia. “Gostaria de ir publicando aos poucos, mas ainda não achei como”, lamenta.

Documentos revelam a Indaiatuba de antigamente⁶

O nome Indaiatuba provavelmente nem era cogitado nesta região, ainda pertencente a Itu, quando alguns documentos do acervo de Nilson Cardoso de Carvalho surgiram. O pesquisador encontrou tais preciosidades em lugares como o Arquivo do Estado de São Paulo, o Cartório do 1º Ofício de Itu e a Cúria Metropolitana de Campinas.

Nilson copiou os documentos e os organizou por tópicos: famílias, escravos, fazendas, biografias, evolução urbana, matriz e cronologia. Aos poucos, o material está sendo digitado para que seja melhor conservado.

O material que diz respeito às fazendas, por exemplo, permite mapear a área rural da cidade. Neste tópico, Nilson destaca um auto de divisão da Fazenda Quilombo, datado de 1795. “A fazenda Quilombo era formada por mais de mil alqueires de floresta com mato trancado”, conta o pesquisador. “Alguns escravos fugiram e se estabeleceram no meio desta floresta às margens de um rio, por isso chama Quilombo.”

O documento mostra que as terras eram de propriedade de Anna Maria Xavier Pinto da Silva. Quando ela faleceu, em 1795, a área foi adquirida por alguns outros proprietários e, algumas décadas depois, pelo menino Agostinho Rodrigues de Camargo, por meio de seu tutor, João Tibiriçá Piratininga. Com o tempo, Agostinho se firmou como senhor de engenho e depois como produtor de café. “Ele teve uma descendência muito grande”, relata Nilson. “Entre seus filhos estava Augusto de Oliveira Camargo, dono da Fazenda Itaoca. A fazenda foi vendida e o dinheiro aplicado na construção do hospital.”

Outro documento destacado por Nilson é um “Summario de culpa”, de 1867. Trata-se de um processo criminal envolvendo vários moradores da cidade acusados de instigar uma subversão de escravos na Vila de Indaiatuba, no dia 11 de dezembro de 1866. O texto minucioso relata que naquela data comemorava-se o Dia de São Benedito (padroeiro dos escravos) e por isso a vila estava cheia de negros.

“Provavelmente, nesse dia os senhores concediam licença para que os escravos fossem à vila”, descreve o pesquisador. Segundo o relato do processo criminal, um escravo bêbado foi preso pelo subdelegado da vila.

⁶ *Tribuna de Indaiá*, 10/12/98, pág. B-2.

Tal escravo pertencia ao subdelegado suplente, José de Sampaio Góes, que abriu as portas da prisão. “Devia ser um espetáculo muito interessante porque na frente da cadeia estava reunido grande número de escravos que aplaudiam a ação do suplente”, imagina Nilson.

Os detalhes também fazem parte das “Posturas da Câmara Municipal da Villa de Indaiatuba”, de 1861. Medidas das calçadas, terrenos, casas e alinhamentos das ruas mostram as preocupações dos vereadores da época. Há também outros aspectos menos urbanos tratados no código, tais como locais para plantações, extinção de formigas e tratamentos de animais.

Esta é uma amostra mínima de todo o acervo de Nilson. Como se vê, os documentos permitem análises de vários aspectos envolvidos em cada fato. Cada um deles abre um leque de novas pesquisas complementares que precisam ser realizadas.

A história de Joaquim Emígdio de Campos Bicudo⁷

A *Tribuna* abre, hoje, o espaço da Seção Pró-Memória para Nilson Cardoso de Carvalho⁸. Pesquisador da história da cidade, Nilson desenvolveu, entre outras, a biografia de Joaquim Emígdio de Campos Bicudo, descrita a seguir. Para chegar a esses dados, ele recorreu a várias fontes como livros de registros da Paróquia de Nossa Senhora da Candelária, documentos do Cartório de Notas de Indaiatuba, textos de outros pesquisadores e entrevistas com descendentes do biografado. Nilson espera uma oportunidade para publicar este e outros trabalhos. Confira:

“Nasceu na Freguesia de Indaiatuba, aos 5 de novembro de 1843, filho de João de Campos Bicudo e Ana Gertrudes de Campos, descendentes de antigos habitantes do lugar. Joaquim Emígdio de Campos Bicudo foi uma das figuras mais importantes da Vila de Indaiatuba na segunda metade do século dezanove. Seu nome está presente em todas as atividades de interesse relevante para a comunidade na época. Foi Coletor de Rendas Gerais e Provinciais, comerciante, fazendeiro-cafeicultor e industrial em Indaiatuba. Exerceu os cargos de vereador na época do Império e de subdelegado no início da República. Fazia parte das Mesas Paroquiais, cuja função era organizar e proceder às eleições para cargos públicos municipais, provinciais e gerais. Entre outras atividades de mérito exercidas por Joaquim Emígdio, podemos citar:

Organizou uma subscrição pública para a construção do prédio da estação de estrada de ferro, muito importante, pois não dispo de local próprio, o trem fazia sua parada em frente às casas da turma de conservação da linha férrea, a céu aberto, sem proteção alguma para cargas e passageiros. Esse prédio, que ficou pronto em 1880, foi doado à Cia. Ituana e serviu de estação até 1911, quando, com a construção da nova estação, passou a servir de armazém.

⁷ *Tribuna de Indaiá*, 17/12/98, pág. B-1.

⁸ Embora o texto não seja de autoria de Ana Ligia Scachetti, optou-se por mantê-lo no livro dadas as importantes informações que contém e, também, por dar continuidade às duas matérias imediatamente anteriores.

Foi um dos responsáveis pela construção da casa da Câmara e Cadeia, prédio inaugurado em 1890 e que durante 74 anos serviu ao Município como sede de seus poderes legislativo e executivo.

Participou da junta de classificação dos escravos para serem libertados pelo Fundo de Emancipação no Município de Indaiatuba.

Fundou, em 1887, juntamente com outros indaiatubanos ilustres, o diretório do partido Republicano em Indaiatuba.

Esses são alguns exemplos de trabalhos de interesse comunitário realizados por Joaquim Emígdio de Campos Bicudo. Casou-se em 1875 com D. Escolástica Angelina da Fonseca, filha do abastado fazendeiro de Indaiatuba capitão José Manoel da Fonseca Leite, de quem o casal recebeu a Fazenda Pau Preto como dote de casamento. Esta fazenda, que desde o final do século 18 produzia cana-de-açúcar, tinha sua sede e seus engenhos na confluência dos córregos Melchior e Bela Vista, e se encontrava nesta época em franca decadência, com suas terras abandonadas. Joaquim Emígdio, que era comerciante, deixou sua loja de tecidos para tomar conta da fazenda, onde introduziu com sucesso a cultura do café, chegando alguns anos depois a ter uma plantação de 90 mil pés.

Em 1885 arrematou, em praça pública, a chácara que tinha sido do vigário Antônio Cassemiro da Costa Roris, a qual tinha como sede o casarão situado nas imediações da Igreja Matriz. Juntando esta chácara a uma outra que já possuía, ligou ambas às terras da Fazenda Pau Preto, cuja sede transferiu para o casarão, nas imediações da Matriz. Ali Joaquim Emígdio construiu, ligado ao casarão, um edifício, onde instalou uma máquina de beneficiar café movida a vapor. Esta foi, provavelmente, a primeira indústria movida a vapor instalada na área urbana de Indaiatuba e que funcionou durante muitos anos, constando, em 1910, como a única máquina de beneficiar café na cidade.

Os dados deste texto foram todos baseados em documentos escritos. Acrescento, agora, informações de sua neta, Regina Bicudo do Valle, que me foram transmitidas em depoimento pelo engenheiro José Luiz Bicudo do Valle:

Antes de se casar, Joaquim Emígdio realizou diversas viagens ao Rio de Janeiro, então capital do Império, de onde trazia sob encomenda produtos para serem revendidos entre seus amigos e conhecidos.

Foi proprietário da casa situada no canto da Rua Candelária, travessa da Matriz, onde ele, José Luiz, reside atualmente. A casa foi adquirida em hasta pública. Joaquim Emígdio nunca morou nessa casa. Após seu falecimento ela era usada eventualmente pela viúva, Escolástica, que tendo passado a residir na cidade de Itu, vinha de vez em quando a Indaiatuba. Posteriormente a casa foi emprestada a uma parente, Nha Luiza, filha de Querubim de Campos Bicudo, irmão de Joaquim Emígdio, que a utilizou como pensão durante alguns anos.

Uma das características de Joaquim Emígdio era seu gosto e habilidade para lidar com construções. Era um construtor. Foi ele o proprietário que levantou o primeiro sobrado edificado na área urbana de Indaiatuba, localizado no largo da Matriz, esquina da Rua Candelária. Outra construção levantada por ele foi aquela de tijolo à vista, ligada ao casarão da Fazenda Pau Preto e que abrigava a máquina de beneficiar café. Sempre que a Igreja Matriz necessitava de obras civis de reparo, restauro ou ampliação, Joaquim Emígdio era encarregado de realizá-las.

Outro traço característico era seu espírito independente; traço este que ficou bem evidente na recusa que fez ao sogro, o capitão José Manoel da Fonseca Leite Júnior, quando este poderoso capitalista destinou a ele a direção da casa comissária de café que possuía em Santos; Joaquim Emígdio, arcando com as conseqüências de seu ato, disse não ao capitão, preferindo permanecer em Indaiatuba, cuidando de seu café com todas as dificuldades, a morar em Santos com as regalias que lhe oferecia o cargo naquela cidade.

Em abril de 1892, Joaquim Emígdio encontrava-se de cama acometido de pneumonia, quando vieram lhe contar que havia pegado fogo no pasto de sua propriedade. Levantou-se e, convocando seus empregados, dirigiu-se ao local, junto à passagem dos trilhos da estrada de ferro Ituana, onde o fogo se alastrava e, apesar de doente, comandou os trabalhos para debelar o incêndio. Esse esforço extraordinário, para quem estava muito doente, custou-lhe a vida. Faleceu no dia 16 de abril de 1892 e foi sepultado no cemitério de taipas da Rua Candelária.

Joaquim Emígdio faleceu com apenas 48 anos, quando muito tinha ainda a realizar, deixando viúva Escolástica com oito filhos, tendo 15 anos o mais velho e 4 anos a criança mais nova.

Escolástica da Fonseca Bicudo, com auxílio de seu pai, assumiu a direção dos negócios e a tutela de seus filhos. Criou-os todos, com dedicação e firmeza, impondo-se como pessoa de respeito perante as comunidades de Indaiatuba e Itu, onde também residiu.

Descendência

O casal teve os filhos: Luiz Gonzaga da Fonseca Bicudo, Francisco de Campos Bicudo, José Francisco Bicudo, Joaquim Emígdio de Campos Bicudo Filho, Tereza Bicudo Almeida Prado, Maria do Carmo Bicudo Ferraz, Ana Fonseca Bicudo e João da Fonseca Bicudo.

João da Fonseca Bicudo, ancestral da família Bicudo de Indaiatuba, tal como seus pais, residiu no casarão da Fazenda Pau Preto. Foi casado com sua prima Maria José Ferraz e teve os filhos: Fábio Ferraz Bicudo, Regina Ferraz Bicudo do Valle e João da Fonseca Bicudo.

Residem atualmente em Indaiatuba: João Bicudo do Valle, eng.º Raul David do Valle e o eng.º José Luiz Bicudo do Valle, filhos de Regina; e Fernando L. Bicudo, filho de Fábio Ferraz Bicudo.

A verdadeira história do Casarão do Pau Preto⁹

A maioria dos indaiatubanos sabe que o Casarão do Pau Preto faz parte da história da cidade e precisa ser preservado. Mas será que as pessoas conhecem realmente a história deste prédio? Os levantamentos feitos até agora indicam que ele foi construído entre os anos de 1810 e 1820, quando a capitania de São Paulo estava em pleno ciclo¹⁰ da cana de açúcar.

Para construí-lo foram utilizados braços escravos que punham em prática o método da taipa de mão ou pau-a-pique. Este método começava com um trabalho de carpintaria para que a casa fosse toda armada em madeira. Para a construção das paredes era montada uma trama de paus roliços, amarrada com cipó. Em seguida, atirava-se barro ao mesmo tempo do lado de dentro e de fora da trama. Foi usada também a taipa-de-pilão, isto é, a parede de barro socado com mão de pilão; as paredes do Casarão com esta técnica vão dos alicerces até a altura dos parapeitos das janelas.

No início, o Casarão não pertencia à Fazenda Pau Preto, mas era a sede de uma chácara de aproximadamente 15 alqueires de propriedade do Padre Antonio Cassemiro da Costa Roris, pároco de Indaiatuba de 1841 a 1884.

Na segunda metade do século 19, Joaquim Emíldio de Campos Bicudo recebeu a Fazenda Pau Preto como dote ao se casar com Escolástica Angelina Fonseca. Em 1885, ele adquiriu a chácara e o Casarão em hasta pública e transformou-o na sede da fazenda, cujas terras divisavam com as da chácara, construindo uma parte nova, de tijolo à vista. Bicudo iniciou na Fazenda a cultura do café, com grande sucesso e, inclusive, instalou no local (onde hoje esta a tulha) a primeira máquina de beneficiar café da cidade.

Por mais de cem anos, então, o Casarão foi propriedade da Família Bicudo, que teve a preocupação de conservá-lo. Em 1982, no entanto, o espaço seria loteado e vendido. Iniciou-se na cidade um movimento contrário a esta providência. Passeatas, reuniões e protestos pela imprensa conseguiram que o prefeito Clain Ferrari baixasse o decreto 2.394, de 20 de abril de 1982, que declarava o local como de utilidade pública. Mas esse

⁹ *Tribuna de Indaiá*, 12/11/98, pág. B-2.

¹⁰ “Ciclo” cf. Alfredo Ellis Júnior citado por Petrone, Maria Thereza Schorer em *A Lavoura Canavieira em São Paulo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968, p. 9.

decreto seria revogado pelo próprio Clain, em dezembro daquele mesmo ano.

Em 24 de fevereiro de 1983, o novo prefeito, José Carlos Tonin, voltou a declarar o prédio como de utilidade pública a fim de ser adquirido mediante desapropriação. A finalidade era instalar no local um museu histórico, um centro cultural e um parque de lazer. Um ano depois, nova manifestação aconteceu contra a abertura da Rua Dom José, que atravessaria o bosque do Casarão.

Em 1985, depois de passar por uma restauração, finalmente o Casarão voltou a fazer parte do cenário de Indaiatuba, abrigando exposições e o Departamento de Cultura da Prefeitura (com o tempo, sediaria ainda o museu da cidade, a Biblioteca Municipal e a Secretaria da Cultura). Ele está assim até hoje. Um passeio pelo Casarão permite, ao mesmo tempo, conhecer o que há de mais novo na produção cultural indaiatubana, aproveitar a sombra das árvores centenárias que há no bosque ou ainda refletir sobre como era a vida dos negros que viviam na senzala.

Igreja Matriz marca o princípio de Indaiatuba¹¹

De acordo com as lembranças registradas por indaiatubanos antigos, a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Candelária é um marco dos primórdios desta cidade. O prédio original, construído em taipa, foi demolido e a capela passou por sucessivas reformas até que chegasse no estilo dos dias de hoje. Sabe-se que já em 1832 a Câmara utilizou o salão da Matriz para se reunir.

De acordo com Scyllas Leite de Sampaio e Caio da Costa Sampaio (autores de *Indaiatuba - sua história*), a construção do prédio atual da igreja foi iniciada em 1807. Aos poucos, a antiga capela foi demolida e o aspecto exterior definitivo foi concluído em 1865. Na frente, havia apenas um local para os sinos do lado direito e uma parede ou “torre falsa” do lado esquerdo.

O relógio da fachada foi comprado com uma doação de 600.000 réis feita por José Manoel da Fonseca Leite, conforme registro em ata da Câmara em 1877.

Foi por volta de 1915 que o padre Eduardo Pais Moreira conseguiu a verba necessária para a construção das torres da igreja. O doador foi João Bueno de Camargo, “um indaiatubano muito rico e católico” (nas palavras de Antonio Zoppi).

Nesta época, em frente à igreja, a paisagem também era diferente. Havia o que se chama de largo, uma área mais aberta que a existente atualmente, ladeada de palmeiras. As palmeiras substituíram um cemitério que existia no pátio da Matriz durante os séculos XVIII e XIX. Mas, durante a Revolução de 1932, as árvores foram derrubadas, conforme conta Dilermando Pedroso de Barros em suas *Lembranças de Menino*.

Sem bancos

No livro *O Tempo e a Gente*, Sylvia Teixeira de Camargo Sannazzaro lembra que, no início, a igreja não possuía bancos e os fiéis levavam seus próprios assentos. Depois, foram construídos bancos por meio de doações, sendo assim, cada lugar tinha o nome e as características de seu proprietário. Esta heterogeneidade acabou por mando do padre Antônio Moreira, que construiu todos os bancos iguais.

¹¹ *Tribuna de Indaiá*, 19/02/00, pág. B-4.

Outro aspecto importante, segundo Sylvia, eram os sinos que avisavam a população não somente dos horários de celebrações, mas também de outras funções religiosas, como a extrema unção, por exemplo. A cronista lembra que os sinos da igreja também poderiam chamar o público para alguma emergência, como quando aconteceu o incêndio no armazém do senhor Boselli, em 1937.

Durante o século XX, as reformas continuaram a acontecer. Henrique Ifanger escreveu em suas memórias que foi convocado pelo padre Hermínio Berlasconi¹² para trabalhar na campanha pela reforma que foi concluída em 1969. Foram trocados o forro, a pintura e a iluminação, sendo que o estilo colonial foi mantido. Na *Tribuna* de 30 de agosto de 1986, mais uma campanha para atualizar a igreja é noticiada. Desta vez, foi incluído no projeto a limpeza das telhas, a reforma do forro e a substituição das laterais que haviam sido afetadas por cupins.

¹² Trata-se, na verdade, do padre Hermínio Bernasconi, pároco da cidade no período de fevereiro de 1967 a fevereiro de 1970.

Reforma do Haoc faz lembrar história¹³

Falar em reforma ou ampliação do Hospital Augusto de Oliveira Camargo (Haoc) traz à tona a grandiosidade que cercou sua inauguração tanto no que dizia respeito aos avanços da medicina, como na área da arquitetura e das artes.

O Haoc começou a ser construído em 10 de outubro de 1928, por iniciativa do casal Augusto de Oliveira Camargo e Leonor de Paula Leite Barros Camargo. Francisco de Paula Leite viajou aos Estados Unidos exclusivamente para observar o estilo das construções daquele país e supervisionou a obra em Indaiatuba.

Os melhores materiais foram utilizados sob responsabilidade do arquiteto Armando de Maia Lello. Boa parte dos equipamentos veio do exterior, cimento e canos foram trazidos da Alemanha e da Inglaterra vieram as peças dos sanitários.

Resultado: em 27 de junho de 1933, dia em que o Sr. Augusto completava 82 anos, o Hospital foi inaugurado. A construção tomava uma área de 4.500 metros quadrados e possuía o triplo da iluminação de toda Indaiatuba, na época com cerca de 3 mil habitantes.

O evento mereceu destaque em jornais como *Diário da Noite*, *Folha da Noite*, *Diário Carioca* e *O Estado de São Paulo*. Este último justificava a matéria pelo “majestoso espetáculo” oferecido pela construção em estilo colonial.

A grandiosa obra foi orçada em 6.600 contos de réis. Nestes gastos incluem-se obras de vários artistas contratados para executar telas e esculturas que serviriam de adorno para as áreas internas e externas da instituição.

Aliás, estas obras mostram a fé do casal benfeitor. Logo na entrada do Hospital, encontram-se as esculturas de São Francisco de Paula (à esquerda) e Santo Agostinho (direita). O Cristo está esculpido de braços abertos antes do prédio principal e, no pátio interno, encontra-se uma cópia da obra *Caridade*.

¹³ *Tribuna de Indaiá*, 09/04/98, pág. B-1.

O Cristo e os bustos de Leonor e Augusto foram esculpidos por Giulio Starace, nascido em Giugliano, em 8 de fevereiro de 1885, e formado pela Academia de Belas Artes de Nápoles.

A capela é um caso à parte, em que se destaca a reprodução de *Pietà*, de Michelangelo, feita por Oscar Pereira da Silva. Já *Nossa Senhora da Imaculada Conceição*, de Murilo, foi reproduzida por Virgílio do Patrimônio. O altar e a reprodução em relevo da via-sacra, na parede, são obras do artista Fávero.

Aqueles que tiverem oportunidade de entrar no prédio do Haoc, certamente, se espantarão com o luxo encontrado em locais como o salão nobre (ainda hoje, uma sala de reuniões) e nas antigas acomodações do casal.

Benfeitores

O casal Leonor e Augusto conseguia que o Hospital fosse auto-suficiente na produção de leite, legumes, verduras e produtos avícolas. Os outros recursos necessários para manutenção da instituição vinham do aluguel da Vila Itororó, um imóvel da família localizado em São Paulo e que hoje é considerado patrimônio histórico e cultural.

Durante vários anos, a direção do Hospital esteve a cargo das freiras da Imaculada Conceição. Mais tarde, o encargo passou para a Prefeitura Municipal, sendo que no ano passado foi devolvido para a Fundação Beneficente Leonor de Barros Camargo, que representa a família do casal.

Além de ter sido uma figura importante na política e sociedade indaiatubana, Augusto (que faleceu em 1937) trabalhou na indústria paulistana e, neste período, acumulou o que a escritora Sylvia Teixeira de Camargo Sannazzaro (em *O Tempo e a Gente*) qualifica como uma “respeitável fortuna”.

É esta boa condição financeira que permitiu a ele e Leonor financiarem não só o Haoc, como também a expansão da rede de distribuição de água da cidade - 475:000\$000 (475 contos de réis) e a construção do Grupo Escolar que abrigaria a EEPSG Randolpho Moreira Fernandes – 125:000\$000 (125 contos de réis).

Preservação

Diante de tal história, não é difícil entender porque o Conselho Municipal de Preservação fez uma resolução declarando o Haoc e toda a área ao seu redor de interesse para a preservação. “Toda interferência que o Haoc venha a sofrer tem que passar pela apreciação do Conselho”, explica a presidente do Conselho, Deize Clotildes Barnabé de Moraes.

E, para a ampliação que agora é estudada, o processo está sendo cumprido. Segundo Deize, o Conselho está recebendo os projetos da obra e analisando vários aspectos para que as mudanças não venham a interferir na fachada e no estilo do Hospital.

Prédio da Administração Regional é a edificação mais antiga de Indaiatuba¹⁴

Engana-se quem pensa que o prédio mais antigo da cidade é o Casarão do Pau Preto. Este nobre título pertence sim à sede da Fazenda Engenho D'Água, que atualmente abriga a Administração Regional do Jardim Morada do Sol, na Rua Zephiro Puccinelli. Para alívio dos preservacionistas, a edificação já está em processo de tombamento, portanto, já é legalmente protegida e não pode haver alterações sem a aprovação do Conselho Municipal de Preservação.

O principal documento feito a respeito do prédio é do engenheiro agrônomo Celso Lago Paiva, técnico especialista em Patrimônio Histórico Edificado, colaborador constante da Fundação Pró-Memória. Em seu relatório, Paiva explica por que a sede da Fazenda Engenho D'Água deve ser preservada.

Embora a ocorrência mais antiga esteja no “Livro de Registros de Terras da Freguezia de Indaiatuba”, datado de 18 de setembro de 1855, acredita-se que ele foi erguido por volta de 1770, antes portanto do núcleo urbano que inclui a Igreja Matriz, a Casa Número 1, etc.

Trata-se de uma construção em taipa-de-pilão. As paredes originais têm espessura de 0,64m a 0,75m. Atualmente, já foram acrescentadas algumas paredes de tijolos, bem como portas e piso novos.

Construído com a frente para o Ribeirão Barnabé (atualmente, Córrego Barnabé), o prédio serviu de sede para a fazenda produtora de açúcar e, posteriormente, de café e está num estado de conservação considerado “excelente” por Paiva, pois sempre foi utilizado.

No século passado, servia de moradia para membros da família Barnabé. Depois, foi utilizado como depósito de equipamentos agrícolas e, mais tarde, sofreu duas reformas pela Prefeitura, uma para receber uma escola e outra para passar a ser a sede da Administração Regional.

¹⁴ *Tribuna de Indaiá*, 10/06/99, pág. 6.

Escola trouxe curso ginásial e colegial para Indaiatuba¹⁵

A EEPSG Dom José de Camargo Barros surgiu no dia 8 de junho de 1950, com o nome de Ginásio Estadual de Indaiatuba, funcionando junto do Grupo Escolar Randolpho Moreira Fernandes (Praça Dom Pedro II). Como lembra Paulo Celso de Freitas (em artigo publicado na *Tribuna*, em 6 de junho de 1965), era uma época em que as escolas surgiam impulsionadas pelo clima pós-Segunda Guerra Mundial.

Freitas, que em 1965 era diretor do Dom José, recorda-se ainda que antes de 1950 poderia se contar com facilidade quantos habitantes de Indaiatuba tinham o curso ginásial. Ao terminar o primário no Randolpho, a maioria dos jovens ia trabalhar em indústrias ou na lavoura. Apenas os que tinham uma condição financeira privilegiada conseguiam seguir os estudos em Campinas ou Itu.

Em 1952, formou-se a primeira turma do curso ginásial de Indaiatuba, da qual faziam parte Cléa Thereza Ambiel, Irma Sanches, Cássio Odnei Garcia Munhoz, Daltro Magnusson e Rafael Elias José Aun. Cinco anos mais tarde, a escola passou para o prédio da maternidade construída na gestão de Jacob Lyra (01/01/1952 a 31/13/1955), prédio onde hoje situa-se a Fiec¹⁶, recebeu o curso colegial e passou a ser chamado de Colégio Estadual de Indaiatuba.

A lei número 4875, de 5 de setembro de 1958, fez nova alteração no nome da instituição que passou a chamar Colégio Estadual Dom José de Camargo Barros. Mas só em 1975 a escola começou a funcionar em suas instalações próprias, onde está até hoje.

¹⁵ *Tribuna de Indaiá*, 11/06/98, pág. B-1.

¹⁶ De acordo com a Síntese Histórica do Colégio, publicada na página 3 do *Jornal Comemorativo do Jubileu de Prata do Colégio Estadual “D. José de Camargo Barros”*, de junho de 1975, a instalação da escola neste prédio ocorreu no dia 17 de fevereiro de 1957. Antes disso, a edição da 2ª quinzena de janeiro de 1956 da *Gazeta de Indaiatuba* traz a seguinte referência ao Ginásio Estadual de Indaiatuba, em matéria publicada na página 2: “Na Avenida Presidente Vargas (estrada que demanda Campinas) o dinâmico prefeito Jacob Lyra, fez construir um prédio majestoso, projetado para instalação de um Hospital e Maternidade, o qual poderá ser adaptado para instalação do Ginásio Estadual, que até hoje se encontra funcionando sem prédio próprio, pois, o prédio que o Sr. Jacob Lyra projetou, na Rua Candelária esquina da Rua Padre Vicente Rizzo, por motivo alheio a sua vontade, não chegou a ser concluído.”

Patrono

José de Camargo Barros nasceu no dia 24 de abril de 1858, no Sítio Barreiros (hoje, Fazenda Itaguaçu), em Indaiatuba. Aos 19 anos, foi admitido no Seminário de São Paulo, dirigido por padres franciscanos, onde precisou trabalhar para pagar os estudos. No dia 11 de março de 1883, José realizou seu sonho se tornando sacerdote e, mais tarde, ocupou o cargo de vigário da Igreja Santa Efigênia, em São Paulo. Durante o período em que ficou à frente desta paróquia, ele promoveu a reforma da igreja, instituiu definitivamente aulas de catecismo e fundou o jornal católico *O Lidador*.

Dez anos depois de se tornar sacerdote, em 21 de setembro de 1893, Dom José recebeu o título de bispo da recém-criada Diocese do Paraná e Santa Catarina. Só em 1904 ele voltou a São Paulo e entrou solenemente na Catedral como o 11º bispo diocesano do Estado.

Dom José faleceu em 1906, num naufrágio, quando voltava para o Brasil depois de mais uma visita a Roma. Em Indaiatuba, além do nome da escola, o bispo foi homenageado com um busto localizado em frente à Igreja Matriz de Nossa Senhora da Candelária.

Escola Candelária comemora seus 41 anos¹⁷

Daqui a uma semana a Escola de Comércio Candelária (ou melhor, o Colégio Candelária Ensino Médio e Profissionalizante, como manda o protocolo) completa 41 anos de funcionamento. Lutando para sair da crise financeira, o diretor interino padre João Augusto Piazza prepara a abertura de novos cursos de ensino médio profissionalizante e ensino fundamental para o próximo ano.

Atualmente, a escola está com 110 alunos divididos nos cursos de contabilidade, informática e ensino supletivo. “Estamos tendo apoio, incentivo e solidariedade de todos os lados, inclusive do governo da cidade”, conta o padre.

A Escola Técnica de Comércio Nossa Senhora da Candelária surgiu no segundo semestre de 1958 por iniciativa do padre Carlos Menegazzi. Matérias na *Tribuna* da época informam que a cidade tinha uma população escolar de 2 mil pessoas e o novo colégio representava uma alternativa para os alunos que precisavam trabalhar.

Acontece que as aulas de ginásio¹⁸, à noite, haviam sido extintas, por isso, vários alunos desistiram no ano seguinte. Além disso, a cidade passava por um período de desenvolvimento industrial e não havia qualquer ensino profissionalizante.

Sendo assim, primeiramente, aconteceu o cursinho preparatório de admissão e no dia 2 de março de 1959 as aulas tiveram início, à noite, no prédio que abrigava o Grupo Escolar Randolfo Moreira Fernandes (na época, dirigido por Milton Leme do Prado).

Feita uma seleção prévia, a classe do 1º ano básico (correspondente ao ginásio) foi formada por 38 alunos e a do curso técnico (que formava contadores) por 18 pessoas. O padre Carlos ficou com a administração geral do estabelecimento, acompanhado pela professora Yolanda Steffen (diretora de estudos), Sálvio Antonio Martins (secretário) e José Pavani (caixa).

¹⁷ *Tribuna de Indaiá*, 21/08/99, pág. B-5.

¹⁸ Segundo a *Tribuna de Indaiá* de 31/08/58, durante o primeiro ano de funcionamento do Ginásio Estadual no período noturno houve muitas matrículas de estudantes que trabalhavam durante o dia, os quais desistiram do curso quando de sua mudança para o período diurno.

O quadro de professores era formado por Terezinha de Jesus C. Camargo (português), Dalva Martinhão (matemática), Walter Hoffman (inglês e elementos de economia), Lúcia Steffen (geografia e história), Onesi Magnusson (desenho), Adelaide Gomes Teixeira (caligrafia), Osvaldo Almeida Moraes (física e química), Francisco di Giovanni (contabilidade geral) e Silvio Antonio Martins (mecanografia).

Levantamento feito pela Fundação Pró-Memória de Indaiatuba mostra que, quando a escola foi fundada, cerca de 320 crianças se formaram na 4ª série e apenas 15% puderam cursar o Ginásio Estadual. Face a isto, a procura pela Escola de Comércio foi grande e, em 1960, ela já contabilizava 102 alunos (número bem próximo ao de hoje, diga-se de passagem).

Entre 1962 e 1963, Guerino Lui e José Luiz Teixeira de Camargo comandaram a construção do prédio próprio no terreno doado pela Prefeitura, na Rua Padre Vicente Rizzo, onde está até hoje.

Depois do padre Carlos, assumiram a direção da escola os padres Claret de Toledo Piza e Francisco de Paula Cabral de Vasconcelos. Em 1982, o comando passou para as mãos do professor Edjair Claro de Oliveira, que foi auxiliado por Nevil Bonachela. Alguns anos mais tarde, em 1984, a escola atingiria seu ápice, somando 500 alunos.

No início de 99, no entanto, o padre Piazza se viu obrigado a dispensar os diretores e assumir o cargo para driblar a crise financeira, contando com apenas 122 alunos.

Quase um século de história na praça central¹⁹

Cartão-postal do centro da cidade, a Praça Prudente de Moraes mereceu a atenção de vários prefeitos e sofreu inúmeras alterações até atingir o aspecto atual.

O local onde hoje está a fonte luminosa, sustentou, no século passado, o prédio da Câmara e Cadeia Pública, o que lhe rendeu a denominação de Largo da Cadeia. Esse mesmo edifício serviu como sede para a Intendência do Município e depois Prefeitura.

A primeira lei a respeito da praça registrada na Fundação Pró-Memória de Indaiatuba data de 9 de novembro de 1907. Nela, o “Intendente Municipal”, Major Alfredo de Camargo Fonseca, é autorizado a gastar de 1.500\$000 a 2.000\$000 réis para a construção de um jardim e embelezamento da Praça Prudente de Moraes.

Nove anos depois disso foi construído o coreto, com estrutura de madeira. Logo, a praça se transformou em ponto de encontro para os jovens da época que promoviam o *footing*, embalados pelas bandas e, mais tarde, o serviço de alto-falantes. Dos namoros iniciados ali, nasceram várias das atuais famílias indaiatubanas.

Enquanto os brotos desfilavam seus vestidos de bolinhas, os prefeitos promoviam uma espécie de jogo de poder. Cada um deixou sua assinatura como pôde. Em 1955, durante a administração de Jacob Lyra, o antigo coreto foi derrubado, dando lugar à estrutura que se encontra na praça até hoje.

Dez anos depois (1965), Romeu Zerbini inaugurou a fonte luminosa. Mais um ano e ele comandou a cerimônia de abertura do novo Paço Municipal, no terreno em frente à Praça, prédio que serve como sede do Poder até hoje. Mário Araldo Candello é outro prefeito que investiu na praça central, em 1969, implantando o novo sistema de iluminação com lâmpadas de mercúrio de 400 watts.

Na década de 80, a Prudente de Moraes assistiu às disputas dos jovens indaiatubanos divididos entre o Indaiatuba Clube e o 9 de Julho, cada um localizado de um lado do terreno. Em volta do coreto, os *head-bangers*

¹⁹ *Tribuna de Indaiá*, 03/09/98, pág. B-3.

(“metaleiros” da época) marcavam presença até altas horas da madrugada dos sábados.

Nem as administrações mais recentes deram descanso ao disputado lugar, muito pelo contrário. Em 1995, na gestão de Flávio Tonin (PMDB), a praça teve que vencer uma de suas maiores batalhas. O prefeito pagou R\$ 45 mil por um projeto que previa a retirada do coreto, da fonte (já desativada havia vários anos) e a construção de uma choperia.

A Fundação Pró-Memória e a Associação Ecológica Chico Mendes formaram algumas das frentes contrárias à reforma radical. Depois de quase um ano de bate-boca, a obra, orçada em R\$ 500 mil, foi descartada por falta de verbas.

Logo que venceu a eleição, em 1996, o prefeito Reinaldo Nogueira (PDT) citou a reativação da fonte luminosa como um de seus projetos, concretizado na semana passada. Na reforma, realizada em parceria com a iniciativa privada, o objetivo foi resgatar no coreto as características da década de 60. O resultado final está dividindo opiniões entre a população e até mesmo dentro da Fundação Pró-Memória. Uma coisa é certa: dificilmente esta será a última polêmica.

Rua Humaitá, 773: de Cotonifício a Shopping²⁰

No próximo dia 28, o Shopping Center Indaiatuba completa cinco anos de existência. Antes de ser o centro comercial de hoje, no entanto, o prédio localizado na Rua Humaitá, 773 já fazia história como o Cotonifício Indaiatuba S/A.

A velha fábrica de fiação de algodão foi aberta em 3 de dezembro de 1946. Quase dez anos depois, em janeiro de 1956, *A Gazeta de Indaiatuba* enaltecia o empreendimento como símbolo do progresso da cidade. Nessa época, o Cotonifício tinha 450 funcionários, com os quais gastava Cr\$ 1.200.000,00 mensalmente.

A idéia de aproveitar a boa localização do antigo prédio, já desocupado, para um empreendimento comercial surgiu em 1988, segundo entrevista de José Roberto Machado de Campos ao jornal *Boa Vida*. Por três anos, ainda de acordo com o mesmo texto, foram realizadas pesquisas para verificar junto ao público que tipo de investimento deveria ser feito, até que a construção fosse iniciada, em 1990.

O projeto arquitetônico foi idealizado pela empresa paulistana Seleme Arquitetura. A idéia de Machado era manter a fachada da antiga fábrica “como forma de preservação do patrimônio histórico da cidade”. O objetivo se concretizou e até serviu para criar uma certa expectativa. No período de construção, os velhos muros da fábrica escondiam o que era arquitetado no interior do prédio.

Finalmente, no dia 29 de setembro de 1993, o prédio voltou a ser marco de progresso na Terra dos Indaiás. Mais do que uma nova opção para os comerciantes locais, o Shopping também se firmou como um novo espaço cultural para a cidade, recebendo exposições de arte, apresentações musicais, campanhas beneficentes e vários outros eventos.

O Shopping trouxe de volta à Indaiatuba a sétima arte, através do Cine Topázio, que iniciou suas atividades exibindo *O Último Grande Herói*, com Arnold Schwarzeneger. A inauguração veio para acabar com um período de quase cinco anos em que a cidade ficou sem cinema algum, depois do fechamento do Cine Alvorada.

²⁰ *Tribuna de Indaiá*, 10/09/98, pág. B-1.

Às vésperas de completar cinco anos, o Shopping entra numa nova fase. No último mês, ele foi vendido para o empresário Nabi Abi Chedid, proprietário do Shopping Ouro Verde e do Shopping Market Place, em construção na cidade de Campinas.

A outra empresa envolvida na história, o Cotonifício Indaiatuba, mudou de nome e agora chama-se Indústria e Comércio Fisa S/A. Atualmente, as máquinas estão em funcionamento na Rua Topázio, no Recreio Campestre Jóia.

De volta ao tempo das ferrovias indaiatubanas²¹

No dia 17 de abril de 1873, foi inaugurada a Estrada de Ferro Ituana que, inicialmente, passava pelos bairros de Pimenta e Itaiaci e, mais tarde, atingiu o centro. Sylvia Teixeira de Camargo Sannazzaro conta, em seus artigos de “O Tempo e a Gente”, que, no início, Itaiaci ficava bem movimentado e era considerado o bairro mais nobre da cidade.

Caio da Costa Sampaio, por sua vez, relata (em texto publicado no *Jornal Votura* de 6 de junho de 1993) que a construção da linha de trem trouxe várias melhorias para Indaiatuba, principalmente a ligação direta com a capital do Estado. A inauguração da linha para São Paulo possibilitou, por exemplo, que o correio chegasse diariamente.

Ao construir a linha na Vila de Indaiatuba, conta Sampaio, a Companhia Ituana fez vários aterros para abrir passagem para os trilhos, obstruindo várias ruas, entre elas a Rua Alegre (atual Rua 9 de Julho). Para amenizar a situação, a Companhia queria apenas construir um bueiro nessa rua, mas os vereadores não concordaram e solicitaram oficialmente que fosse levantado um pontilhão.

Sem receber resposta ao pedido, a Câmara embargou a obra, quando então, finalmente, a Companhia aceitou construir o pontilhão que até hoje pode ser visto na Rua 9 de Julho. Como provocação para os vereadores, a Ituana não levantou a estação de passageiros.

Sentindo a necessidade do prédio, pouco tempo depois, moradores liderados por Joaquim Emílgio de Campos Bicudo providenciaram a construção. Mais tarde, em 1911, a Cia. Sorocabana, sucessora da Cia. Ituana, que faliu, construiu outro prédio para a Estação, passando o antigo, construído pelos moradores, a servir de armazém da Companhia. Assim, surgiu o local que hoje serve de sede para a Guarda Municipal.

Depois as linhas passaram a ser responsabilidade do Estado que criou a Fepasa, hoje adquirida pela Ferrobán.

Neste meio-tempo, encontra-se nos jornais registros de que a movimentação era grande em volta das estações. Em 1940, por exemplo, *O Indaiatubano* mostrava os horários de trens para São Paulo, Campinas, Itu, Piracicaba e São Pedro. Sylvia Sannazzaro recorda que os moleques da

²¹ *Tribuna de Indaiá*, 13/05/99, pág. 6.

cidade ganhavam trocados carregando malas dos viajantes, enquanto alguns adultos aproveitavam para vender quitutes. Além disso, quando havia alguma visita importante, a banda descia para a estação uniformizada e tocava.

Na *Tribuna* de 29 de novembro de 1970, a mesma página que traz o resultado do censo na cidade (30.555 habitantes) noticia que os trens voltariam a trafegar em Itaiaci após o reparo da linha afetada pela chuva.

Já em 1980, *O Democrata* mostra que a estação, desativada, servia de albergue. Quatro anos depois o prédio foi reformado, adaptado e entregue para a GM. Antes disso, em 1983, foi construída a nova linha que corta o Município de Indaiatuba, mas não tem parada na cidade, porque a ferrovia serve apenas para transporte de cargas do Brasil Central ao Porto de Santos (Corredor Ferroviário de Exportação Uberaba - Santos).

Indaiatuba assiste aos primórdios da aviação²²

Nos registros da história indaiatubana da primeira metade do século XX, encontrados na Fundação Pró-Memória de Indaiatuba, há pelo menos três momentos em que a cidade voltou-se para a aviação. O primeiro, em 1921²³, foi quando um teco-teco pousou por essas bandas. Mais tarde, na década de 40, foi instalado um campo de aviação onde hoje existe a Clínica de Repouso Indaiá. E, para completar, na década de 50, tentaram fundar uma escola de aeronáutica.

A passagem do primeiro avião é contada com detalhes nas crônicas de Archimedes Prandini (publicada na *Tribuna*, em 25/7/1965) e de Antônio Zoppi (o “Teco-teco” é o texto mais antigo do livro *Reminiscências de Indaiatuba*). Ambos lembram que toda a população foi para as ruas conferir de perto a máquina que só tinham conhecido pelo cinema.

Acontece que um problema no motor da aeronave obrigou o capitão Bruci, da Polícia do Estado do Paraná, a descer nas terras de Antonio Pinheiro (local em que atualmente encontra-se o Hospital Augusto de Oliveira Camargo). A multidão de indaiatubanos curiosos acompanhou cada momento do conserto. Em volta do aviãozinho foram instalados até tabuleiros de doces.

Archimedes descreve: “Chega o dia da partida, o aviador despede-se e movimenta a hélice, mas devido ao forte vento produzido pela mesma, faz que um dos tabuleiros que se encontrava próximo fosse jogado a certa distância, dando oportunidade a que a molecada se deliciasse com gostosos doces sem pagar”.

Feitos os reparos necessários, o teco-teco finalmente alçou vôo na direção de Itu. Porém, alguns dias depois, Indaiatuba recebeu a notícia de que a aeronave havia caído na cidade de Buri, resultando na morte do capitão.

²² *Tribuna de Indaiá*, 22/04/99, pág. 6.

²³ Com relação a esta data, há divergência entre os cronistas locais. Enquanto Nabor Pires Camargo afirma que o fato ocorreu em 1915, Antonio Zoppi e Archimedes Prandini dão como certo o ano de 1921. Por outro lado, segundo depoimento de Antonio Charybdes Costa Sampaio, em 27 de maio de 1997, o acontecimento deu-se no ano de 1920.

Juventude

No início da década de 40, alguns jovens indaiatubanos que tinham suas primeiras aulas de vôo tiveram a idéia de construir um campo de aviação na cidade. O projeto foi autorizado pelo então prefeito Jácomo Nazário. Entre notícias de melhoramento da infra-estrutura da cidade, no jornal *O Indaiatubano*, de 16/5/1944, é divulgada a instalação de um “magnífico” campo de aviação para treinamento. O campo, que teve vida curta, tinha 750 metros de comprimento e 150 metros de largura, com um hangar de 15m x 15m.

Poucos anos depois, a Lei Municipal n.º 278, de 4/9/1951, autorizou um acordo com o comandante da Escola Santos Dumont para a fundação da Escola de Aeronáutica de Indaiatuba, que formaria pilotos e mecânicos. A Lei 305/52, no entanto, revogaria essa decisão acabando com a escola que serviria de sede para o aeroclube.

Adoração a Nossa Senhora foi institucionalizada em 1963²⁴

A história da religiosidade em Indaiatuba se mistura com o surgimento da cidade. Conta a tradição oral que o povoado formou-se no final do século 17, início do século 18, em torno de uma capela de madeira edificada por José da Costa próxima ao Ribeirão Votura (atual Córrego Barnabé).

O motivo da construção da capela gera divergências. Para o pesquisador Francisco Nardy Filho, José da Costa estaria procurando uma novilha desgarrada e, ao matar a sede no Ribeirão Votura, encontrou uma imagem de Nossa Senhora da Candelária, orou e logo achou o animal perdido. Por isso, construiu a capela em reconhecimento ao milagre.

Mas para o pesquisador Scyllas Leite Sampaio a história é outra. Segundo ele, José da Costa era herdeiro de Domingos Fernandes, fundador de Itu que, em 1610, construiu uma capela em homenagem a Nossa Senhora da Candelária. Sendo assim, Costa teria feito uma espécie de homenagem a Domingos Fernandes.

Seja lá como tenha surgido, em 1740 a capela foi transferida para um lugar mais alto da cidade, na atual Rua da Candelária. Foi Sylvia Teixeira de Camargo Sannazzaro que institucionalizou a devoção a Nossa Senhora da Candelária (padroeira da cidade), em 1963.

Ela se inspirou em uma prática que conheceu em Curitiba e, com a autorização do padre Claret de Toledo Pizza, fez com que uma imagem de Nossa Senhora da Candelária se transformasse em “santa visitadora”, percorrendo as casas das famílias indaiatubanas.

No início, 30 famílias se dispuseram a participar da devoção. Durante as visitas, surgiam contribuições e esmolas que passaram a colaborar no pagamento das despesas da Igreja Matriz. Com esse dinheiro foram feitas obras como a substituição do forro da igreja (1969), execução e instalação do altar (entre 1972 e 1974) e a reforma da capela do Santíssimo (1976).

Em 1965, já existiam seis imagens percorrendo mensalmente 180 casas de Indaiatuba. Atualmente, há 14 imagens que circulam pela cidade, envolvendo cerca de 420 famílias.

²⁴ *Tribuna de Indaiá*, 05/02/98, pág. B-1.

Dia da Padroeira

A adoração a Nossa da Candelária tem seu ponto forte em Indaiatuba durante a Festa da Padroeira, realizada anualmente na Igreja Matriz. Além da parte profana, uma intensa programação religiosa faz parte das comemorações.

A festa culmina em seu último dia, 2 de fevereiro, data em que se comemora o Dia da Padroeira. Os principais eventos são uma missa com bênção de velas e uma procissão com a imagem da santa.

A fixação desta data está diretamente ligada ao nascimento de Cristo, em 25 de dezembro. As antigas leis judaicas ditavam que a mulher que desse a luz a um menino deveria aguardar 40 dias para se purificar e poder frequentar o templo.

2 de fevereiro é o quadragésimo dia a contar do nascimento de Jesus, portanto, neste momento Maria teria se dirigido ao templo de Jerusalém para apresentar seu filho que é reconhecido como o Salvador, “luz que deverá iluminar os povos”.

As imagens de Nossa Senhora da Candelária remetem a este episódio. Ela é representada carregando o menino Jesus com sua mão esquerda, como se estivesse apresentando-o a alguém. Na mão direita, ela pode trazer uma vela ou “candeia”, como referência a Jesus enquanto “luz do mundo”.

Primeira Romaria oficial de Indaiatuba aconteceu em 1942²⁵

Heitor Zocolan, Odilon Cordeiro, Alberto Magnusson e Odilon Amaral são alguns dos indaiatubanos que, no início da década de 40, foram convidados a participar de uma romaria que partia de Jundiá e seguia até Pirapora. Deslumbrados, todos voltaram com a intenção de criar um evento semelhante que partisse de Indaiatuba.

Em 1942, a Cúria de Campinas autorizou e o pároco Vicente de Paula Rizzo²⁶, em frente à Igreja Candelária, abençoou a partida dos fiéis rumo a Pirapora. Pelas fotos da época é possível verificar que os cavaleiros possuíam traços típicos dos tropeiros gaúchos, trajando botas sanfona, chapéu, lenço no pescoço e alguns até bombachas.

Cinco anos após a primeira romaria, surgiram os charreteiros e dois ciclistas (Geraldo Rezende e Raul Rossignati) se aventuraram a acompanhar a peregrinação. Só em 1951 apareceram os primeiros pedestres. O grupo era formado por José Balabem, José Pioli, Joaquim Gaspar, José Marachini e as primeiras mulheres a integrarem o passeio, Aparecida Balabem e Leonilda Wolf.

De acordo com relatos publicados no livreto *As Romarias – Indaiatuba a Pirapora*, de Newton Roberto Pescatori, a participação nesta peregrinação era bem mais difícil. Não havia, por exemplo, caminhões para a volta, nem local certo para a parada de almoço.

No início, os distintivos eram confeccionados pelas esposas dos romeiros com uma imagem de Nossa Senhora da Candelária (padroeira de

²⁵ *Tribuna de Indaiá*, 16/07/98, pág. B-1.

²⁶ Embora uma placa assinala “Rua P.^e Vicente de Pádua Rizzo”, de acordo com o Livro de Óbitos n.º 7 da Igreja Matriz de Indaiatuba, o nome correto é Vicente de Paula Rizzo. A fls. 15 do referido livro está escrito:

“Nome: Padre Vicente de Paula Rizzo

Aos doze de abril de mil novecentos e quarenta e cinco nesta Matriz o Rev.^{mo} Mons. Luiz Gonzaga de Moura encomendou o cadáver do Rev.^{mo} P.^e Vicente de Paula Rizzo com cinquenta e quatro annos de idade nascido em Itu filho de Francisco Rizzo e D. [em branco]

Parocho

Por comissão especial P.^e Luiz de Campos”

Indaiatuba) costurada ao centro. Com o tempo, substituíram a imagem pela de Bom Jesus de Pirapora.

Os cartazes com a programação da romaria, da mesma forma que são feitos hoje, começaram a ser impressos a partir de 1953. Com o crescimento do evento, os organizadores criaram cargos e funções, tais como os ponteiros (vão à frente dos cavaleiros), fiscais e culatreiros (garantem a retaguarda). Essa organização culminou em 1967 com a fundação da Associação dos Romeiros de Indaiatuba.

O santuário

As romarias chegaram ao Brasil através da cultura religiosa dos portugueses. Pela tradição, os romeiros fazem esse esforço para pedir uma graça ou cumprir uma promessa. Bom Jesus de Pirapora é o quarto santuário paulista dedicado ao Senhor Bom Jesus.

Sua origem data de 1724. Conta a história que aventureiros subiam o Rio Tietê em busca de ouro quando retiraram da água uma imagem de madeira, quase do tamanho natural de um homem. O fato teria ocorrido em Pirapora, porém, os homens tentaram levar a imagem até a vila mais próxima, Parnaíba.

De acordo com o texto de Pescatori, o carro puxado por bois foi até a divisa entre Pirapora e Parnaíba e empacou. Só saiu do lugar quando alguém pediu que a imagem fosse levada de volta ao local onde havia sido encontrada. Os bois foram retirados e o carro caminhou sozinho. Neste local foi erguido um santuário.

Algumas práticas dos devotos tendem a desaparecer com o tempo. Uma delas consiste em se banhar ou mesmo beber a água da região onde a imagem foi encontrada. No caso de Pirapora, o Rio Tietê não possibilita mais isso, tamanho é o grau de poluição. Por outro lado, o comércio que gira em torno da devoção continua. Durante a viagem, os romeiros sempre procuram adquirir objetos vindos do santuário. Os que alcançam a graça pretendida também costumam dar um retorno ao santo, por isso, na igreja podem ser encontradas fotografias, fitas, peças de vestuário e até mesmo muletas de pessoas que acreditam ter sido abençoadas por Bom Jesus de Pirapora.

A Terra dos Indaiás e suas várias religiões²⁷

Hoje é o Dia Mundial das Religiões. Atualmente, verifica-se a existência de várias religiões em Indaiatuba e o acervo da Fundação Pró-Memória mostra que há bastante tempo elas já começavam a crescer. Vale ressaltar que este levantamento deixa de lado o catolicismo.

Para se ter uma idéia, o Congresso Regional das Testemunhas de Jeová, que acontece até hoje, ocorreu pela primeira vez em Indaiatuba entre os dias 7 e 9 de setembro de 1962, com a presença do missionário inglês Ronald Fallick. Numa época em que a cidade possuía cerca de 20 mil habitantes, mais de duzentos ministros vieram com seus familiares de várias cidades para se reunirem no Salão do Reino.

Um ano antes, na edição de 23 de abril de 1961 da *Tribuna*, pode-se verificar que a pluralidade já existia. Numa mesma página, há notas sobre cultos da Igreja Batista, a Congregação Cristã do Brasil, a Igreja Luterana, a Igreja Evangélica Assembléia de Deus, o Centro Espírita “Apóstolos do Bem” e a Igreja Presbiteriana.

Um dos mais antigos registros sobre esse assunto está no livro “Vida e obra de Guilherme Stein Jr.- raízes da Igreja Adventista do Sétimo Dia”, de Ruy Carlos de Camargo Vieira. Segundo o autor, Indaiatuba teria sediado os primeiros passos dessa religião no país.

Conta o livro que, em abril de 1895, o pastor Franck H. Westphal, acompanhado do pastor Stauffer, passaram por Indaiatuba e realizaram em Piracicaba o batismo de Guilherme Stein Jr., fato que marca o início da história da Igreja Adventista no Estado de São Paulo.

Depois disso, eles partiram para Rio Claro onde batizaram Guilherme Meyer e Paulina Meyer e voltaram para Indaiatuba para fazerem o mesmo com Guilherme Stein (o pai), sua esposa Ana Bárbara Krähenbuhl e quatro filhos. Nessa época, em Indaiatuba, o pastor Westphal organizou a primeira Escola Sabatina do Brasil.

Pouco tempo depois, realizaram-se reuniões da comunidade presbiteriana na casa de Pedrina Soares Wolf, sob a coordenação dos membros da Congregação de Monte Mor. Em 1911, inicia-se oficialmente a história da Igreja Presbiteriana na cidade com a pregação de James Porter

²⁷ *Tribuna de Indaiá*, 21/01/99, pág. B-1.

Smith na residência de Aprígio Alves Ferreira. Um ano depois, Isabel Sauer doou o terreno para a construção do primeiro salão de culto e, em 1932, a Igreja foi instalada com 39 membros.

Espiritismo

A história do Centro Espírita “Apóstolos do Bem” está detalhadamente contada em um texto produzido por Deoracy de Oliveira. Segundo ele, o Centro começou a ser formado por membros de famílias saltenses que curavam com homeopatia, benziam e tinham visões em sonhos, na década de 30. Quando passaram por problemas espirituais, eles conheceram o médium Francisco Sales que os orientou para a organização do grupo.

Primeiramente, o Centro foi instalado (no dia 20/7/37) em uma casa alugada na esquina das ruas Bernardino de Campos e 5 de Julho, tendo como presidente José Rodrigues de Melo. A sede atual, na Rua 13 de Maio, foi construída por Hércules Mazzoni, como um agradecimento por ter encontrado a cura para problemas de sua filha Norma e sua nora Letícia no “Apóstolos do Bem”.

Indaiatuba ficou 40 anos sem ordenar um padre²⁸

Comemorou-se esta semana o Dia do Padre. Em Indaiatuba, a data faz lembrar do ano de 1959, quando a *Tribuna* mostrava a cidade como um celeiro de sacerdotes. Neste ano foram ordenados o padre José Maria Perez Ferreira, o frei Sérgio de Campos e o padre Renato França.

O maior registro existente na Fundação Pró-Memória é sobre Renato França. Nascido em 2 de janeiro de 1935, ele foi ordenado em 20 de dezembro de 1959 em Araras e recebido com festa na Terra dos Indaiás sete dias depois, quando realizou a primeira missa na cidade.

Depois disso, passaram-se 40 longos anos até que outro padre indaiatubano fosse ordenado. A quietude foi quebrada por Antônio Douglas de Moraes, que se tornou padre no dia 25 de agosto de 1999, aos 28 anos, numa celebração presidida pelo arcebispo de Campinas, Dom Gilberto Pereira Lopes, e assistida por cerca de 1.300 pessoas.

Neste meio tempo, porém, a cidade fez uma grande festa para o padre José Antonio Transferetti, em 26 de junho de 1983. Apesar de não ter nascido em Indaiatuba (ele é natural de Monte Mor), como cresceu na cidade, sua ordenação lotou o Ginásio Municipal de Esportes em evento comandado por vários grupos de jovens.

²⁸ *Tribuna de Indaiá*, 07/08/99, pág. B-5.

Santa Rita: a igreja que parecia ser impossível²⁹

A luta pela construção da matriz da Paróquia de Santa Rita de Cássia teve seu início oficial em 22 de maio de 1964, exatamente no Dia de Santa Rita, a santa das causas impossíveis. Nesta data, Dom Bernardo Miele, bispo auxiliar de Campinas, celebrou a primeira missa no terreno.

A celebração aconteceu em uma barraquinha improvisada. Uma construção existente hoje, do lado direito da igreja, imita a que serviu de abrigo para a missa de Dom Miele.

A Paróquia foi criada oficialmente em 31 de maio de 1964. O primeiro pároco, Francisco de Paula Cabral de Vasconcelos, o padre Chico, então com 24 anos, continua à frente dos serviços até hoje.

A construção foi feita toda por meio de donativos. No Banco Mercantil foi colocado um livro de ouro para que os colaboradores assinassem e especificassem a quantia depositada na conta da Igreja.

A campanha correu tão bem que em setembro de 1964 as obras da nova igreja já estavam bem adiantadas e, assim que o salão foi coberto, começou a funcionar diariamente.

Os anos passaram e as doações continuam movimentando os trabalhos da Paróquia de Santa Rita de Cássia. Hoje ela concentra 18 comunidades (fora a matriz) e entre seus principais serviços está a manutenção da Casa da Providência, que abriga jovens, crianças e bebês órfãos.

Ao lado da igreja está sendo construído um ossuário com 600 gavetas. Cada gaveta deverá ser vendida por R\$ 600 e a arrecadação será destinada para as obras assistenciais da paróquia.

Formado em Jornalismo, o padre Chico conseguiu instalar no salão da Santa Rita a Rádio Fraternidade (FM 106,7), que chegou a veicular uma intensa programação ecumênica no ano passado mas atualmente está fora do ar, em processo de legalização.

Mais que uma igreja, a Santa Rita vem se firmando como um centro cultural para Indaiatuba e, na falta de um teatro, tem abrigado apresentações de várias orquestras, grupos teatrais e até mesmo exposições. O prédio

²⁹ *Tribuna de Indaiá*, 28/08/99, pág. B-5.

existente hoje é semelhante ao erguido inicialmente, mas está passando por mais uma reforma.

Rio Jundiá: mais de 40 anos de poluição³⁰

Já foi o tempo em que indaiatubanos amantes da pesca se reuniam às margens do Rio Jundiá, nas manhãs de domingos e feriados, para passar o dia manuseando suas varas e samburás (cestos). Lambaris, bagres, traíras, etc. fazem parte das lembranças apresentadas por Antonio (Nêne) Martins na sessão “Gente da Nossa Terra, Terra da Nossa Gente”, de Rubens de Campos Penteado, publicada na *Tribuna* de 3/11/1984.

Nêne relata que os pescadores utilizavam anzóis, redes, tarrafas ou até mesmo as próprias mãos. Apaixonado pela paisagem indaiatubana, ele lembra: “o rio era límpido, quase cristalino, nos lugares mais rasos via-se bem o seu leito de areia branca. A margem com mata ciliar muito verde, muitos ingazeiros floridos ou com frutos, onde bandos de pássaros, como sabiás e outras aves canoras, distraíam o pescador com seus maravilhosos cantos”.

Na época em que tais memórias foram publicadas, Indaiatuba e as outras cidades servidas pela bacia do Jundiá buscavam uma forma de investir na despoluição do rio. Em abril de 1984, o prefeito convidava a população para participar do Conselho Comunitário de Águas e Energia Elétrica. Neste mesmo mês foram encontrados milhares de peixes mortos na região.

Buscando uma solução, a Cetesb propôs a união de esforços entre indústrias, municípios e o Estado para desenvolver um projeto de seis anos e recuperar a bacia hidrográfica. A idéia era despoluir o rio e acabar com a emissão de esgotos, mas acabou não sendo colocada em prática.

A preocupação é ainda mais antiga. A *Gazeta de Indaiatuba* de janeiro de 1956 já noticiava a intenção do prefeito Lauro Bueno de Camargo em resolver o problema de captação e tratamento das águas do Rio Jundiá.

Mais de 40 anos depois o problema ainda não foi solucionado e os dados coletados pela equipe elaboradora do novo plano diretor de Indaiatuba indicam que é necessário implantar políticas de preservação, recuperação e valorização ambiental.

Além da poluição já existente, o rio está sendo ameaçado pela possibilidade de construção de uma usina termelétrica na cidade de Jundiá.

³⁰ *Tribuna de Indaiá*, 14/08/99, pág. B-2.

De acordo com matéria publicada no jornal *Folha da Gente* do dia 3 de julho deste ano, o empreendimento pode gerar chuva ácida, contribuir para o crescimento do efeito estufa, causar problemas respiratórios e mudanças na vegetação.

A Associação Ecológica Chico Mendes (Aechim) ressaltou que a usina consumiria 24 milhões de litros de água do Rio Jundiaí por dia, o suficiente para abastecer uma cidade de 96 mil habitantes. Para somar a isso existe o fato da usina estar localizada a apenas 5 km da Serra do Japi, declarada pela Unesco como reserva da biosfera da Mata Atlântica.

A bacia

Em artigo publicado no *Jornal Cidade*, Almerinda A. B. Fadini e Pedro S. Fadini, conselheiros da Aechim, descrevem que a bacia do Rio Jundiaí nasce na Serra da Pedra Vermelha, em Mairiporã, e desemboca em Salto, na margem direita do Rio Tietê.

Ao todo são 1.180 quilômetros quadrados, passando pelas cidades de Mairiporã, Atibaia, Jarinu, Franco da Rocha, Campo Limpo Paulista, Várzea Paulista, Jundiaí, Itupeva, Cabreúva, Itu, Indaiatuba e Salto. Essas e outras localidades se reuniram para formar o Comitê das bacias dos rios Piracicaba, Capivari e Jundiaí.

A intenção do grupo, que se reúne constantemente, é batalhar para que o desenvolvimento econômico e tecnológico nesta região não comprometa a qualidade de vida da população. Mesmo com as discussões acontecendo, o Rio Jundiaí ainda está longe de servir de cenário para as pescarias dos indaiatubanos e, ainda pior, não poderá servir a cidade com suas águas até que passe por um processo de despoluição.

Goleiro Laércio Milani encabeça história do futebol indaiatubano³¹

Durante a Copa do Mundo, Indaiatuba pode lembrar de seu jogador que alcançou maior reconhecimento: o goleiro Laércio Milani. Nascido em 1º de março de 1931, ele fez o curso primário no Grupo Escolar Randolfo Moreira Fernandes e, como qualquer garoto de sua idade, gostava de passar o tempo livre pelos campos de futebol.

Conforme lembra seu irmão, Hélio Milani, em 1946 Laércio entrou no time principal do E.C. Primavera. No campeonato amador, tinha companheiros como Chiquito, Luiz Dercoli, Didi, Delbone, Tuia, Juca, Sinézio, Olívio e Sanan.

Dois anos depois, o goleiro participou de amistosos com a Portuguesa Santista e sua atuação chamou a atenção do técnico deste time. Resultado: com apenas 18 anos Laércio se tornava jogador profissional. Ainda era pouco. No ano de 1953, o goleiro de Indaiatuba chegou à capital paulista para integrar a equipe da Sociedade Esportiva Palmeiras.

Mas o sucesso de Laércio estava apenas começando. No ano de 1957 ele foi contratado pelo Santos Futebol Clube, onde trabalhou ao lado de craques como Dorval, Mengalvio, Coutinho, Pepe e o rei Pelé. Foi titular do “Peixe” até a entrada de Gilmar, quando então os dois passaram a revezar a posição.

Por mais de dez anos, Laércio integrou a equipe praiana, tendo o privilégio de participar da “Era Pelé”. Uma época em que o Santos foi duas vezes tricampeão paulista (1960/61/62 e 1967/68/69), uma vez bicampeão do mesmo torneio (1964/65), pentacampeão brasileiro, três vezes campeão do torneio Rio-São Paulo e vencedor de torneios internacionais realizados na França e na Itália.

Entre 1958 e 1963, Laércio integrou a seleção paulista de futebol. Em 1962, o goleiro indaiatubano foi convocado para a seleção brasileira. Chegou a participar dos treinos aqui no Brasil mas se contundiu e foi dispensado antes do início da Copa do Chile.

O último jogo da carreira de Laércio foi na Itália, em 1968, quando o Santos venceu o Inter de Milão por 1x0. Quando retornou ao Brasil, aos 37

³¹ *Tribuna de Indaiá*, 25/06/98, pág. B-1.

anos de idade, o esportista resolveu encerrar sua carreira e passou a trabalhar no 25.º Tabelionato “Milani”, pertencente a seu irmão, em São Paulo.

Mais tarde, o campeão foi vencido por um câncer na próstata e faleceu em 29 de agosto de 1985, em Santos, onde estava internado. Laércio José Milani foi enterrado em São Paulo, no Cemitério da Lapa.

No Império, cidade teve suas primeiras eleições³²

Em 1830, Indaiatuba tornou-se freguesia do Distrito de Itu. Nessa época, Estado e Igreja andavam juntos, por isso a Igreja Matriz Nossa Senhora da Candelária serviu como seção eleitoral para os 111 votantes, os chamados “cidadãos ativos”, que participaram da eleição, em 7 de setembro de 1832, para vereadores à Câmara Municipal de Itu e para Juiz de Paz de Indaiatuba. Por sinal, o livro que registra a ata dessa primeira eleição realizada em Indaiatuba é, até agora, o documento mais antigo pertencente ao Arquivo Público Municipal da Fundação Pró-Memória de Indaiatuba.

Indaiatuba foi elevada à categoria de vila em 1859, momento em que precisou constituir sua própria Câmara Municipal. No dia 3 de julho daquele ano, aconteceu a primeira eleição para vereadores indaiatubanos, empossados 28 dias depois. Até a Proclamação da República, em 1889, a Câmara era o único órgão de poder nas vilas ou cidades, exercendo as tarefas de caráter executivo e legislativo.

Em nível federal, a República começou com a “Política do café com leite”, ou seja, representantes dos Partidos Republicanos Paulista e Mineiro se alternavam no poder no Brasil. Os chefes políticos das cidades eram, geralmente, grandes proprietários de terra reconhecidos pela atribuição de patentes como “coronel”, “major” ou “capitão”, mesmo que nunca tivessem sido militares.

Acredita-se que essas características tenham refletido em Indaiatuba. O maior chefe da cidade, neste início de século, foi o Major Alfredo Camargo Fonseca, prefeito da cidade por 29 anos, 5 meses e 8 dias. Suas posses foram alternadas entre os períodos: de 7/1/1905 a 24/10/1930, 26/10/1930 a 19/12/30, 5/5/1931 a 4/9/1934 e de 14/5/1938 a 12/7/39.

Fonseca deixou o governo para cumprir um decreto do presidente Getúlio Vargas que proibia o exercício do cargo de prefeito por pessoas com mais de 68 anos. O Major já tinha 70. Faleceu dois anos depois.

Durante todos esses anos, nos intervalos do governo do Major, o cargo foi ocupado por seus adversários, um grupo comandado por Scyllas Sampaio e representantes das famílias Costa (Francisco Xavier da Costa),

³² *Tribuna de Indaiá*, 03/10/98, pág. B-2.

Silva (José Cardoso Silva), Alvarenga (Joaquim Pedroso de Alvarenga) e da colônia Helvetia.

Numa das vitórias do grupo de Sampaio, a cidade chegou a ter um prefeito por apenas um dia, 25/10/1930. Com o clima gerado pelo movimento que levou à tomada do governo por Getúlio Vargas, o tenente Roldão Carneiro da Silva foi empossado como chefe provisório do governo revolucionário local, em Indaiatuba. No mesmo dia, o Comandante de Artilharia Montada garantiu o retorno do Major.

Obscuridade marca a história política de 40 e 50³³

Quando o Major Alfredo de Camargo Fonseca deixou a Prefeitura definitivamente, em 12 de julho de 1939, o País vivia sob a ditadura de Getúlio Vargas, no chamado Estado Novo, que vigorou de 1937 a 1945. Uma época em que democracia não era das palavras mais pronunciadas e o prefeito de Indaiatuba era indicado pelo interventor do Estado de São Paulo.

O substituto do Major foi Sebastião Nicolau, que se manteve à frente do Poder Executivo Municipal até 7 de maio de 1943. Em seguida, a Prefeitura ficou nas mãos do médico Jácomo Nazário, diretor clínico do Hospital Augusto de Oliveira Camargo. Seu mandato durou até 24 de março de 1947, mas por várias vezes Nazário foi substituído.

Nesse período, ocuparam a cadeira do prefeito Sylvio Talli (29/6/1944 a 26/9/1944 e de 24/11/1944 a 18/1/1945), Olavo Lima Guimarães (22/10/1945 a 9/12/1945), Benedito Soares Siqueira (10/12/1945 a 16/12/1945) e João Walsh Costa (2/1/1946 a 18/02/1946). Com a saída de Jácomo Nazário, pela única vez em sua história, Indaiatuba foi comandada por uma mulher, Helena Tomasi, funcionária da Prefeitura por 25 anos, ficou no cargo até 10 de junho de 1947.

Jacob Lyra foi o prefeito seguinte. Em seu primeiro mandato (de 10/6/1947 a 31/12/1947), sua principal conquista foi a criação de postos de saúde. Voltou em 1952 para realizar várias obras como a abertura da estrada Jundiá-Indaiatuba, inaugurar a Delegacia de Polícia e a Cadeia Pública e concluir 38 mil metros de massa asfáltica.

Antes disso, porém, há Luiz Teixeira de Camargo Júnior. Eleito com maioria absoluta dos votos, assumiu em 1948 e ficou no cargo até 1950. Neste período, implantou a primeira rede de esgotos do Município e fez a primeira camada asfáltica da zona central da cidade. Antes de concluir o mandato, afastou-se deixando o cargo para o presidente da Câmara de Vereadores, Lauro Bueno de Camargo, até a volta de Jacob Lyra (1/1/1952 a 31/12/1955).

Eleições em 1955

³³ *Tribuna de Indaiá*, 08/10/98, pág. B-1.

Como se vê, até esse período o que pode ser encontrado no Arquivo Público Municipal são apenas nomes e datas, além de pequenas citações das realizações dos prefeitos. Acredita-se que a falta de informações se deva à forte censura aplicada à Imprensa durante o Estado Novo. A situação é completamente diferente, no entanto, no que diz respeito às eleições de 1955. Esta sim possui vários dados publicados.

Sabe-se que a cidade tinha seis partidos neste ano: o Partido Trabalhista Nacional (PTN), Partido Socialista Brasileiro (PSB), Partido Democrata Cristão (PDC), Partido da Representação Popular (PRP), Partido Social Progressista (PSP) e União Democrática Nacional (UDN). Quatro deles apresentaram candidatos a prefeito.

Lauro Bueno de Camargo, da Frente Trabalhista formada pelo PTN, foi o vencedor com 972 votos. Em segundo lugar, ficou Alberto Brizzola do PSB com 845 votos. O candidato do PRP, Victorio Prandini, foi o terceiro colocado com 757 votos, e José Salla, do PDC, foi escolhido por 96 pessoas.

A Câmara de Vereadores passou a ser formada por Sinézio Martini (PRP, 166 votos), Domacir Stocco (PTN, 135 votos), Romeu Zerbini (PSB, 114 votos), Hélio Milani (PRP, 97 votos), Alfredo Steffen (PRP, 94 votos), Odilon Ferreira (PTN, 91 votos), João Dota (PRN, 79 votos), Medaldo Wolf (PTN, 76 votos), Bazilio Martins (PSB, 76 votos) e Benedito Martins (PSB, 73 votos).

Lauro Bueno cumpriu seu mandato até 31/12/1959. Depois dele, o segundo colocado em 55, Alberto Brizzola, conseguiu se eleger, dando início a uma das mais interessantes fases da política indaiatubana que culminou com um processo de *impeachment*. Mas isso é caso para uma próxima matéria.

Indaiatuba assistiu a *impeachment* e cassação³⁴

A política indaiatubana passou por uma de suas épocas mais conturbadas no início da década de 60. Os partidos haviam passado por transformações e reformulações desde a última eleição, em 1955. Alberto Brizzola foi um dos poucos que se manteve no mesmo lugar e, em 1959, voltou a se candidatar para o cargo de prefeito pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB), tendo como vice Odilon Ferreira.

Dessa vez, Brizzola foi eleito com 1815 votos, contra 1518 do segundo colocado, José Narciso Monteiro Netto, da coligação PSD-PTB-UDN-PL. Já a Câmara Municipal ficou constituída por Romeu Zerbini (PDC), Medaldo Wolf (PDC), José Soliani (PDC), Lauro Bueno de Camargo (PRT), Caio da Costa Sampaio (PRT), Kioji Imanishi (UDN), Sinézio Martini (UDN), Jácomo Nazário (PL), Oswaldo Stein (PSP), Antero Joaquim Santiago (PSP) e Carlos Albertini (PSB).

O conflito entre vereadores e o prefeito ficou claro já na posse de Brizzola. A principal fonte de controvérsias era Ivan Corrêa de Toledo, assessor do chefe do Executivo. Na *Tribuna* de 10 de janeiro de 1960, aparece um comentário, provavelmente dirigido a Ivan: “a situação política da cidade assumiu, nestes últimos dias, certa gravidade com a intromissão de elemento subversivo na orientação política da localidade (...), tal orientação deve ser banida de nosso meio, porque ela é prejudicial à boa condução da política da cidade.” Assessor jurídico de Brizzola, Ivan era tratado como um “forasteiro” que manipulava as ações do prefeito.

A *Tribuna*, único jornal existente na época, manteve-se contra o prefeito, divulgando artigos da oposição. Sem alternativa, o governo respondia às acusações através do “Serviço de Alto-Falantes Indaiatubano”. Enquanto isso, a Câmara, que continuava a escavar denúncias contra Brizzola, formou uma comissão de inquérito e, no dia 12 de abril de 1962, o jornal saía em edição extra anunciando o *impeachment* do prefeito e posse de Odilon, que permaneceu até o final do mandato.

O jornal *Diário de São Paulo* mostraria, em sua edição de 17 de maio de 1962, a “verdade sobre a acusação imputada ao prefeito municipal de Indaiatuba”. De acordo com o periódico, as pessoas que denunciaram o

³⁴ *Tribuna de Indaiá*, 15/10/98, pág. B-2.

prefeito não eram idôneas e a população era a favor da permanência de Brizzola no poder.

Apesar de toda a oposição que tinha enfrentado, Ivan Corrêa de Toledo candidatou-se a prefeito nas eleições de 1963 e venceu pela diferença de apenas um voto, sendo empossado no primeiro dia de 1964. À frente do País estava João Goulart, que criticado por promover um processo de “esquerdização” foi deposto no dia 31 de março.

As forças armadas tomaram o poder e os problemas de Ivan se agravavam. Ele tentou se manter na Prefeitura, expressando seu apoio ao governo do Estado e ao general Amaury Krueel. No dia 18 de abril, aconteceu na cidade a “Marcha da Família com Deus e com a Democracia”. O delegado de polícia Oscar Domingues Pinto Filho impediu o prefeito de participar por entender que ele tinha ligação com o “credo comunista”.

O evento repercutiu em jornais de Campinas e na capital. Para *O Estado de São Paulo*, opositores de Indaiatuba levaram uma documentação contrária ao prefeito incluindo uma ficha do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS). A ficha tratava principalmente do período em que Ivan era professor em Andradina, quando teria colaborado com um semanário de linguagem “ofensiva e atrevida”. Nenhum esforço adiantou e Ivan Corrêa de Toledo foi o primeiro prefeito, no Brasil, a ser cassado pela chamada “Revolução” de 1964, sendo o vice Romeu Zerbini empossado no dia 13 de junho de 1964, às 17h.

Prefeito foi cassado por acusação de comunismo³⁵

No dia 6 de outubro de 1963, Ivan Corrêa de Toledo (candidato do PDC e ex-participante da Administração de Alberto Brizzola, já cassado) foi eleito pela diferença de um voto e tomou posse em 1º de janeiro de 1964, tendo como vice Romeu Zerbini. A mesa de vereadores foi totalmente composta por candidatos da oposição.

Igualmente oposicionista foi a posição tomada pela *Tribuna*, que iniciou o ano de 1964 fiscalizando as ações da Administração e criticando atos como a demissão de funcionários da Prefeitura, o que o jornal considerou ser uma “vingança política”.

Como se já não estivesse suficientemente complicada, a situação do chefe do Executivo em Indaiatuba se agravou a partir de 31 de março de 1964. Nesta data, as Forças Armadas tomaram o poder do presidente João Goulart, acusando-o de conduzir uma “esquerdização” do País.

O País foi pego de surpresa pelo Comando Supremo da Revolução e seus processos de cassações e perseguições de subversivos e comunistas, tudo em nome da Segurança Nacional. O prefeito Ivan não tinha outra solução: precisava provar que não era comunista.

Atos

Grande parte dos atos de Ivan dizem respeito à assistência às escolas. No início de março, por exemplo, ele determinou a reabertura do gabinete dentário do Grupo Escolar Joaquim Pedroso Alvarenga, que havia estado inativo por vários anos.

Antes disso, em fevereiro, o prefeito criou o Fundo de Assistência aos Escolares do Município (FAE). Tal fundo passaria a distribuir merenda e caderno aos estudantes que provassem falta de condições financeiras, promoveria campanhas de saúde com exames periódicos e fornecimento de medicamentos e daria bolsas de estudos.

Ainda neste início de ano, o prefeito criou o Serviço de Policiamento da Alimentação Pública (Sesap) e o Serviço Municipal de Abastecimento

³⁵ *Tribuna de Indaiá*, 26/03/98, pág. B-1.

(Semab). Os dois órgãos eram responsáveis pela fiscalização da fabricação, distribuição e preços de gêneros alimentícios na cidade.

O abastecimento de água, outro recurso básico, também mereceu a atenção de Ivan, que adquiriu uma bomba hidráulica. Mas, quando o prefeito anuncia o início da construção da Adutora de Morungaba, a oposição reage dizendo que estaria se apropriando de um mérito do ex-prefeito Odilon Ferreira. Sem responder, o chefe do Executivo prosseguiu com seu projeto.

Desespero

Com o início das cassações em âmbito nacional, Ivan precisou intensificar seu trabalho no sentido de provar sua inocência frente às acusações de subversão. O prefeito comprou espaço na Imprensa e mostrou sua “irrestrita solidariedade” ao Governo do Estado, ao general Amaury Kruel (comandante do II Exército) e ao “Movimento Democrático”.

A oposição não se deu por vencida e retrucou dizendo que o prefeito esquerdista havia se transformado em democrata por temer o que acontecia no País. A lista de acusações a Ivan era insistentemente repetida, constando dela itens como apoio a movimentos grevistas e “agitador de massas” no passado.

Outra vitória da oposição se deu quando descobriram que Ivan possuía uma ficha no Departamento de Ordem Política e Social (o temido DOPS), que dizia respeito a suas atividades quando ainda era jovem e morava em Andradina, onde era secretário do Partido Popular Progressista (PPP que teve seu registro cassado por ser considerado comunista).

No momento em que o general Humberto de Alencar Castelo Branco é empossado pelo Comando Revolucionário, o prefeito de Indaiatuba realiza homenagens ao novo governo, com direito a salva de 21 tiros, hino nacional e missa de ação de graças (muito embora padre Claret tenha deixado claro que a missa era apenas em “intenção às almas”).

Ainda com esperança de conseguir se manter no poder, Ivan homenageou o sargento Max Wolf Filho, herói da Força Expedicionária Brasileira, dando seu nome a uma rua da cidade. Através de uma Comissão Especial de Investigação, o prefeito tentou provar irregularidades cometidas por vereadores e até pelo presidente da Câmara. Não adiantaria.

Manifestações

No dia 18 de abril, os clubes da cidade patrocinaram e organizaram a “Marcha da Família, com Deus e com a Democracia”. Objetivo: que o povo da cidade mostrasse sua devoção a Deus, sua causa democrática e a sua confiança nas gloriosas Forças Armadas (leia-se oposição ao prefeito).

O então delegado de polícia Oscar Domingues Pinto Filho proíbe que Ivan participe da Marcha e justifica ter tomado a decisão pelo fato do prefeito “ser reconhecidamente elemento ligado ao credo comunista”.

Os opositores do prefeito conseguem levar a repercussão da Marcha aos jornais da região (*Diário do Povo* e *Correio Popular*) e até mesmo ao *Estado de S. Paulo* que também recebeu uma documentação contrária a Ivan, incluindo sua ficha no DOPS.

Para completar a divulgação, em meio ao processo de denúncia executado pela Câmara, o vereador Odilon Ferreira requereu que o presidente da República e o Conselho de Segurança Nacional recebessem cópias da ficha citada acima.

O resultado foi o esperado. Em 13 de junho, Castelo Branco divulgou uma lista que incluía o nome de Ivan e determinava que ele tivesse seu mandato cassado e seus direitos políticos suspensos por dez anos.

Toda essa história foi reconstruída pela Fundação Pró-Memória de Indaiatuba através dos jornais da época e de alguns depoimentos de pessoas envolvidas. No entanto, o próprio Ivan ainda não forneceu a sua versão e a maioria das fontes são da oposição da época.

Clain e Tonins dividiram poder na década de 80³⁶

O ano é 1964. O Brasil se adequa ao regime militar que freava a liberdade de participação política. Indaiatuba respira sob o comando de Romeu Zerbini, depois de assistir ao *impeachment* de Alberto Brizzola e à cassação de Ivan Corrêa de Toledo, de quem Zerbini era vice.

Apesar da forma como havia deixado o governo, Brizzola voltou a se candidatar em 1968, perdendo para Mário Araldo Candello, candidato da Arena que conseguiu 4280 votos contra 3954 do segundo colocado. Era o tempo do bipartidarismo, instituído pelo Ato Institucional n.º 2, de 27/10/1965. Esta lei permitia a existência de apenas dois partidos. Os situacionistas foram agregados na Aliança Renovadora Nacional (Arena) e a oposição se juntou no Movimento Democrático Brasileiro (MDB).

Candello chefiou o Executivo indaiatubano de 1/2/1969 a 31/1/1973. A campanha para sua sucessão foi vencida por Romeu Zerbini, que voltou a ocupar a cadeira de prefeito entre os anos de 1973 e 1977. Na eleição de 1972 surgiria, porém, um novo nome: Clain Ferrari.

Clain X Tonins

Derrotado como candidato da Arena em 72, Clain voltou a concorrer quatro anos mais tarde e venceu, tendo como vice Flávio Tonin. Esta aliança duraria pouco tempo e, na eleição seguinte, Clain e a família Tonin já se firmavam como os adversários políticos que se alternariam à frente da cidade durante a década de 80.

O bipartidarismo havia sido extinto em 1979, no entanto, em Indaiatuba, prosseguiu a briga entre oposição e situação. Em 1983, Clain deixou o cargo para o irmão de seu vice, o engenheiro José Carlos Tonin, que permaneceu até 1989. Neste ano, Clain voltou ao poder para deixá-lo em 1992 nas mãos de Flávio Tonin.

O quadro só mudaria com a campanha de 1996. Clain Ferrari se candidatou pelo PFL e a família Tonin apoiou Luiz Alberto Pereira no PMDB. Também participaram Luiz Antonio Ulhôa Cintra (PL), Oscar Rodrigues Júnior (PRP), José Aristéia Pereira (PT) e Reinaldo Nogueira

³⁶ *Tribuna de Indaiá*, 22/10/98, pág. B-2.

Lopes Cruz (PDT). Este último, ex-vereador, conseguiu superar a força das antigas lideranças e venceu as eleições.

A participação de Indaiatuba na Proclamação da República³⁷

Indaiatuba teve seu nome escrito com louvor nos eventos que antecederam a Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889. A Convenção de Itu, primeira grande assembléia dos republicanos paulistas, realizada em 18 de abril de 1873, foi presidida por João Tibiriçá Piratininga, proprietário da Fazenda Taipas, em Itaiçi, eleito para representar Indaiatuba na reunião.

João Tibiriçá era cunhado de Antonio de Queirós Telles, então presidente da Câmara Municipal de Itu e monarquista fervoroso. Esta ligação dava uma certa legitimidade e tranqüilidade ao evento, o que favoreceu a indicação do indaiatubano para a presidência.

Na época, a convenção teve pouca repercussão, mas hoje acredita-se que o manifesto produzido pelos participantes foi importante para que os fatos rumassem para o fim do regime monárquico. Além disso, o evento favoreceu a unificação dos republicanos da Província que se dividiam em “urbanos” e “agrários”.

A convenção foi cuidadosamente articulada pelo Clube Republicano de São Paulo. A cidade de Itu foi escolhida porque nesta região havia muitos adeptos da República e a finalidade era lançar as bases da propaganda republicana no interior da Província de São Paulo. Além disso, no dia 17 de abril de 1873, a cidade sediava uma grande comemoração por causa da inauguração da Estrada de Ferro Ituana, que ligava Itu a Jundiá, passando por Pimenta e Itaiçi.

Aproveitando os “forasteiros” que ali estavam para prestigiar a chegada do progresso, a Convenção conseguiu reunir 133 representantes das cidades de Amparo, Botucatu, Bragança, Campinas, Capivari, Indaiatuba, Itatiba, Itapetininga, Itu, Jundiá, Jaú, Mogi-Mirim, Monte Mor, Piracicaba, Porto Feliz, Rio de Janeiro, São Paulo, Sorocaba e Tietê.

Além de Tibiriçá, foram representar Indaiatuba Diogo do Amaral Campos, José de Almeida Prado Neto, José do Amaral Campos, José Vasconcellos de Almeida Prado, Ladislau do Amaral Campos, Luiz Augusto da Fonseca, Manoel José Ferreira de Carvalho e Theophilo de Oliveira

³⁷ *Tribuna de Indaiá*, 19/11/98, pág. B-1.

Camargo. Este último teria participado da convenção sem ter real conhecimento, pensando que se tratava da fundação de mais um “Clube da Lavoura”. Monarquista ferrenho, ao descobrir as intenções da reunião, Theophilo riscou sua assinatura na ata.

Quando aconteceu a convenção, o País ainda não tinha seu Partido Republicano. A fundação só aconteceu com o término da Guerra do Paraguai, em 3 de dezembro de 1870. Em Indaiatuba, o grupo só veio a se reunir em maio de 1887, sendo o presidente Luiz Augusto da Fonseca.

Biografia

João Tibiriçá Piratininga nasceu em 7 de agosto de 1829, em Indaiatuba (quando o Município ainda era bairro da Vila de Itu) e recebeu o mesmo nome de seu pai. Abastado, estudou na França. De volta, introduziu nas fazendas da família modernas técnicas e máquinas agrícolas.

O indaiatubano foi colaborador e acionista na fundação do jornal “*A Província de São Paulo*” (hoje “*O Estado de São Paulo*”). Morreu sem assistir a vitória dos republicanos, no dia 1º de dezembro de 1888, em Nice (França) e foi enterrado em Itu.

A Fundação Pró-Memória de Indaiatuba possui fontes bibliográficas gerais sobre a Proclamação da República. Algumas delas são *Notícia bibliográfica e histórica* (de Odilon Nogueira de Matos), *A formação das almas* (José Murilo de Carvalho), *Arquivo – boletim histórico e informativo* (Edições do Arquivo do Estado), *Anais do Museu Paulista* (1964, 1965, 1977/1978, 1979 e 1982), *São Paulo em Revista* (organizado por Heloisa de Faria Cruz), *História dos Partidos Brasileiros* (de Vamireh Chacon) e *Resgate – Revista da Cultura* (Editora Papirus).

Feriado lembra movimento constitucionalista³⁸

Em 9 de julho de 1932 eclodiu o movimento constitucionalista no Estado de São Paulo, por iniciativa de Bertoldo Klinger, comandante da Revolução, junto de membros do Partido Democrático (PD). O objetivo era forçar Getúlio Vargas a convocar a Constituinte, já que o governo provisório se estendia por dois anos.

No início da luta armada, a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco serviu como um pólo de alistamento de voluntários. Aos poucos, o movimento foi se espalhando pelo Estado todo.

Até mesmo as indústrias metalúrgicas foram atingidas, passando a trabalhar na fundição de armas e produção de munição.

De Indaiatuba também partiram voluntários. Entre eles estavam Lauro Genésio Lyra Gianechini, Abramo Bernardinetti, Antonio Gil, Ary Duarte Bertoni, João Rezende, Orlando Walsh Costa, João de Souza Aranha, Antonio Lopes Fontes, Plínio Pires de Campos, José Antonio Germano, Bonifácio Vanucci, Victório Prandini, Ireno Rodrigues Leite e Manoel Ribeiro. João Pereira dos Santos, outro indaiatubano integrante das tropas, foi morto em combate e, mais tarde, foi homenageado com um busto que se encontra na Praça Prudente de Moraes.

O Estado foi tomado por um entusiasmo sem igual e várias campanhas eclodiram para colaborar com os combatentes. Dos dois lados envolvidos (forças governistas e revolucionárias) partiu uma propaganda intensa. Parte deste material foi reeditado pelo Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro e pode ser encontrado na Fundação Pró-Memória de Indaiatuba.

Neste acervo, ficam claras as posições relatadas pela historiadora Emília Viotti da Costa em *1932: imagens contraditórias*. Para Getúlio Vargas, o movimento era um crime contra a Pátria, contra a fraternidade nacional. Os revolucionários paulistas, por outro lado, se defendiam dizendo que lutavam contra a ditadura varguista, a favor das “tradições democráticas”.

Embora a ditadura de Getúlio Vargas só se efetivasse em 1937, durante o movimento de 1932, os inimigos do governo já enxergavam e

³⁸ *Tribuna de Indaiá*, 09/07/98, pág. B-1.

procuravam mostrar sinais desse autoritarismo. Nesse sentido, os panfletos convocavam o “Povo de São Paulo” na defesa da “República Paulista”.

Alguns livretos passavam instruções para o Exército Constitucional, ensinavam a enfermagem de emergência ou ainda traziam partituras de músicas tocadas pelas bandas nas frentes de combate. Em outro tipo de impresso, o general mineiro Francisco Jorge Pinheiro explica que ocupava as cidades paulistas com o coração partido.

Os aliados de Vargas foram mais fortes e o movimento teve seu fim em 2 de outubro de 1932. Para os revolucionários foi difícil admitir a derrota. Nos dias seguintes, os jornais falavam em uma “vitória moral” e o Governo Constitucionalista dizia que São Paulo tinha feito tudo quanto podia.

Origens

Na década de 20, setores descontentes com a dominação do poder pelas chamadas oligarquias começaram a se organizar. Em 1926, surgiu o Partido Democrático (PD) de São Paulo, com o objetivo de combater o Partido Republicano Paulista (PRP).

Quando teve início a Revolução de 30, o PD se uniu aos revolucionários para formar a Aliança Liberal. Durante a luta armada, o grupo paulista ficou jogado a sua própria sorte. Apesar disso, a vitória de Getúlio Vargas foi recebida com entusiasmo.

Contrariando o acordo prévio de que o governo seria confiado a um membro do PD, Vargas nomeou interventor um militar não-paulista, o tenente João Alberto. As desavenças foram se acentuando e, no dia 7 de abril de 1931, o PD lançou um manifesto contra o governo. Neste mês, a oposição iniciou um movimento pela volta das “formas legais” e o PD rompeu o relacionamento com João Alberto. Diante de tamanha pressão, o interventor se demitiu e para seu lugar foi nomeado Laudo Ferreira de Camargo, um paulista civil neutro. Ele agüentou o peso por poucos meses, dando lugar a Pedro de Toledo.

Entre novembro de 1931 e fevereiro de 1932, o Partido Democrático procurou alianças em outros estados, se desvincilhou de Getúlio Vargas e concretizou um acordo com o PRP, formando a Frente Única Paulista.

Minas Gerais e Rio Grande do Sul também montaram suas frentes contra a “ditadura getulista”.

Diante do movimento que levantava, Getúlio decidiu acelerar o processo de constitucionalização. Em 24 de março de 1932, ele assinou a Lei Eleitoral. No dia 13 de maio, formou uma comissão para elaborar o anteprojeto da constituição e as eleições foram marcadas para o ano seguinte.

Mesmo com essas atitudes, o movimento pró-constitucionalização foi levado adiante. Num entendimento preliminar, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul se uniriam para conseguir a implantação do governo desejado. No entanto, os outros Estados não acompanharam a decisão dos paulistas e se juntaram às forças governistas, deixando São Paulo sozinho na luta contra Vargas, o que levou à derrota a chamada “Revolução Constitucionalista” de São Paulo.

Luta pelo *impeachment* de Collor atingiu estudantes de Indaiatuba³⁹

Há exatos seis anos, o Brasil vivia um momento decisivo para sua história. Em setembro de 1992, o presidente Fernando Collor de Mello, eleito como o “caçador de marajás”, sofreu o *impeachment*, foi destituído do cargo em virtude de denúncias sobre seu envolvimento em um delicado esquema de corrupção junto de Paulo César Farias.

Enquanto o processo corria em Brasília, o País todo assistia a manifestações contra o governo e a favor da saída do presidente. Indaiatuba não ficou de fora. No dia 25 de agosto, a Praça Prudente de Moraes testemunhou o protesto de cerca de 150 alunos organizado pelo Grêmio da EEPG Aurora Escodro Groff. Nas faixas havia frases como: Fora Collor!

Nas roupas e rostos, os estudantes exibiam preto, uma resposta ao pedido de Collor para que as pessoas se vestissem de verde e amarelo em sua defesa. Enquanto no microfone eram lidas cartas inflamadas, as crianças da 5ª série carregavam um caixão representando o fim do governo.

No dia 31 de agosto, foi a vez do Grêmio da EEPG Milton Leme do Prado mostrar trabalho. Cerca de 2 mil estudantes participaram da passeata, que saiu da Praça Renato Villanova com destino à Prudente de Moraes. No cortejo, gritavam frases como: “1, 2, 3, 4, 5, mil, o chefe da quadrilha é o presidente do Brasil”.

O refrão era reforçado por representantes da EEPG Randolpho Moreira Fernandes, EEPG Dom José de Camargo Barros, EEPG Geraldo Enéas de Campos, EEPG Aurora Escodro Groff, EEPG Áurea Moreira da Costa, Escola Candelária, Monteiro Lobato, EEPG Camilo Marques Paula, Fiec e da União da Juventude Socialista, de Campinas.

Como se já não fosse movimentação bastante, a cidade ainda vivia o clima de véspera das eleições para prefeito e vereadores. Aproveitando a oportunidade, vários políticos da cidade se manifestaram, através de jornais, contra Collor e a corrupção. No dia da votação, o PT instalou televisores e microfones na Praça Prudente de Moraes. Pouca gente acompanhou dali,

³⁹ *Tribuna de Indaiá*, 24/09/98, pág. B-2.

mas com a derrota do presidente, mais de 600 pessoas saíram às ruas para comemorar.

Os protestos refletiam o que acontecia por todo o País. Numa época em que a *Rede Globo* acabara de exibir a minissérie “Anos Rebeldes”, mostrando o idealismo e as aventuras dos jovens que integraram o movimento estudantil na década de 60. Para deleite daqueles que diziam que as manifestações eram um modismo, até mesmo músicas como *Alegria, Alegria*, de Caetano Veloso e *Pra não dizer que não falei das flores*, de Geraldo Vandré, voltaram a fazer parte do repertório dos adolescentes.

Mas Collor estava mais presente em Indaiatuba do que se pode imaginar. O presidente havia sido homenageado com o nome do Parque Ecológico. Logo que as denúncias explodiram, começaram a surgir, na Câmara, pedidos para a mudança do nome do local. O que de fato se concretizou e o Parque Ecológico Fernando Collor de Mello agora se chama apenas Parque Ecológico.

Ruas de Indaiatuba ficaram na escuridão total até o ano de 1887⁴⁰

Atualmente, o caos reina em Indaiatuba cada vez em que a cidade é acometida por alguns minutos de falta de energia elétrica. Mas houve um tempo em que esta terra ficava em completo breu após o pôr-do-sol. O primeiro serviço de luz na cidade, inaugurado com festa em 1887, era formado por lampiões a querosene. Mais tarde, este equipamento foi substituído pela rede da Empresa Luz e Força de Jundiahy, passando depois aos cuidados da Light.

A chegada da luz foi registrada por Scyllas Leite de Sampaio e Caio da Costa Sampaio no livro *Indaiatuba - sua história*. Segundo o relato dos autores, na ata da sessão do dia 27 de março de 1887, a Câmara mostrava ter tomado conhecimento do “recado” do Governo da Província para que providenciasse a instalação de lampiões de querosene nas esquinas da cidade.

Os lampiões seriam adquiridos pelo preço de 28\$000 (28 mil réis) cada um, incluindo o poste. A inauguração aconteceria em 25 de novembro daquele mesmo ano e logo depois foi criado o cargo de zelador dos lampiões para o qual foi nomeado Felipe Nery de Camargo Thebas.

A partir daqui entram as recordações de Antônio Zoppi, autor de *Reminiscências de Indaiatuba*. Ele lembra do tempo em que Nenê Pedroso era encarregado de acender os lampiões e descreve que, após o meio-dia, Nenê andava pela cidade com uma escada nos ombros e ia de poste em poste limpando os vidros e colocando querosene nos lampiões. Quando começava a anoitecer, o trajeto era repetido e o funcionário acendia o equipamento. O detalhe é que eles ficavam desligados no período de lua cheia, quando a luz natural era aproveitada.

Um levantamento feito pela arquivista Sílvia Mendes Masson mostra que, em 1910, os engenheiros Ramsay Kerr e Henry Dina pediram permissão à Câmara para que estabelecessem a rede elétrica no Município. A concessão foi dada, mas acabou sendo revogada no ano seguinte por vencimento do prazo para que fossem iniciadas as obras. Sendo assim, finalmente em 15 de maio de 1913, o sistema de iluminação pública com

⁴⁰ *Tribuna de Indaiá*, 22/01/2000, pág. B-4.

lâmpadas elétricas começou a funcionar sob responsabilidade da Empresa de Luz e Força de Jundiahy.

A empresa já fornecia energia para Jundiaí por meio de uma usina construída nas proximidades da estação de Monte Serrat, onde hoje está o Município de Itupeva. Com o início dos trabalhos em Indaiatuba, houve a necessidade de construir uma nova usina, em Quilombo, e as duas unidades passaram a trabalhar de forma integrada.

Já na década de 20, porém, a Câmara Municipal registraria reclamações contra a Empresa de Jundiahy. Os usuários queixavam-se, por exemplo, de cobrança abusiva. Mas ela se manteve e, em 1928, foi incorporada ao grupo canadense Light, que viria a desativar as usinas de Monte Serrat e Quilombo na década de 60 e dar continuidade ao fornecimento de energia elétrica.

Guarda Municipal foi criada na década de 80⁴¹

Em tempo de criação da Associação de Segurança de Indaiatuba (Assin), vale resgatar como o serviço de segurança pública evoluiu na cidade durante este século. Um dos primeiros registros existentes na Fundação Pró-Memória de Indaiatuba é uma foto do Destacamento Policial da Cadeia, no ano de 1911.

Já em 1947, foi confeccionado um livreto com o regulamento da Guarda Noturna do Município. Uma comissão organizadora foi formada por Sylvio Ferreira do Amaral, Henrique Ifanger, Humberto Batista, José Narciso Monteiro Neto e Felipe Nazário. Os trabalhos eram orientados pelo delegado de polícia Joaquim Gusmão Filho.

De acordo com levantamento feito pela arquivista Denise Aparecida Soares de Oliveira, três anos mais tarde (1950), a Lei n.º 241 criava a primeira Guarda Municipal da cidade. No entanto, não há, no arquivo, registros das atividades exercidas por esta corporação, bem como a data de sua extinção.

A Lei n.º 977, de 18 de setembro de 1967, traria de volta a Guarda Noturna, que duraria nove anos. Em 1983, foi instalada uma nova Guarda Municipal, que passou a ter uma participação mais efetiva no combate aos crimes, auxiliando as Polícias Civil e Militar, essas duas mantidas pelo Estado.

Inicialmente, a GM foi subordinada ao Departamento de Administração da Prefeitura. Depois ela passou a ser vinculada à Secretaria Municipal de Serviços Urbanos (Semurb), à Secretaria Municipal de Administração e, finalmente, à Secretaria de Defesa Social (Sedes).

Quando começou a trabalhar, a Guarda era formada por 44 homens armados, os quais contavam com cinco fuscas, duas motos 125cc, uma Kombi e um Opala. Recém-instalada, em novembro de 1984, ela evitou um assalto ao Banco do Brasil por estar presente no Centro.

A responsável pela pesquisa, Denise, lembra que o processo de urbanização atingiu Indaiatuba nas décadas de 70 e 80. “Como consequência, houve um aumento da violência e da criminalidade, levando à

⁴¹ *Tribuna de Indaiá*, 04/03/99, pág. 6.

revisão da parceria entre o Município e o Governo do Estado e à redefinição das competências”, conclui.

A evolução do sistema de abastecimento de água⁴²

Desde o século passado, Indaiatuba vem buscando soluções para o abastecimento da água e o tratamento de esgoto. Problemas com fossas, como os existentes até hoje nos jardins Brasil e Morumbi, anteriormente eram comuns e assustavam os visitantes de cidades mais desenvolvidas.

Prova disso é o principal registro que se tem a respeito, um relatório feito em 1939 para a cadeira de Higiene da Faculdade de Medicina de São Paulo por Arsênio Osvaldo Sevá.

Segundo este trabalho, no período da monarquia, os indaiatubanos se abasteciam em chafarizes e em poços cavados nos quintais das casas. No ano de 1869, foi construída uma caixa d'água na fonte existente no pasto de Francisco de Campos Toledo, coberta de tábuas, com paredes de pedra forradas de ladrilhos.

Nas primeiras décadas do século, a população (estimada em 10.290 habitantes, em 1890) utilizava as torneiras públicas existentes na Praça Dom Pedro II, Praça Leonor de Barros Camargo, Praça Rui Barbosa, esquina da Rua Pedro de Toledo com Rua Siqueira Campos, Rua XV de Novembro com Cerqueira César e XV de Novembro com 7 de Setembro.

Somente em 1915, o prefeito Alfredo Camargo da Fonseca apresentou uma solução organizando um sistema de abastecimento com uma bomba que puxava a água de um local próximo à Estação da Estrada de Ferro Sorocabana, levava até um reservatório localizado próximo ao cemitério, onde hoje é a Prefeitura, e canalizava para cinco ou seis torneiras existentes na cidade. A filtração era feita por cascalho, areia e carvão.

Mas os chafarizes e poços precisaram continuar a ser utilizados, mesmo depois da instalação de um novo sistema, traçado em 1936 com empréstimo do governo estadual, que puxava a água de uma represa construída próxima à estrada que ligava Indaiatuba a Campinas.

Para conhecer o que aconteceu depois do trabalho de Sevá, um dos documentos existentes foi produzido por alunos do Colégio Monteiro Lobato em conjunto com a Fundação Pró-Memória, em 1995. Nas páginas do projeto “Abastecimento de Água em Indaiatuba” está relatado que a água

⁴² *Tribuna de Indaiá*, 17/07/99, pág. B-5.

encanada foi finalmente inaugurada na área central da cidade em 1937. Para atender a demanda, 400 hidrômetros foram importados da Alemanha.

A população foi aumentando e, em 1957, tentando solucionar o problema de falta d'água, o Prefeito Lauro Bueno de Camargo investiu em uma nova mina que possibilitaria atender mais 2.000 ligações.

Esgotos

Na época em que Sevá visitou Indaiatuba, ele ficou abismado com a falta de condições no que dizia respeito ao esgoto indaiatubano. Ele conta que, com a mudança no sistema de água, muitos poços foram entupidos e parte deles passou a servir de fossa. Em outras casas, havia fossas extremamente rudimentares ou simplesmente latas servindo de depósito.

A coleta desse esgoto era feita por meio de uma lata em uma carroça puxada por um burro. As pessoas deixavam as latas com esgoto e lixo em frente de suas casas. Depois de recolhido, todo o material era jogado em terrenos ao redor da cidade.

Saae

O Serviço Autônomo de Água e Esgotos (Saae) foi criado na gestão do prefeito Romeu Zerbini, em 1968, e definitivamente instalado dois anos depois quando Mário Araldo Candello estava à frente do Executivo.

No período entre 1971 e 1973, um empréstimo da Cesp viabilizou a construção do novo serviço de abastecimento de água com a construção de dois reservatórios na captação do Capivari Mirim (ETA-1). Este projeto previa o abastecimento até 1990 para uma população de 64 mil pessoas.

Atualmente, estão em funcionamento, além da estação de tratamento de esgotos, a ETA-1 (localizada na Vila Avaí), a ETA-2 (no Recreio Campestre Jóia) e a ETA-3, que se serve do Rio Pirai. O tratamento da água é feito com sulfato de alumínio, decantação, filtração rápida de areia, cloração e sal de flúor.

Saúde pública local evoluiu na segunda metade deste século⁴³

Levantamento feito pela Fundação Pró-Memória de Indaiatuba mostra que a área da saúde pública de Indaiatuba evoluiu, consideravelmente, na segunda metade deste século. Por volta de 1900, o que se tinha na cidade nesta área era o Serviço de Matadouro, a fiscalização de higiene na comercialização de alimentos e a preocupação com epidemias e endemias.

No início da década de 30, a cidade apareceu nos noticiários da capital pela inauguração do Hospital Augusto de Oliveira Camargo (Haoc). A cerimônia, realizada no dia 27 de junho de 1933, é lembrada por Sylvia Teixeira de Camargo Sannazzaro pela presença de autoridades amigas do casal Augusto de Oliveira Camargo e Leonor de Paula Leite Camargo.

Um estudo, realizado em 1968, informa que nessa época o Haoc possuía 74 leitos para atendimento gratuito e 36 pagos, incluindo as áreas de clínica geral, cirurgia, obstetrícia e pediatria.

Em 1975, a Prefeitura mudou sua estrutura administrativa e reestruturou o Departamento de Educação e Saúde, dividindo-o em Departamento de Educação e Cultura, Esportes e Turismo e Departamento de Saúde e Bem-Estar Social.

Pouco tempo depois, há outro registro sobre o Departamento. A Lei n.º 1580/78 determinou que o Departamento de Saúde era o órgão responsável pelas atividades de assistência médico-farmacêutica aos necessitados, pelos serviços de Pronto-Socorro, pelo controle às doenças infecto-contagiosas e pelo controle da saúde da comunidade.

No início da década de 80, a taxa de urbanização de Indaiatuba atinge os 86,20%, a cidade está em crescimento e já possui mais de 60 mil habitantes. Como resultado, a Lei n.º 2017/83 cria a Secretaria Municipal da Saúde.

Durante todo esse período de organização, criou-se fundos para a captação de verbas estaduais que seriam destinadas ao Haoc ou ao sistema de Saúde propriamente. Em 1991, surge o Conselho Municipal de Saúde, responsável pela coordenação do Sistema Único de Saúde (SUS). Dois anos

⁴³ *Tribuna de Indaiá*, 01/04/99, pág. 6.

depois, a Secretaria da Saúde se reorganiza e passa a compreender os departamentos de Assistência Médica, de Vigilância Sanitária, de Vigilância Epidemiológica, de Assistência Odontológica, de Reabilitação Física e Mental, Administrativo e de Enfermagem.

Hoje, além do Haoc, a cidade é atendida pelo Mini-Hospital do Jardim Morada do Sol, Unidades Básicas de Saúde e uma Unidade Móvel de Saúde. O Haoc está ganhando novas alas e novos equipamentos, no entanto, sua fachada continua mantendo as características da época de sua inauguração.

O início do correio na antiga Vila de Indaiatuba⁴⁴

Até bem poucos anos, e-mail era um meio de comunicação utilizado somente por institutos de pesquisa. Mais um século de história para trás e nem o popular telefone era de conhecimento público. Mas era um tempo em que a comunicação era necessária sim, principalmente para os muitos fazendeiros que viviam praticamente isolados no interior da então Província de São Paulo.

No livro *Indaiatuba – sua história*, Scyllas Leite de Sampaio e Caio da Costa Sampaio contam que a primeira linha do correio que servia o interior surgiu em 1825. De dez em dez dias, a correspondência seguia passando pelas Vilas de Jundiahy (grafia da época), São Carlos (hoje Campinas), Ytú e Sorocaba.

Segundo o relato dos autores, Indaiatuba, nesta época, era apenas o “Arraial do Coaes”, pertencente a Itu. Como a área não era servida pelo correio, os antigos moradores pagavam uma pessoa para buscar a correspondência em Itu e distribuí-la numa loja existente na antiga Rua da Palma (Rua XV de Novembro), entre as ruas Sete de Setembro e Siqueira Campos. A chegada das cartas era anunciada com o estouro de um rojão.

Após a criação do Município, na terceira sessão da Câmara, em 2 de agosto de 1859, os vereadores tentaram resolver o problema, conforme está registrado no primeiro livro de atas da Casa, pertencente à Fundação Pró-Memória de Indaiatuba. Os edis solicitaram ao Governo da Província que fosse instalada uma agência dos correios em Indaiatuba, alegando que a cidade estava localizada no caminho entre Itu e Campinas. Para justificar, eles também destacaram o fato dos habitantes serem, em sua maioria, fazendeiros e comerciantes que tinham relações com a capital da Província e a corte, sendo assim, era necessária uma comunicação eficaz.

Na sessão extraordinária da Câmara, em 31 de julho de 1860, os vereadores já indicariam os nomes de Vicente Ferrer do Amaral e Joaquim da Costa Roriz para que ocupassem, respectivamente, os cargos de agente do correio e ajudante. Neste mesmo ano, a agência foi criada. Vicente Ferrer do Amaral ocupou o cargo até 1887, quando se exonerou e foi substituído por

⁴⁴ *Tribuna de Indaiá*, 08/01/2000, pág. B-4.

Maria de Campos Bicudo Camargo Graminha, a Nhá Marica, que exerceria a função até 1898, quando faleceu.

Nos primeiros anos, continuou em funcionamento a linha do correio para o interior, mas em 1867, com a inauguração da Estrada de Ferro que ligava Santos a Jundiaí, o serviço passou a ser direto com Indaiatuba. Animada com o progresso, a Câmara aproveitou para solicitar que o serviço passasse a funcionar de cinco em cinco dias (e não de dez em dez). No entanto, as alterações só ocorreriam em 1873, quando foi inaugurada a Companhia Ituana de Estradas de Ferro e Navegação, que passava por Indaiatuba e levava o correio diariamente para a capital.

Registro

Na obra *Gente da Nossa Terra, Terra da Nossa Gente*, Rubens de Campos Penteado escreve sobre um registro deste início do correio. Trata-se de um cartão postal (na época, chamado de bilhete postal), datado de 31 de março de 1909, endereçado a Arthur Pedroso de Barros, mas que atualmente é de propriedade de seu filho Dilermando Pedroso de Barros.

No tal “bilhete” (que também faz parte dos arquivos da Fundação Pró-Memória) encontra-se estampada a fotografia do antigo prédio da Cadeia Pública de Indaiatuba, que ficava no centro da Praça Prudente de Moraes e antes de ser demolido também abrigou a Prefeitura e a Câmara Municipal.

Século 20

Sylvia Teixeira de Camargo Sannazzaro também lembra do problema do correio em seu livro, *O Tempo e a Gente*. Segundo ela, a agência do correio não possuía prédio próprio, por isso, funcionava junto à residência do agente, mudando de local, portanto, conforme mudava o funcionário.

Já no século 20, ela recorda dos nomes de Maria das Dores Camargo Thebas (a nhanhã Thebas), Cornélio Ribeiro de Barros (que exerceu o cargo antes dos anos 30), Augusta Magnusson Steffen e sua filha Júlia Steffen. Depois disso, o correio teria passado por dependências públicas enquanto aguardava a construção de sua sede.

Foi em junho de 1960 que três jovens indaiatubanos – Wladimir Gonçalves, Donato de Almeida e Joaquim de Campos – resolveram escrever ao presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, expondo a situação dos 25 mil habitantes de Indaiatuba e pedindo ajuda para a conclusão da obra do correio, que se deteriorava pela ação do tempo. Finalmente, após alguns meses o telegrama foi respondido e, mais um tempo, o prédio foi concluído.

Década de 50: Indaiatuba briga pelo Correio⁴⁵

Década de 50, década de 60. Nessa época, Indaiatuba brigava pela retomada da obra do prédio dos Correios e Telégrafos (onde ainda hoje está localizada a agência central dos Correios), paralisada havia cerca de dez anos. Nas edições da *Tribuna* desta época, várias reclamações são publicadas, conforme pode-se verificar nos arquivos da Fundação Pró-Memória de Indaiatuba.

Em 1957, o engenheiro Zanny Vieira de Mello, do Departamento dos Correios e Telégrafos de São Paulo veio à cidade para vistoriar o prédio. A visita seria apenas um dos primeiros sinais falsos, pois a novela da obra duraria ainda muitos anos.

Durante todo o tempo em que a obra ficou paralisada, a agência dos correios funcionou num cubículo emprestado na Biblioteca Pública Municipal Rui Barbosa, com atendimento precário. O prédio da Praça Prudente de Moraes, abandonado, servia de dormitório para moradores de rua.

Athayde Puccinelli escreveu na *Tribuna* sua indignação a respeito do assunto: “Tempo de eleição:- os candidatos a deputados e governadores nos visitam. Explanam seus programas de administração e, depois, apontando com o dedo o prédio, gritam: se eleitos, nós terminaremos o prédio do correio que ali está! Realizam-se as eleições. Os candidatos são votados aqui, são eleitos, e nós continuamos na mesma, como ‘eternos esquecidos’”.

Na coluna *Gente da Nossa Terra, Terra da Nossa Gente* do dia 22 de fevereiro de 1986, Rubens de Campos Penteado lembra-se que em julho de 1960 Joaquim de Campos e dois amigos - Donato de Almeida e o bancário Wladimir Gonçalves – escreveram uma carta ao presidente Juscelino Kubitschek pedindo atenção ao correio de Indaiatuba. Pouco tempo depois, as obras foram concluídas.

Em abril de 1961, o prefeito Alberto Brizzola, recebe notícias do Ministério de Viação e Obras Públicas Federal que a construção seria finalmente encerrada. Em agosto do mesmo ano, Brizzola foi ao Rio de Janeiro assinar o contrato para que a conclusão da obra ocorresse em 120 dias.

⁴⁵ *Tribuna de Indaiá*, 11/02/99, pág. 6.

No entanto, a novela do novo prédio do Correio se estendeu um pouco mais, mesmo depois da construção ter sido finalizada. Primeiramente, a inauguração foi prometida para o dia 1º de maio de 1962. A segunda data marcada foi o dia 28 de julho de 1962, adiada por alterações na chefia dos Correios e Telégrafos.

Finalmente, marcou-se o dia 1º de setembro de 1962, quando a cerimônia aconteceu, durante o mandato do prefeito Odilon Ferreira. Estiveram presentes ao evento os deputados Ulysses Guimarães e Cunha Bueno. A bênção foi feita pelo padre Claret Rocha de Toledo Piza.

Nabor teria completado 96 anos nesta segunda⁴⁶

Aos 9 de fevereiro de 1902 – quando Indaiatuba ainda nem ostentava o título de cidade e o padre Fernando Tognosi assumia a Paróquia de Nossa Senhora da Candelária – nasceu Nabor Pires de Camargo⁴⁷ (mais tarde apenas Nabor Pires Camargo).

Depois de receber as primeiras noções de música com seu irmão Alziro, o Miloca, Nabor foi admitido como clarinetista da banda infanto-juvenil de Indaiatuba, em 1912, regida pelo maestro José Lopes dos Reis, o Dunga.

Com apenas 11 anos de idade, o jovem músico compôs a primeira de suas mais de 400 obras. Esta sua primeira composição ficou conhecida como *Limpa Banco*, pois sempre que era tocada, damas e cavalheiros corriam para o centro do salão.

Mas nem só de música viveu Nabor. Ele chegou a trabalhar em locais como a Companhia Telefônica de Indaiatuba e a usina de açúcar da Companhia Agrícola de Guatapará. E, aos 18 anos, ele conseguiu que sua obra *Triste Separação* fosse impressa.

O ano de 1921 foi marcado pela ida do compositor a São Paulo, onde começou a estudar música no Conservatório Dramático. Na capital do Estado, Nabor passou por várias corporações musicais e, entre outras, fez amizade com o jornalista e poeta Dieno Castanho. A partir do maxixe *Mamãe me leva*, os dois deram início a uma longa parceria musical.

Em 1930, atendendo ao convite do prefeito Major Alfredo de Camargo Fonseca, Nabor compôs o hino⁴⁸ de sua “terra querida e venturosa” para a solenidade de comemoração do centenário de Indaiatuba. Enquanto isso, na capital, ele foi eleito o “Melhor Clarinetista de 1930”, pela *Gazeta Esportiva* e gravou seu primeiro disco com *Matando Saudades e Caindo das Nuvens*.

⁴⁶ *Tribuna de Indaiá*, 12/02/98, pág. B-1.

⁴⁷ Embora tenha sido registrado com o nome de Nabor Pires de Camargo, de acordo com sua esposa, Cleonice Mattioli Camargo, o compositor suprimiu a preposição “de” por ser indicativa de ascendência nobre.

⁴⁸ Nabor é autor da música do Hino de Indaiatuba. A letra é obra de Acrísio de Camargo.

O compositor retornou a Indaiatuba em 1985. Dois anos mais tarde, ele teve a oportunidade de presenciar a segunda montagem de *Ara Erê-Uçú* – o grande dia de festa. Antonio Reginaldo Geiss, atualmente presidente da Fundação Pró-Memória, lembra que o espetáculo consiste num bailado criado por Nabor que conta a história de Indaiatuba desde o seu nascimento.

Geiss conta que a primeira montagem de *Ara Erê-Uçú* aconteceu em 1976. “Foi muito precária e eu prometi para Nabor que iria montar de novo, consegui em 1987”, recorda-se. O músico permaneceu na cidade até o final da década, quando então mudou-se para Mococa onde faleceu, em 3 de outubro de 1996, aos 94 anos de idade, sendo sepultado em Indaiatuba.

Acervo

Cerca de 90% do arquivo de Nabor foi doado à Fundação Pró-Memória de Indaiatuba. O presidente da Fundação, Geiss, relata que este acervo inclui documentos, exemplares de discos, partituras de toda sua obra publicada e inédita e o manuscrito de suas memórias⁴⁹.

Geiss explica que a discografia de Nabor não é grande (gravados, por ele mesmo, há cerca de 20 discos), no entanto, várias de suas músicas foram gravadas por outras pessoas. A Fundação possui também o LP *Velha Guarda*, regravado em 1988, que para Geiss foi “um dos primeiros LPs gravados de um único compositor com todas as músicas gravadas por ele mesmo”.

O piano de Nabor também é de propriedade da Pró-Memória e é usado pela Sociedade Cultural Cantátimo. Geiss adianta que, nas próximas semanas, deverão surgir novidades com relação ao acervo de Nabor, porque sua esposa (Dona Cleonice) veio para a cidade para prestigiar a Semana Nabor Pires Camargo e trouxe mais documentos, ainda não analisados pela Fundação.

Além das memórias de Nabor, a Fundação pensa em viabilizar a publicação da pesquisa do pianista Marco Antonio Bernardo. Com uma

⁴⁹ O livro *Recordações de um clarinetista*, de Nabor Pires Camargo, foi lançado no dia 09 de fevereiro de 2000, durante a IV Semana Nabor Pires Camargo.

bolsa de estudos da Fundação Vitae, Bernardo pesquisou minuciosamente a vida e obra de doze chorões, entre eles Nabor.

Indaiatuba ganhou primeira banda oficial em 1912⁵⁰

Já que maio é o mês da música em Indaiatuba, esta sessão também se dedica ao resgate do desenvolvimento desta arte na cidade, neste século. Um dos primeiros registros existentes na Fundação Pró-Memória de Indaiatuba está no manuscrito de *Recordando*, livro de memórias de Nabor Pires Camargo.

Nas palavras do próprio músico: “Em 1912 um alegre acontecimento sacudiu a nossa cidade, sempre tão calma!” Tratava-se da chegada de José Lopes dos Reis, o Dunga, contratado para organizar a primeira banda oficial de Indaiatuba.

Ainda segundo Nabor, “é preciso lembrar que naquele tempo ninguém sonhava com o rádio, e muito menos com a televisão. Os divertimentos se resumiam em festas de igrejas, circos, corridas de cavalos e de burros, touradas, jogos de futebol, cinemas e bailes em salões ou em casas de famílias.”

Como em tais eventos a música era imprescindível, a vinda de Dunga foi como um marco de progresso para a cidade. Dentro de seis meses, a corporação estava devidamente organizada, com músicos que já haviam feito parte de outros grupos, tendo como base componentes das famílias Minioli, Coppini e Pires de Camargo.

Além de regente, Dunga dava aulas aos garotos (os integrantes da banda eram ainda bem jovens) e os ensaiava. As aulas e ensaios tinham horários fixos, no entanto, quando havia mudanças, os integrantes eram chamados rapidamente através do toque do bumbo em um dos pontos mais altos da cidade.

Nabor conta que Dunga recebia um “pequeno ordenado” da Prefeitura por seu trabalho. Sendo assim, algum tempo depois da banda estar organizada, José Lopes dos Reis deixou a cidade por uma oferta de trabalho mais proveitosa.

Mais tarde, a banda oficializada durante a administração do prefeito Major Alfredo de Camargo Fonseca recebeu o nome de Corporação Musical 7 de Setembro e teve como seus regentes Esterlino Minioli, Nabor, Paschoalino Boffa e outros.

⁵⁰ *Tribuna de Indaiá*, 07/05/98, pág. B-2.

Ao analisar a biografia de alguns dos músicos deste início de século, uma das características em comum é que todos tinham outra profissão, não se dedicando exclusivamente à música. Ageo Caldeira (5/3/1918 - 5/7/73), por exemplo, tocava baixo-tuba na 7 de Setembro, mas foi operário e vereador.

Outro operário, Geraldo Caldeira (24/5/26 – 9/8/79), participou do grupo tocando trompete e trombone de vara. O contrabaixista da época era o pedreiro Luiz Laurenciano, italiano nato, pedreiro que trabalhou na construção da Igreja São Benedito e que faleceu em 1937.

Da família Coppini, os irmãos João Alfredo (12/6/1899 – 28/9/1939) e Pedro Augusto (5/7/1890 – 6/10/1971) tocavam respectivamente o trombone e o trompete, embora trabalhassem na lavoura. Uma história interessante cerca a saída de Augusto da banda, em 1938.

De acordo com relatos de sua família, ele teria parado de tocar por se sentir culpado pela morte de sua irmãzinha de apenas 11 meses de idade, que faleceu enquanto Augusto dava aulas barulhentas de música para jovens em casa.

Nabor também não era o único representante da família Pires de Camargo; seu irmão Alziro, o Miloca, tocava clarineta na banda desde o início do século, quando a corporação era dirigida pelo maestro Hilário Dias de Almeida. E Godofredo, seu outro irmão, que aparece na foto de 1916, tocava trombone.

Um dos músicos a ficar mais tempo na Corporação foi Antônio Martins (19/8/16 – 26/12/96), o Nêne. Ele que foi lavrador, industrial e vendedor, acompanhou os altos e baixos da banda e aparece nos jornais até o final da vida, apelando para que a cidade colaborasse com a Corporação Musical Villa-Lobos (nome oficializado em 1979 e que permanece até os dias de hoje).

Para se ter uma idéia, em 1989, a *Tribuna* dizia que a banda estava “mal prá xuxu” e relatava o estado dos instrumentos numa matéria que incluía o seguinte trecho: “O bombardino do senhor Nêne é mais velho que ele, que já tem mais de 70 anos.”

Em alguns períodos dessa extensa história, a banda parou de trabalhar. Provavelmente, seu último retorno foi em janeiro de 1990, em que o jornal relata sua participação em um passeio ciclístico organizado pelo padre Piazza, “depois de quase um ano parada”.

Mulheres na história da música indaiatubana⁵¹

Dando continuidade à história da música em Indaiatuba, esta sessão lembra de mulheres que encantaram e continuam encantando a cidade com seus dotes artísticos. Maria José Guimarães, Mariquinha Bicudo, Maria Abigail Zoppi e as irmãs Ferrarezzi são algumas delas.

Maria José é dona Zezé, que desde de 1979 (e até hoje!) cuida do órgão nas missas da Igreja Santa Rita. Indaiatubana nata, ela teve aulas com Acelino do Amaral Gurgel e aos 15 anos foi para São Paulo. Por 32 anos trabalhou no Departamento de Botânica do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo (USP).

Vinda de uma família com tradição musical, dona Zezé iniciou sua carreira artística ao lado de sua irmã Celina. Coursou o Conservatório Dramático Musical (em São Paulo) e integrou o Coral USP quando este era regido por Benito Juarez.

Tocando o piano a quatro mãos, Celina e Zezé se apresentaram na *TV Record* em uma especial de Natal em prol dos pobres, no programa *Jovem Guarda*, onde tiveram a oportunidade de conhecer o “rei” Roberto Carlos, Wanderléa e outros ídolos da época. De 1963 a 1965, a dupla tocou no programa *A Cidade Sertaneja*, da *TV Cultura*.

A responsável pela iniciação musical de dona Zezé foi sua tia, Maria Hermínia Neves Bicudo, dona Mariquinha, que faleceu em 1951. Como lembra Sylvia Sannazzaro, em seu livro *O Tempo e a Gente*, a voz de contralto de dona Mariquinha era imprescindível no coro da Igreja e sem ela a cerimônia não começava.

Durante muito tempo, ela fez dupla com seu marido Martins Neves. Mariquinha estudou música nos intervalos de seus afazeres domésticos e chegou a organista e regente do coro da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Candelária.

E por falar no coral da Matriz, não há como citá-lo sem passar pela Família Ferrarezzi Martins, que até hoje pode ser encontrada no coro. Na foto apresentada nesta página, de 1948, as irmãs Glória e Geny Ferrarezzi (no centro, em pé), integram um grupo de instrumentistas e cantores que se apresentou no salão paroquial da Igreja Candelária.

⁵¹ *Tribuna de Indaiá*, 14/05/98, pág. B-1.

Era comum grupos como esse participarem de campanhas beneficentes e dos chamados “atos variados” que aconteciam antes das apresentações teatrais. Outra presente na foto é Maria Abigail Zoppi (sentada abaixo das irmãs Ferrarezzi, vestida de preto), filha de Rêmulo Zoppi.

Durante muito tempo, Abigail dirigiu o Conservatório Musical Maestro Eleazar de Carvalho. A edição da *Tribuna* do dia 3 de novembro de 1957 já descrevia a 7ª Noite da Arte organizada por Abigail no Indaiatuba Clube. Nessas noites, os alunos do Conservatório interpretavam músicas clássicas cuidadosamente escolhidas por ela.

A contribuição de Henrique Lins para a música⁵²

Não se pode dizer que Henrique Lins era um músico profissional, no entanto, ele teve uma grande contribuição para o desenvolvimento desta arte em Indaiatuba, trabalhando na construção e restauração de órgãos e pianos. Ao todo, este artista deixou 23 órgãos e várias obras espalhados pelo País.

Lins nasceu em Bocholt (Alemanha), no dia 6 de abril de 1906. Permaneceu em sua terra natal até os 17 anos, quando então veio estudar no Mosteiro de São Bento, em Sorocaba, para não ser pego pela Primeira Guerra Mundial. Outro fato histórico o fez deixar o seminário: a Revolução de 30. Perseguido por sua nacionalidade, o jovem alemão chegou na colônia suíça de Helvetia, onde se instalou sob proteção do também alemão padre Ildefonso Stehle.

Por sua formação religiosa, Lins passou a ser sacristão na Capela de Nossa Senhora de Lourdes. Nessa época, o padre Ildefonso conseguiu importar um órgão alemão, mas o dinheiro não permitiu que o técnico fosse trazido para montar a preciosidade. Vários estrangeiros moradores da região tentaram sem sucesso resolver o problema, até que Lins resolveu estudar o manual.

O sacristão conseguiu realizar a façanha e aumentou seu prestígio junto à comunidade de Helvetia, principalmente entre as mulheres, e logo casou-se com Rosa Maria Jacober. O matrimônio deu origem a nada menos que 16 filhos. Lins mantinha a família com seus dons de marceneiro, construía bancos de igreja, carroças e até mesmo caixões de defunto.

Como tinha o objetivo de desvendar o Brasil, ele passou por algumas cidades do interior até que se instalasse em Indaiatuba, no ano de 1935. Inicialmente, Lins construiu sua oficina de marcenaria nos fundos de sua casa, na Rua Bernardino de Campos (onde hoje se localiza o Clube 9 de Julho).

Na oficina, ele passou a se dedicar à fabricação e manutenção de harmônios, que são pequenos órgãos domésticos. No entanto, o artista só se sentiu satisfeito quando fabricou seu primeiro grande órgão, em 1938, que foi instalado na Igreja do Bairro Friburgo.

⁵² *Tribuna de Indaiá*, 21/05/98, pág. B-2.

Em 1945, a “Fábrica de órgãos e harmônios Lins” mudou para o prédio da antiga fábrica de cadeiras e cabos de guarda-chuvas Gryscek, localizado na Rua Jundiáí, na Vila Furlan (no local, hoje funciona uma confecção). Neste mesmo ano, o artista caiu de uma escada e quebrou três costelas. Lins fez uma promessa e, quando se recuperou, construiu o Cruzeiro com a figura de Cristo que ainda pode ser visto.

Mais tarde, outras imagens foram inseridas no Cruzeiro, como a de Maria Madalena que o neto de Lins, Henrique Steve, lembra de ter ajudado o avô a construir na década de 70.

Voltando à construção de órgãos, o instrumento da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Candelária também é uma obra de Lins que foi recentemente restaurada por um dos filhos dele, Edmundo, que ainda mantém a técnica de restauração de órgãos.

Outras localidades em que podem ser encontrados trabalhos desse indaiatubano de coração são a Basílica Menor de São José do Rio Preto, igrejas de Botucatu, Mococa, São Paulo, Colégio Ave Maria de Campinas e Londrina.

Os órgãos eram construídos de madeira, com as membranas dos foles confeccionadas com couro de carneiro. Para completar, havia os tubos, feitos de madeira ou metal. Todo o arquivo das técnicas e histórias de Lins é guardado por seu neto Steve. Entre o extenso material, há uma coleção de artigos escritos por Lins para uma revista sacra onde, por cerca de 15 anos, ele contou histórias de sua vida, detalhes da montagem de órgãos, etc.

Mas, como se pode ver, a herança de Henrique Lins não se restringe aos órgãos. Por Indaiatuba ele deixou vários outros exemplos que comprovam seus dotes artísticos, como o monumento em homenagem à Bíblia localizado em frente à Igreja Santa Rita de Cássia, as imagens da fachada da Igreja Nossa Senhora de Lourdes e o painel esculpido na parede do velório do Cemitério Velho da Candelária.

A devoção católica foi uma característica marcante na vida deste personagem da história de Indaiatuba que iniciou a Procissão do Santo Lenho, uma peregrinação a Helvetia realizada no domingo mais próximo do dia 14 de setembro. Lins morreu dois dias antes de completar 86 anos e durante os últimos anos de sua vida foi ministro dos enfermos da Igreja Santa Rita.

Teatros e circos movimentam a Indaiatuba antiga⁵³

Neste sábado (27 de março) comemora-se o Dia Mundial do Teatro, o Dia do Artista Circense e o Dia do Circo. Na Fundação Pró-Memória de Indaiatuba, encontram-se registros de que, desde o início do século, artistas dessas áreas lutam para trazer diversão aos indaiatubanos. De um lado, estão os atores amadores locais. De outro, os palhaços e malabaristas que incluem a cidade em suas andanças.

Eutimiro José Lisoni, o Ejotaéle, deixou para a Fundação uma cópia datilografada de “Fatos e coisas de Indaiatuba antiga”. Em seu texto, Ejotaéle lembra que, em 1908, a cidade recebeu um dos primeiros “circos de cavalinhos”, o Circo Clementino.

A professora Sylvia Sannazzaro se recorda de tais grupos em seu *O Tempo e a Gente*, acrescentando que a diversão acontecia no Largo das Caneleiras (atual Praça Rui Barbosa). Essa lembrança também atinge o presidente da Pró-Memória, Antonio Reginaldo Geiss. Segundo ele, o circo de cavalinhos é semelhante ao parque de diversões de hoje.

Geiss relata que os circos tinham carrossel de cavalinhos de pau, barquinhas (onde as crianças menores podiam passear com os pais), roletas e argolas. “Uma vez chegaram a exhibir até um filme no Largo das Caneleiras para atrair mais público”, revela.

Mas Indaiatuba também recebia circos convencionais. Um deles, que visitou a cidade na década de 40, possuía como integrante o ilustre Amácio Mazzaropi. Isso mesmo, o cineasta passou pela Terra dos Indaiás antes de se tornar celebridade.

Essas informações todas estão registradas nos livros da Prefeitura, que em 1938 (por meio do ato n.º 60/38) cobrava 70\$000 pela apresentação de circos de cavalinhos em domingos e feriados e 40\$000 pelo espetáculo nos demais dias.

Nos livros de requerimentos encontram-se registrados os pedidos de licença de vários grupos, tais como o Circo La Paz (requerimento n.º 102, de 6/10/37), o Parque Theatro Oriente (n.º 107, de 28/10/37), o Circo de Cavalinhos Colômbia (n.º 172, de 6/12/38) e o Circo Novo Mundo (n.º 151, de 31/03/47).

⁵³ *Tribuna de Indaiá*, 25/03/99, pág. 6.

Como sempre, esses livros guardam curiosidades não muito bem explicadas. No dia 26 de janeiro de 1945, quando acabava a 2ª Guerra Mundial, o então prefeito Jácomo Nazário não permitiu a apresentação do Circo Jardim dos Estados, pois os espetáculos circenses estavam suspensos provisoriamente.

Os grêmios dramáticos

Num momento em que se luta pela construção do Teatro Municipal de Indaiatuba, também vale lembrar do tempo em que os Grêmios Dramáticos, formados por atores amadores locais, apresentavam suas peças, lotando o Cine Teatro Rex, o Salão Internacional ou mesmo o Salão da Candelária.

Guerino Lui, Arquimedes Prandini, Angelo Civolani, Miguel Carotti, Moacyr Guimarães, Francisco Borghezani, Damiano D'Alexandro, Paulo Mathias de Freitas e as irmãs Glória, Geny e Elzira Ferrarezzi são alguns dos nomes impressos nos programas teatrais da época.

Seja o Grêmio Dramático Bandeirantes ou o Filhos de Thalma, os espetáculos eram semelhantes. Normalmente faziam parte de campanhas beneficentes, muitas delas visando ajudar o Hospital de Pirapitingüi. Outro aspecto em comum é que as peças eram sempre antecedidas por “atos variados”, vários deles organizados por Sylvia Sannazzaro.

Entre essas produções pioneiras estão *A filha do estalajadeiro*, *O preso da cela n.º 8*, *O último adeus*, *Os salteadores da Floresta Negra*, *O interventor* e *Ferro em brasa*.

A veia literária indaiatubana desde os anos 70⁵⁴

Os próximos dias estão cheios de comemoração na área da literatura. Amanhã, dia 12, é o Dia do Bibliotecário. Já no domingo, comemora-se o Dia da Poesia e do Vendedor de Livro. Talvez nem todos saibam, mais Indaiatuba tem bastante o que comemorar nesta área, afinal a produção literária da cidade é cada vez mais intensa.

Basta lembrar, por exemplo, que, no ano passado, Antonio da Cunha Penna venceu a modalidade literatura do Mapa Cultural Paulista com o conto “De moscas e de homens”. Para continuar no presente, nos últimos anos, foram publicados vários livros de autores residentes ou que já residiram na cidade.

Na lista dessas obras incluem-se *Indaiatuba – sua história* (de Scyllas Leite de Sampaio e Caio da Costa Sampaio), *Mulher Oásis – uma fonte de paz* (de Milton e Olga Inhauser), *Engenharia & Arquitetura – orientação profissional* (de Fernando Martins Gomes), *A Malha Entrecruzada das Ações* (de Magali Possan), *Fases* (de André Luís Firmino Cardoso), *O Tempo e a Gente* (de Sylvia Teixeira de Camargo Sannazzaro), *Reminiscências de Indaiatuba* (de Antonio Zoppi), *Lembranças de Menino e Lembranças da Mocidade* (de Dilermando Pedroso de Barroso).

Em vários desses livros e em textos avulsos publicados percebe-se uma característica comum, o amor dos escritores por Indaiatuba. Exemplos disso são *Indaiatuba*, de Fernando Stein, e *Velho Casarão*, de Archimedes Prandini, transcritos parcialmente, na página a seguir.

Passado

Mas a produção literária indaiatubana não é exclusividade desta década. Já em 1966, o professor Milton Duarte sugeria a fundação de uma Academia Indaiatubana de Letras, animado pelo lançamento do livro *Gotas de Orvalho*, do jovem Fernando Stein. A idéia se concretizaria em 19 de julho de 1978, quando um grupo finalmente fundou a Academia, com o objetivo de difundir a literatura local através de concursos, palestras e exposições.

⁵⁴ *Tribuna de Indaiá*, 11/03/99, pág. 6.

A primeira reunião aconteceu na Biblioteca Pública Rui Barbosa e definiu Athayde Puccinelli como presidente, Irineu Rocha Ribeiro como vice, José Roberto Guedes de Oliveira como primeiro-secretário, Hélio Fernandes Garcia para o cargo de segundo-secretário, Luís Carlos Batista de Moura como terceiro-secretário, João Baptista da Silva como primeiro-tesoureiro, Domingos Benedetti Neto como segundo-tesoureiro, Ademir Barnabé como diretor de comunicação e Antonio Jair Barbieri como bibliotecário. Antonio da Cunha Penna e Archimedes Prandini eram membros.

A Academia, no entanto, não durou muito tempo. Antes disso, na edição de 24 de fevereiro de 1974, a *Tribuna* sugeria a criação da Casa do Poeta Indaiatubano, idéia que também não vingou. Mais tarde, em 1995, alguns membros da antiga Academia tentaram reativá-la, também sem sucesso.

Indaiatuba, por Fernando Stein

O viandante passa pela rua,
Indiferente, pela vez primeira
e diz consigo:
É como as outras, nada tem de sua
esta cidade que quer ser faceira.

Como se engana o viandante amigo!
Não viu amores
a sussurrar pelos jardins da praça?...
Não viu as flores?...
Não viu a graça
com que se enfeita o casario tão seu?...
Não percebeu como é bonita
a rua onde mora minha namorada?...
Você não viu absolutamente nada!

(...)
Vai adiante
viandante.

Mas nunca em outro lugar,
qualquer terra em que pisar,
por mais planaltos que você suba,
você nunca mais achará
outras tardes de Indaiatuba,
outra Terra dos Indaiás!

*publicada durante a comemoração dos
150 anos de Indaiatuba

Velho casarão, por Archimedes Prandini

No início de uma rua da cidade,
Se localiza um velho casarão
Representa que tem contrariedade
Com terrível medo de sua demolição
Velho casarão que conheci,
Desde o início de minha vida.
Inexplicável amor por ele senti,
Pois se um dia ver suas paredes caídas,
Sentirei e chorarei lágrimas sentidas.
Sim, velho casarão que serviste de teto,
A antigos habitantes desta cidade.
Temos que lhe dispensar muito afeto,
E de coração, a considerar, um palácio na
cidade.

Nós, o tempo, por Athayde Puccinelli

É óbvio que um dia vamos morrer,
que a matéria será pó e nada mais.
Pó esvoaçando sem querer,
pelas forças brutais dos vendavais.

(...)

História da imigração suíça: de Obwalden para Indaiatuba⁵⁵

Não é difícil perceber a presença dos descendentes de suíços em Indaiatuba. Facilmente, se encontra alguns dos Ambiel, Angarten, Denny, Bannwart, Wolf, Zumstein, Amstalden, Von Ah, Ming, Fanger, Ifanger, Sigrist, etc.

Para quem pega a saída 62 da Rodovia Santos Dumont então, nem se fala. Entre os condomínios de luxo existentes na região, a Colônia Helvetia sobrevive, cultivando a arquitetura e outras características típicas da terra dos Alpes.

A história começa há mais de 140 anos, em 1854, quando 26 famílias (aproximadamente 150 pessoas) procedentes do Cantão de Obwalden, na Suíça, enfrentaram 73 dias de viagem para começar vida nova na Fazenda Sítio Grande, em Jundiáí.

A imigração resultava da crise econômica e social que assolava toda a Europa, em especial a Suíça, onde havia uma luta intensa entre os cantões católicos e os de maioria protestante. Chegando no Brasil, a realidade era bem mais cruel do que a apresentada nas propagandas e os colonos sofriam com as imposições do sistema de parceria, pelo qual recebiam um adiantamento salarial até que pudessem se sustentar.

34 anos depois da chegada no Brasil, em 1888, a desvalorização da propriedade rural, decorrente da abolição da escravatura, possibilitou que os colonos suíços adquirissem suas terras. Foi neste momento, mais precisamente no dia 14 de abril, que membros das famílias Ambiel, Amstalden, Bannwart e Wolf chegaram à região hoje conhecida como Helvetia.

Os pioneiros adquiriram uma extensão de 468 alqueires, localizada nos sítios Capivary-Mirim e Serra D'Água. Para a sobrevivência, deram continuidade ao cultivo de café que já mantinham em Jundiáí e, aos poucos, foram inserindo outros produtos, como milho, feijão e arroz.

Mais tarde, outras famílias foram comprando terras nas imediações e logo a Colônia Helvetia havia se tornado um polo de aglutinação dos

⁵⁵ *Tribuna de Indaiá*, 06/08/98, pág. B-1.

imigrantes de Obwalden. Em 1900, Helvetia já possuía uma área duas vezes maior que a da época da fundação.

Atualmente, a situação encontrada no bairro é bem diferente, resultado de um período de mudanças iniciado em 1950. Os grandes latifúndios já não existem mais. Reinam as pequenas propriedades, provenientes da partilha de terras entre os herdeiros das numerosas famílias dos fundadores.

A maior parte dos descendentes aderiu à industrialização e urbanização da região, alavancada pela melhoria das condições das rodovias, ferrovias e a construção do Aeroporto de Viracopos. No entanto, mesmo tendo deixado a produção rural, as famílias preservam as características da cultura suíça.

Uma análise feita na publicação que comemorou os 100 anos de Helvetia, em 1988, apontou a institucionalização existente na colônia como o principal motivo que favoreceu sua perpetuação. Lá, há três sociedades: a do Tiro ao Alvo (iniciada ainda em Jundiáí, em 1885), a Sociedade Escolar São Nicolau de Flüe (1893) e a Igreja (1898).

Dentro desses espaços, dança, música, língua, comida e outros aspectos da cultura suíça são divulgados e continuam com força até mesmo entre a quinta geração de descendentes dos fundadores de Helvetia.

Colônia japonesa deu origem a festas típicas na cidade em 52⁵⁶

A primeira festa típica registrada pela Fundação Pró-Memória data de 1952. Trata-se da Festa Nipo-Brasil, realizada por descendentes da colônia japonesa. Seis anos mais tarde, o prefeito Lauro Bueno de Camargo liberou auxílio para a 1ª Festa Agro-Industrial da cidade, realizada em comemoração ao cinquentenário da imigração japonesa no Brasil.

Além de premiar as melhores safras e produções industriais, aos poucos, essas festas foram ganhando mais atrativos. Em 1974, por exemplo, a 6ª Exposição Agro-Industrial contou com a presença de Os Incríveis, Djalma Lúcio, Tony Angelli e Jair Rodrigues.

Mas, dois anos antes, um show já abalava as estruturas de Indaiatuba. Na 5ª Festa do Tomate de Indaiatuba (Feti), realizada no Centro Esportivo do Nipo, a exposição foi encerrada por ninguém menos que Roberto Carlos. Não há registro oficial do público, mas para se ter uma idéia, o show de Antonio Marcos e Vanuza (outros representantes da Jovem Guarda) levou 6 mil pessoas à Festa.

A Festa das Nações também não é novidade. Em 1959, nos salões da Fábrica de Órgãos Lins foram montados os pavilhões brasileiro, americano, português, suíço, alemão, italiano e japonês. A comemoração integrava a parte profana da Festa da Padroeira e acontecia nos primeiros dias de fevereiro.

A ala italiana era comandada por representantes das famílias Sannazzaro, Zerbini, Zoppi, Mazzoli, Magnusson, Mazzoni e várias outras. No pavilhão “suisso-alemão” (era escrito assim) o acordeon de Delfino Bannwart embalava o trabalho das famílias Denny, Amstalden, Ambiel, Steffen, Linder, Albrecht, Wolf, Quitzau e Stahl.

A parte dos Estados Unidos tinha por objetivo celebrar o exemplo de “um povo democrata e independente” e o pavilhão brasileiro se firmava na “Ordem e Progresso” da bandeira. Os japoneses mostravam sua cultura através das famílias Imanishi, Fujiwara, Ueda, Otaguro, Matoba, Suetake e Takahara.

⁵⁶ *Tribuna de Indaiá*, 02/07/98, pág. B-1.

A 2ª Festa das Nações, em 1961, foi transferida para a Praça Rui Barbosa. Maria Isabel Seabra, representante do pavilhão italiano, foi eleita a rainha. As etnias participantes dessa vez foram a brasileira, suíça, alemã, italiana, japonesa e a sírio-libanesa. A última festa do gênero encontrada na Fundação aconteceu em 1985, na Viber. Cinco anos depois a Festa das Nações voltou, integrada à 1ª Feira Agropecuária Industrial e Comercial de Indaiatuba, a Faici.

Carnaval: dos bailes nos clubes ao desfile oficial⁵⁷

Para pesquisar a história do Carnaval indaiatubano nos arquivos da Fundação Pró-Memória é necessário se aventurar pelo acervo dos jornais da cidade. Um dos primeiros registros encontrados está publicado em *O Indaiatubano*, de 1938.

O periódico anunciava que, nos dias 27 de fevereiro e 1º de março, os foliões de Indaiatuba poderiam se deliciar nos bailes e cordões animados pelos grupos Jazz 7 de Setembro (dirigido por Sylvio Fiori) e Jazz Bando da Lua (comandado por Hermenegildo Pinto).

Nos jornais da década de 60, nota-se que já havia a tradição de quatro noites de bailes pela madrugada a fora em clubes como o Indaiatuba Clube e o 9 de Julho. A *Tribuna* de 18 de fevereiro de 1962, através de suas “Notícias Carnavalescas”, mostra que eram aguardadas visitas de blocos das cidades vizinhas.

Seguindo este costume de “emprestar” grupos da região, um ano mais tarde (1963), a Escola de Samba Acadêmicos de Ubirajara, de Campinas, apareceu como uma surpresa para os moradores e desfilou pelas ruas centrais da cidade.

Família

É inevitável verificar que os responsáveis pela arrancada do Carnaval de Rua de Indaiatuba são de alguma forma ligados à Família Eugênio. Em 1965, os componentes deste “clã” já mostravam suas fantasias pela Rua Candelária.

Vaidiz Barbosa Eugênio, conhecida como dona Ana Eugênio, ajudava na organização do cordão de seus filhos, que logo recebeu o nome de Vai-Vai. O bloco começou a ganhar ares de Escola de Samba em 1974. Vale lembrar que faziam parte da festa o popular Chico Preto (Cândido Sampaio), Sônia Eugênio e José Leonardo Eugênio (Zeca-Zeca). Hoje, estes dois últimos são responsáveis pela organização do Bloco Pagodão e da Escola de Samba Acadêmicos do Sereno, respectivamente.

⁵⁷ *Tribuna de Indaiá*, 02/07/98, pág. B-1.

Neste mesmo ano, o então prefeito Romeu Zerbini prometia que, com o trabalho da Comissão Municipal de Esportes e Turismo, no próximo ano Indaiatuba teria seu carnaval nas ruas. E, de fato, a promessa foi cumprida.

1974

Em sua edição de 10 de fevereiro de 1974, a *Tribuna* convida a população: “Vamos sair às ruas, participando da maior festa popular que existe, prestigiando uma das boas medidas da Prefeitura: dar ao povo aquilo que realmente ele quer!”

A festa aconteceu com direito até a um júri que avaliou os blocos e as fantasias individuais. Em 1975, a Comissão de Esportes e Turismo não conseguiu mostrar sua força, mas o Carnaval de Rua voltaria a se fortalecer no ano seguinte com o surgimento das Escolas de Samba Unidos de Indaiá e Unidos do Bairro Santa Cruz.

Neste ano, a Unidos de Indaiá iniciou uma série de seis vitórias (1976, 77, 78, 79, 80 e 81). Esta escola era comandada por Joab José Puccinelli, Cleonice Carvalho Motta e três representantes do Vai-Vai, Sônia, Darcy e Geny.

Pedro Castilho foi quem organizou a Unidos do Bairro Santa Cruz, que também contava com o apoio da família Eugênio, aqui representada por Dedé. Em seu quarto ano de desfile, 1979, a Escola se sentiu injustiçada com a premiação da concorrente e seus componentes chegaram a apedrejar a Prefeitura. Esse fato fez com que o prefeito Clain Ferrari os impedisse de participar nos dois Carnavais seguintes.

Futebol

Foi na torcida de um time de futebol que nasceu a Escola de Samba Acadêmicos do Sereno, em 1977. O terceiro presidente da agremiação foi José Leonardo Eugênio, o Zeca-Zeca, mais um dos filhos de dona Ana. Mesmo com três escolas na disputa, a obrigatoriedade do samba-enredo no Carnaval de Rua da cidade só veio em 1978.

Com o passar dos anos, Unidos de Indaiá e Sereno se firmaram como as duas grandes rivais. Sendo assim, a pioneira conseguiu se manter invicta até 1981 e, no ano seguinte, o Sereno sagrou-se campeão do Carnaval.

Mais uma

1983 foi o ano em que surgiu mais um grupo para a disputa: trata-se do Grupo Recreativo Escola de Samba Águias Negras, que abarcou alguns dos remanescentes da Unidos do Santa Cruz, que fez sua despedida em 1982. Mas até hoje esta nova Escola não conseguiu ocupar posição de destaque nas premiações.

A cada ano, o Carnaval de Rua de Indaiatuba tem uma cara diferente. Nestes 24 anos de história, vale a pena destacar dois momentos que arrepiaram os espectadores do desfile da ousada Sereno, na Avenida Presidente Kennedy: o primeiro topless, que aconteceu em 1985, e a exibição de homens em trajes “sumários” que representaram os guerreiros de Zumbi, em 1988.

Percalços

Em seu primeiro ano de mandato (1989), Clain Ferrari não realizou o desfile oficial de Carnaval, prometendo uma grande festa para o ano posterior. Em 1990, o prefeito fez com que Unidos, Sereno e Águias Negras desfilassem na Avenida Francisco de Paula Leite.

Este e outros atos “anti-carnavalescos” da Prefeitura fizeram com que em 1991 e 1992 não houvesse desfile oficial. A festa voltou a acontecer na Kennedy em 1993, mas no ano seguinte, o Sereno desfilou sozinho.

As outras escolas ficaram de fora pela falta de subsídio da Prefeitura. Nos últimos anos, essa realidade se repete, ou seja, dependendo do dinheiro liberado, os grupos desfilam ou não no Carnaval.

A presença da mulher na história da cidade⁵⁸

Como no último domingo, dia 08 de março, comemorou-se o Dia Internacional da Mulher, este espaço será dedicado à lembrança de algumas mulheres que marcaram (e continuam marcando) a história de Indaiatuba, seja na política, na vida social ou na educação.

Pouca gente lembra, mas Indaiatuba já teve uma prefeita. Trata-se de Helena Tomasi, que exerceu a chefia do Executivo de 25/3/1947 a 10/6/1947. Ela era tesoureira municipal e foi nomeada para o cargo do ex-prefeito Jácomo Nazário com base no Decreto n.º 17754, de 24/3/47, do governador Adhemar de Barros.

Tal decreto determinava a exoneração de todos os prefeitos municipais e transferência do cargo aos secretários. Na ausência destes, a Prefeitura deveria ser comandada pelo tesoureiro municipal, no caso Helena.

Em 10 de junho, ela transmitiu o poder a Jacob Lyra, nomeado pelo governador. Helena voltou a seu cargo anterior e deixou o serviço público com direito a termo de louvor, em 1962. A ex-prefeita faleceu em Campinas, em 28/04/1990.

Alguns anos antes da posse de Helena, mais precisamente em 1937, a Fundação Pró-Memória de Indaiatuba possui registros da participação da mulher na política municipal, na posse do prefeito Major Alfredo Camargo Fonseca.

Na cerimônia, as “senhoritas” Sylvia Teixeira de Camargo, Antonietta Milani, Júlia Steffen, Auta Groff, Romilda Civolani, Maria Luíza Cordeiro, Leonina da Silva, Maria João, Sarah Nicolau, Ida Tomasi, Lázara Galvão de Paula Leite e Iracema Steffen apresentaram um discurso e ofereceram um ramalhete de flores ao “novo” prefeito.

Por direito

Só em 1983 a primeira mulher indaiatubana foi eleita para um cargo. A pioneira foi Hélen Bessie Leite de Moraes Castilho que exerceu a vereança de 1983 a 1988. Durante este mesmo espaço de tempo, Itamar da Silva

⁵⁸ *Tribuna de Indaiá*, 12/03/98, pág. B-1.

Maciel, eleita segunda suplente, assumiu o cargo substituindo vereadores titulares em alguns pequenos períodos.

Mas foi no final do ano passado que as damas bateram seu recorde na Câmara. No dia 8 de dezembro, a vereadora Celi Aparecida Brandt (PT) assumiu o cargo deixado por Carlos Alberto Rezende Lopes (PT), o Linho.

Celi juntou-se às outras duas representantes femininas eleitas em 1996: Rosana de Souza Magalhães (PDT) e Rita Francisca Gonçalves (PT), que tiveram 1.073 e 688 votos, respectivamente.

Professoras

Boa parte das mulheres que têm força na memória dos indaiatubanos são professoras aposentadas. Para ilustrar são lembradas aqui as histórias de Maria Nazareth Pimentel, Lúcia Steffen e Sylvia Teixeira de Camargo Sannazzaro.

Maria Nazareth, atualmente com 81 anos, tinha um extremo gosto por estudar e demonstrou tal determinação ao se formar com a primeira turma ginásial da cidade, aos 33 anos. Depois disso, cursou Magistério em Itu, formou-se em Administração Escolar pela Universidade de Mogi das Cruzes (1968) e fez vários cursos de especialização.

Sua carreira profissional teve início na Fazenda Quilombo Grande. Na década de 60, ela ingressou na rede estadual e foi dar aulas em São João do Pau D'Alho, na divisa de São Paulo com Mato Grosso do Sul. Depois de passar pela diretoria, aposentou-se como assistente de direção do Grupo Escolar Randolpho Moreira Fernandes.

Mesmo ainda estando vivas, ela e Lúcia Steffen foram homenageadas há alguns anos, emprestando seus nomes para Escolas Municipais de Educação Infantil (Emei's), demonstrando que o trabalho delas justifica a exceção à regra de se nomear escolas com nomes de pessoas já falecidas.

Lúcia foi professora de Educação Física e diretora da EEPSG Dom José de Camargo Barros. Ela é vista como um símbolo de eventos como o Desfile de Sete de Setembro que ela criou e realizou por muitos anos na cidade, tanto é que foi homenageada quando esta tradição foi retomada, no ano passado.

A realização de eventos também tem uma presença forte na carreira da professora Sylvia Sannazaro que publicou suas memórias no livro *O Tempo e a Gente*, em 1997. Sylvia, formada com a primeira turma de normalistas da Escola Nossa Senhora do Patrocínio (Itu), foi responsável por várias campanhas beneficentes, entre elas a que possibilitou a construção da Maternidade Albertina Sampaio de Paula Leite, prédio demolido para a construção do Fórum.

Sombra

“Por traz de um grande homem, sempre há uma grande mulher”, diz o velho ditado. Mas o fato é que há grandes mulheres que ficam apenas atrás dos homens e não são lembradas por seu valor, mas sim por serem “esposas de fulano de tal”.

Um exemplo disso é encontrado em dona Cleonice (esposa do compositor Nabor Pires Camargo). Vista apenas como companheira do célebre músico, ela é responsável, por exemplo, pela letra do celebrado *Luar de Indaiatuba*.

Na peça musical *Ara-Erê-Uçú* (Um grande dia de festa), Cleonice escreveu as letras em tupi-guarani. No entanto, recorrendo-se aos jornais da época, o máximo que se encontra é uma afirmação de que o lirismo dela combinava-se à inspiração musical de Nabor.

Embora seja a “esposa do médico Jácomo Nazário”, Catherina Ioan Nazário também teve sua importância e chegou a abalar a estrutura da sociedade indaiatubana. Catherina nasceu na Romênia, foi educada na Itália e chegou no Brasil beirando os 15 anos.

Um ano mais tarde, casou-se com Don Sebastian Gomes, em Araraquara, com quem teve sua primeira filha. O casamento durou apenas quatro anos, pois seu primeiro marido faleceu em 1929. O tempo passou e Rina (é assim que ela é mais conhecida) encontrou o seu “doutor”, Nazário, que possuía três filhos do primeiro casamento.

Rina aceitou o que ela define como uma missão e veio para Indaiatuba, em 1945, tendo que enfrentar preconceitos para poder continuar a usar calça comprida ou mesmo andar de bicicleta. Um pouco disto está registrado no acervo da Fundação. “(...) enfrentei uma sociedade muito dura na época, pois mulher que casasse com homem separado era vulgar”, relata.

“Sempre andei muito bem arrumadinha, penteada, o que já não acontecia com as ‘beatas’ que ora me procuravam para angariar donativos e, ora, quando me encontravam na rua, passavam na outra calçada.”

Rotary Club comemora 94 anos de existência⁵⁹

Há 94 anos, mais precisamente no dia 23 de fevereiro de 1905, o jovem advogado Paul Harris se reuniu com três amigos em Chicago (EUA). O objetivo do encontro era criar um clube que inspirasse companheirismo entre profissionais de diversos ramos. Nesta reunião, foi criado o primeiro Rotary Club. Nesta mesma data, no Brasil, comemora-se o Dia Nacional do Rotary (criado pela Lei nº 6.843, de 3/11/1980) e o Dia da Compreensão Mundial.

Atualmente, o Rotary agrega 28 mil clubes em mais de 150 países. Os principais objetivos das cerca de 1.200.000 pessoas envolvidas - que comemoram nesta terça-feira o Dia do Rotariano - é interligar comunidades do mundo todo e promover a paz.

O Rotary Club de Indaiatuba nasceu em 1955, tendo como fundadores Caio da Costa Sampaio, Eduardo Fayzano, Guerino Lui, Jácomo Nazário, José Costa de Mesquita, José Machado de Campos, José Teixeira de Camargo, Júlio Nicolau, Lauro Magnusson, Luiz Teixeira de Camargo Júnior, Mário Paulo, Nelson de Almeida Domingues (o primeiro presidente), Odilon Ferreira, Raffaello Fantelli, Scylas Leite Sampaio, Sinézio Martini, Victório Prandini, Vitantonio Scisci e Waldemar Giomi.

Há sete anos, em 1992, o trabalho rotário atingiu tal escala que a cidade ganhou mais um clube, o Rotary Club Indaiatuba-Votura. Os dois grupos fazem reuniões semanais na Casa da Amizade, localizada na Avenida Itororó, ao lado do Fórum.

Os rotarianos da cidade foram (e ainda são) responsáveis por campanhas importantes, tais como a “Operação Comarca”, iniciada em 1962, para criar a Comarca de Indaiatuba. O clube também foi fundamental na conquista para a cidade da unidade do SESI, da construção do prédio do Correio e da instalação do Banco do Brasil.

A fundação do Indaiatuba Clube, a oficialização do Hino Indaiatubano e das comemorações do aniversário da cidade também foram arquitetadas pelos rotarianos. Visando conscientizar a população quanto à necessidade de preservação ambiental, no ano passado, eles realizaram o

⁵⁹ *Tribuna de Indaiá*, 25/02/99, pág. 6.

“Arrastão Ecológico” a exemplo de outros 44 clubes da região. No Parque Ecológico, foram coletados 500 quilos de lixo.

Palestras de orientação vocacional e auxílio na busca de empregos para deficientes físicos são outras atividades realizadas nos últimos tempos. Os rotarianos têm constantemente ajudado entidades assistenciais locais, tais como as Voluntárias de Apoio no Combate ao Câncer (Volacc) e a Casa da Providência.

Intercâmbio

No ano passado, o Rotary Club de Indaiatuba comemorou a conquista de 100% de companheiros Paul Harris. Para se tornar um “Companheiro Paul Harris”, o rotariano precisa contribuir à Fundação Rotária, responsável pelo financiamento de vários projetos desenvolvidos pelo Rotary.

Entre eles estão os vários tipos de bolsas de estudos e intercâmbios culturais que possibilitam a jovens de vários países estudar no exterior e ter contato com culturas diferentes das suas. Por conta desses programas, Indaiatuba já foi visitada por indianos, canadenses, australianos, sul-africanos, belgas, dinamarqueses, mexicanos e norte-americanos.

Vários indaiatubanos também viajaram. Nestes programas, os bolsistas agem como “embaixadores da boa vontade”. Nos encontros em outros clubes, os representantes da cidade levam consigo uma flâmula que contém o desenho de duas palmeiras de Indaiá, os raios solares de Indaiatuba e linhas vermelha e azul, cores da bandeira da cidade.

Rotary motivou criação da Comarca de Indaiatuba⁶⁰

Há 35 anos, mais especificamente no final de dezembro de 1963, a Assembléia Legislativa aprovou a lei que elevou Indaiatuba à categoria de Comarca. Mas, até que se chegasse a esta vitória, um longo caminho foi percorrido pelos integrantes da campanha denominada “Operação Comarca”, iniciada pelo Rotary Club local, em 19 de outubro de 1962.

Entre as pessoas que integraram o movimento neste início estavam o então prefeito Odilon Ferreira, o procurador municipal Walter Hoffman, Rafael Elias José Aun, Scyllas Leite Sampaio, Hélio Milani, Walter Giomi, Oscar Steffen e outros rotarianos. Já no mês de novembro os indaiatubanos comemoraram a presença do deputado Gustavo Martini em sua reunião. Martini prometeu dar seu apoio na Assembléia para que Indaiatuba fosse incluída na lei quinquenal de divisão administrativa e judiciária do Estado, o que permitiria a elevação da Município à categoria de Comarca. Mais tarde, Martini discursaria para seus colegas deputados relatando toda a campanha que movimentava Indaiatuba.

Ainda no mês de novembro, a “Operação Comarca” alcança as ruas da cidade. Cartazes e panfletos divulgam e explicam os objetivos do movimento à população. Em lojas, indústrias, igrejas e outros estabelecimentos são passados abaixo-assinados para mostrar aos deputados a aprovação da população.

Uma Comissão de Ação da “Operação Comarca” foi criada e em suas reuniões recebeu o apoio de sindicatos da região e dos presidentes dos partidos MTR, PR, PTB, PSP, UDN e PRP. No final de dezembro de 62, a campanha alcançou o rádio com a ajuda da Rádio Cacique, de Capivari. A comissão pôde utilizar o programa “Revista de Indaiatuba” para explicar à população que, com a criação da Comarca, a cidade passaria a ter seu próprio juiz e um fórum local.

Capital

Entre 14 de março e 30 de abril de 1963, deveria ser encaminhada à Assembléia Legislativa uma representação com pedido da elevação de

⁶⁰ *Tribuna de Indaiá*, 07/01/99, pág. B-1.

Indaiatuba à categoria de Comarca. As assinaturas coletadas nos abaixo-assinados deveriam ser acompanhadas de um relatório contendo dados estatísticos a respeito da cidade, tratando do movimento no fórum de Itu, a arrecadação local, o aumento da população, a produção industrial, agrícola e comercial.

No dia 21 de março, um grupo de indaiatubanos conseguiu uma audiência com o governador Adhemar Pereira de Barros. Os representantes da cidade eram o presidente do PSP local, Oswaldo Stein, e seu vice, Paulo Mathias de Freitas, o prefeito Odilon Ferreira, Antonio Reginaldo Geiss, Presidente da Comissão de Ação da “Operação Comarca”, Caio da Costa Sampaio, presidente da Câmara Municipal, e o vereador Sinézio Martini.

Imediatamente, o governador encaminhou uma carta ao líder da situação na Assembléia recomendando a aprovação do pedido de Indaiatuba. Finalmente, a cidade sairia vitoriosa, na madrugada do dia 30 de dezembro de 1963, com a lei devidamente aprovada. A *Tribuna* amanheceria nas bancas da cidade, no primeiro dia do ano de 1964, em edição extra estampando a manchete: “Vitória! Vitória! Criada na madrugada de 30-12-63 a Comarca de Indaiatuba.”

A guerra continua

A principal batalha havia terminado, mas a guerra continuaria. O novo desafio era a instalação e início do funcionamento da Comarca. Para tanto a Prefeitura deveria ceder um prédio para o fórum e residência para o juiz. Com o objetivo de arrecadar o dinheiro necessário para a compra dos prédios, uma nova comissão foi criada em março de 1964.

O grupo era formado por Gilberto Candello, Oswaldo Stein, Guerino Lui, Cássio Sampaio, Gentil Zoppi, Alfio Boldrini, Renato Laércio Talli, Antonio Matheus Bastida, Tabajara Cordeiro, Oscar Steffen e Hermínio Zerbini.

Somente em julho de 1965 o prefeito Romeu Zerbini definiu os prédios e os entregou ao Estado. E, no dia 19 de dezembro de 1965, a Comarca foi instalada com as devidas comemorações. Jarbas João Coimbra Mazzoni foi recebido com a pompa de primeiro juiz de direito da cidade, acompanhado por Francisco de Souza Pacheco, o primeiro promotor de justiça.

Indaiatuba já tinha escoteiros na década de 40⁶¹

No dia 28 de agosto de 1994, surgiu o Grupo Escoteiro Indaiá. Este ano, ao comemorar quatro anos, com 200 integrantes, ele ganhou um “irmãozinho”, o Grupo Escoteiro Cocais que começou com 12 crianças e está se reunindo no Centro de Atendimento Integral à Criança (CAIC), no Jardim Alice.

Mas não é de hoje que os gritos de “Sempre Alerta!” soam por Indaiatuba. O acervo da Fundação Pró-Memória de Indaiatuba prova isso. No jornal *O Indaiatubano*, de 18/01/1942, a Associação dos Escoteiros de Indaiatuba já mandava uma “Mensagem aos pais”.

Na publicação, o chefe Archimedes Prandini e o sub-chefe Vital Bronzoni justificavam para os pais porque seus filhos deveriam ser escoteiros. O artigo ainda trazia explicações de como os pais poderiam colaborar na caminhada das crianças pelo escotismo.

Alguns anos mais tarde, em 1947, encontra-se outra referência. Archimedes Prandini ainda é o instrutor, auxiliado por Flávio Sureira. Na foto, aparecem outros meninos da época, tais como Rubens Bonito, Davi Ferrari, Romeu Scisci e Darci Martinez.

Afinal, qual a importância deste movimento? Em 1995, uma matéria publicada na *Tribuna* explicava que o escotismo é “um mundo de educação apresentado ao jovem, na maneira agradável de um grande jogo que completa a função do lar, da Igreja e da escola, desenvolvendo-lhe o caráter, a personalidade e a boa cidadania”.

Odair Gonçalves de Oliveira, um dos chefes do Indaiá, acrescenta que antes de participar dos acampamentos, as crianças passam por uma série de adestramentos para que aprendam a mexer com instrumentos de cozinha, facas e outros utensílios, bem como o cuidado com o meio ambiente. “Eles aprendem na prática, brincando”, observa.

A divisão dos participantes se dá de acordo com a idade. Os mais novos, de 7 a 10 anos, são chamados de lobinhos. Depois deles vêm os escoteiros (11 a 14 anos), sêniores (15 a 17 anos) e pioneiros (18 a 21 anos). Os adultos que desejam se tornar chefes passam por cursos na União dos

⁶¹ *Tribuna de Indaiá*, 17/09/98, pág. B-1.

Escoteiros do Brasil. Este procedimento, normalmente, é seguido pelos pais das crianças. No Indaiá, cerca de 30 adultos colaboram.

Este ano, o Grupo deu alguns exemplos de suas atividades. Em agosto, os escoteiros foram chamados pelo Departamento de Meio Ambiente da Prefeitura para fazer uma “cirurgia” nas árvores da Praça Prudente de Moraes, que estava em reforma. Utilizando pincéis, as crianças colocaram Neutrol nos ferimentos das árvores para agilizar a cicatrização.

No último dia 3, o Indaiá reuniu cerca de 700 jovens de 20 grupos de todo o Estado de São Paulo, no Centro Esportivo, para comemorar seu aniversário. Outro evento em nível estadual está sendo preparado para os dias 17 e 18 de outubro. Trata-se de um rali para lobinhos. De acordo com Odair Gonçalves, já há mil crianças inscritas.

O Grupo de Escoteiros Indaiá se reúne no Centro Esportivo todo sábado, às 14h. As atividades são financiadas por uma mensalidade de R\$ 10. Só os que têm condições pagam. O restante dos gastos com equipamentos, uniformes e viagens é pago por algumas empresas e pela renda de eventos.

Brincadeiras de criança na Indaiatuba antiga⁶²

Numa época em que televisão, videogame e outros eletrônicos estavam longe de sequer serem brinquedos sonhados pelas crianças de Indaiatuba, a imaginação corria solta nas horas vagas. No acervo da Fundação Pró-Memória de Indaiatuba, estão registradas as memórias dessa época de pelo menos cinco indaiatubanos: Eutimiro José Lisoni, Nabor Pires Camargo, Dilermando Pedroso de Barros, Sylvia Teixeira de Camargo Sannazzaro e Antônio Zoppi.

Eutimiro José Lisoni assina como Ejotaéle os manuscritos de *Fatos e coisas de Indaiatuba*. No texto, ele lembra que, por volta de 1908, a cidade recebeu a visita do primeiro circo, o “Circo Clementino”, com vários palhaços e até um homem que comia fogo. Para tentar entrar de graça no espetáculo, os meninos acompanhavam o palhaço em suas andanças pela cidade. Caso a gentileza não rendesse o ingresso, eles apelavam para tentar passar por baixo do pano. Os que fossem pegos em flagrante, eram rigorosamente castigados.

Ejotaéle também se recorda da banda musical infantil da cidade, com cerca de 20 componentes coordenados pelo velho Dunga. Chico, Elpídio, João Nunes, Rêmulo Zoppi, Afonso Bonito, Godofredo, Irmãos Coppini, Gildo, Alfio Bertolotti, Osvaldo Soares e Nabor Pires Camargo eram alguns dos pequenos músicos. Mas as lembranças da banda não são exclusivas de Ejotaéle, muito pelo contrário.

Zoppi, por exemplo, recorda-se que no início o maestro Dunga teve uma séria dificuldade. Segundo ele, a maioria dos meninos da cidade eram transportadores de latas de água e sobrava-lhes pouco tempo para estudar as notas musicais. Já Nabor, nos manuscritos de *Recordando...*⁶³, conta que a sede da banda ficava próxima à estação da estrada de ferro e, ao lado dela, havia um campo onde a molecada brincava nos horários de folga escorregando em folhas secas caídas das palmeiras do Largo da Matriz.

⁶² *Tribuna de Indaiá*, 14/01/99, pág. B-1.

⁶³ - Os manuscritos deram origem ao livro *Recordações de um clarinetista*, lançado no dia 09 de fevereiro de 2.000, durante os eventos da IV Semana Nabor Pires Camargo, conforme já foi mencionado.

Quando o maestro os chamava de volta, ninguém lavava as mãos e as partituras ficavam marcadas.

A chamada dos garotos também era um fato pitoresco. Dunga possuía um ajudante, Anselmo. Quando precisava acionar seus aprendizes, ele pedia que o auxiliar tocasse com bastante força um bumbo, que ficava na parte alta da cidade. Quando ouviam o toque do instrumento, os pequenos músicos logo seguiam ao encontro do maestro.

Passado

Nas lembranças desses indaiatubanos antigos, aparecem jogos pouco presentes nos dias de hoje. Nabor, que mais tarde faria carreira como compositor, relata que o padre Ladeira costumava ensinar a ele e seus amigos novas brincadeiras. A preferida de Nabor era “barra-manteiga”, mas ele conta que também jogavam bola, peteca, amarelinha, andavam de bicicleta e soltavam papagaio.

Em seu livro *Lembranças de Menino*, Dilermando Pedroso de Barros revela que a molecada tinha encontro marcado todos os dias no chafariz localizado na esquina das ruas Siqueira Campos e Pedro de Toledo. Por essas bandas, o pega-pega corria solto até pelas 20h, quando as mães começavam a chamar para a hora do banho e de ir para a cama. O futebol também fazia parte do dia a dia desses meninos que contavam com a arbitragem de Humberto Lyra e confeccionavam suas bolas cheias de meia e recheadas de trapos.

E por falar em bola, Antônio Zoppi narra em *Reminiscências de Indaiatuba* que, por volta de 1914, o Largo da Cadeia (atualmente, a Praça Prudente de Moraes) era o local onde a criançada se reunia. O pião e a fubeca eram os jogos preferidos. Um certo dia, a garotada descobriu que, na fábrica de cerveja localizada no final da Rua Siqueira Campos, garrafas eram fechadas por dentro com bolinhas de vidro, perfeitas para a fubeca. Não deu outra, logo eles invadiram a cervejaria e quebraram todas as garrafas para tirar as bolinhas. Até a polícia precisou entrar na história.

Crianças transportavam água

Ao descrever o cotidiano da cidade, Antônio Zoppi diz que, por volta das 10h da manhã, as crianças responsáveis pelo transporte de água iam até o chafariz. De acordo com o tamanho, os pequenos trabalhadores utilizavam carrinhos de uma, duas ou três latas. “Se ganhava um tostão, por lata baldeada”, escreve. “Aquele que levava água para o Grupo Escolar ganhava mais que os outros.”

Durante o trabalho, alguns rapazes tentavam furar a fila, motivo mais do que suficiente para iniciar uma boa briga. Nessas brigas, eram, quebrados carrinhos, amassavam latas e faziam os menores chorar. A algazarra só acabava quando as lavadeiras chegavam para separá-los.

Caso de polícia

Em *O Tempo e a Gente*, Sylvia Teixeira de Camargo Sannazzaro conta uma brincadeira de “crianças travessas, moleques levados da breca” que acabou virando caso de polícia. No ano de 1925, o menino Antoninho ajudava seu pai Ernesto Laurenciano no transporte de encomendas, utilizando uma carroça puxada por burros. Com o tempo, ele adquiriu a confiança do pai e passou a ser responsável pelo recebimento do dinheiro nas casas e estabelecimentos comerciais.

Tudo ia bem, até o dia em que alguns meninos resolveram formar uma quadrilha. Imitando o que assistia nos banguês do cinema, o chefe do grupo pegava facas e canivetes na venda de seu pai para armar o bando. No começo era tudo brincadeira, mas um dia eles resolveram se aproveitar da bondade de Antoninho. Quando ele saía de mais uma coleta de pagamento, os garotos o levavam para o mato e o ameaçavam e batiam até que entregasse a quantia desejada. Só depois de algum tempo, Ernesto descobriu que seu filho o estava enganando para encobrir a molecada e, com a ajuda da polícia, a quadrilha foi desfeita.

Índice Onomástico

Nome	Página
Albertini, Carlos	
Albrecht (Família)	
Almeida, Donato de	
Almeida, Hilário Dias de	
Alvarenga, Joaquim Pedroso de	
Amaral, Odilon	
Amaral, Sylvio Ferreira do	
Amaral, Vicente Ferrer do	
Ambiel (Família)	
Ambiel, Cléa Thereza	
Amstalden (Família)	
Angarten (Família)	
Anselmo (Banda Infantil)	
Antonio Marcos (?)	
Aranha, João de Souza	
Aun, Rafael Elias José	
Balabem, Aparecida	
Balabem, José	
Bannwart (Família)	
Bannwart, Delfino	
Barbieri, Antonio Jair	
Barnabé (Família)	
Barnabé, Ademir	
Barros, Ademar Pereira de	
Barros, Adhemar de	
Barros, Arthur Pedroso de	
Barros, Cornélio Ribeiro de	
Barros, Dilermando Pedroso de	
Barros, José de Camargo (Dom)	
Bastida, Antonio Matheus	
Batista, Humberto	
Benedetti Netto, Domingos	
Bernardinetti, Abramo	

Bernardo, Marco Antonio
Bernasconi, Hermínio (Pe.)
Bertolotti, Álfio (Banda Infantil)
Bertoni, Ary Duarte
Bicudo Filho, Joaquim Emígdio de Campos
Bicudo, Ana Fonseca
Bicudo, Fábio Ferraz
Bicudo, Fernando L.
Bicudo, Francisco de Campos
Bicudo, João da Fonseca (filho)
Bicudo, João da Fonseca (pai)
Bicudo, João de Campos
Bicudo, Joaquim Emígdio de Campos
Bicudo, José Francisco
Bicudo, Luiz Gonzaga da Fonseca
Bicudo, Maria Hermínia Neves (Dna. Mariquinha)
Bicudo, Querubim de Campos
Boffa, Paschoalino
Boldrini, Álfio
Bonachela, Nevil
Bonito, Afonso (Banda Infantil)
Bonito, Rubens
Borghezani, Francisco
Boseli (do Armazém)
Brandt, Celi Aparecida
Brizzola, Alberto
Bronzoni, Vital
Bruci (Capitão)
Caldeira, Ageo
Caldeira, Geraldo
Camargo Jr., Luiz Teixeira de
Camargo, Agostinho Rodrigues de
Camargo, Alziro Pires de (Miloca)
Camargo, Augusto de Oliveira Camargo
Camargo, Cleonice Mattioli
Camargo, João Bueno de

Camargo, José Luiz Teixeira de
Camargo, José Teixeira de
Camargo, Laudo Ferreira de
Camargo, Lauro Bueno de
Camargo, Leonor de Paula Leite Barros
Camargo, Nabor Pires
Camargo, Terezinha de Jesus C.
Camargo, Theophilo de Oliveira
Campos, Ana Gertrudes
Campos, Diogo do Amaral
Campos, Joaquim de
Campos, José do Amaral
Campos, José Machado de
Campos, José Roberto Machado
Campos, Ladislau do Amaral
Campos, Plínio Pires de
Campos, Sérgio de (Frei)
Candello, Gilberto
Candello, Mário Araldo
Cardoso, André Luís Firmino
Carotti, Miguel
[Carvalho, José Murilo de \(?\)](#)
Carvalho, Manoel José Ferreira de
Carvalho, Nilson Cardoso de
Castanho, Dieno
Castelo Branco, Humberto de Alencar
Castilho, Helen Bessie Leite de Moraes
Castilho, Pedro
[Chacon, Vamireh \(?\)](#)
Chico (Banda Infantil)
Chiquito (jogador do E. C. Primavera)
Cintra, Luiz Antonio de Ulhôa
Civolani, Angelo
Civolani, Romilda
Coppini(Banda Infantil)
Coppini, João Alfredo

Coppini, Pedro Augusto
Cordeiro, Maria Luiza
Cordeiro, Odilon
Cordeiro, Tabajara
Costa, Emília Viotti da
Costa, João Walsh
Costa, José da
Coutinho (jogador do Santos Futebol Clube)
Cruz, Heloisa de Faria (?)
Cruz, Reinaldo Nogueira Lopes
Cunha Bueno
D'Alexandro, Damiano
Delbone (jogador do E. C. Primavera)
Denny (Família)
Dercoli, Luiz (jogador do E. C. Primavera)
Didi (jogador do E. C. Primavera)
Dina, Henry
Djalma Lúcio (?)
Domingues, Nelson de Almeida
Dorval (jogador do Santos Futebol Clube)
Dota, João
Duarte, Milton
Elpídio (Banda Infantil)
Eugênio, Darcy
Eugênio, Dedé
Eugênio, Geny
Eugênio, José Leonardo (Zeca-Zeca)
Eugênio, Sônia
Eugênio, Vaídes Barbosa (Dna. Ana)
Fadini, Almerinda A. B.
Fadini, Pedro S.
Fallick, Ronald
Fanger (Família)
Fantelli, Raffaello
Farias, Paulo César
Fávero

Fayzano, Eduardo
Fernandes, Domingos
Ferrarezzi, Elzira
Ferrarezzi, Geni
Ferrarezzi, Glória
Ferrari, Clain
Ferrari, Davi
Ferraz, Maria do Carmo Bicudo
Ferraz, Maria José
Ferreira, Aprígio Alves
Ferreira, José Maria Perez (Pe.)
Ferreira, Odilon
Fiori, Sylvio
Fonseca, Alfredo de Camargo (Major)
Fonseca, Escolástica Angelina
Fonseca, Luiz Augusto da
Fontes, Antonio Lopes
França, Renato (Pe.)
Freitas, Paulo Celso de
Freitas, Paulo Mathias de
Fujiwara (Família)
Garcia, Hélio Fernandes
Gaspar, Joaquim
Geiss, Antonio Reginaldo
Germano, José Antonio
Gianechini, Lauro Genésio Lyra
Gil, Antonio
Gildo (Banda Infantil)
Gilmar (jogador do Santos Futebol Clube)
Giomi, Waldemar
Godofredo (Banda Infantil)
Góes, José Sampaio de
Gomes, Don Sebastian (marido de Dna. Rina Nazário, de Araraquara) (?)
Gomes, Fernando Martins
Gonçalves, Rita Francisca
Gonçalves, Vladimir

Goulart, João
Graminha, Maria de Campos Bicudo Camargo
Groff, Auta
Guimarães, Celina
Guimarães, Maria José (Dna. Zezé)
Guimarães, Moacyr
Guimarães, Olavo Lima
Guimarães, Ulysses
Gurgel, Acelino do Amaral
Gusmão Filho, Joaquim
Harris, Paul
Hoffman, Walter
Ifanger (Família)
Ifanger, Henrique
Ifanger, Henrique
Imanishi (Família)
Imanishi, Kioji
Inhauser, Milton
Inhauser, Olga
Isabel
Jacobber, Rosa Maria
João Alberto (Tenente)
João, Maria
Juarez, Benito
Juca (jogador do E. C. Primavera)
Kerr, Ramsay
Klinger, Bertoldo
Krähenbuhl, Ana Bárbara
Kruel, Amaury (General)
Ladeira (Pe.)
Laurenciano, Antoninho
Laurenciano, Ernesto
Laurenciano, Luiz
Leite Jr., José Manoel da Fonseca (Capitão)
Leite, Francisco de Paula
Leite, Ireno Rodrigues

Leite, José Manoel da Fonseca
Leite, Lázara Galvão de Paula
Lello, Armando de Maia
Linder (Família)
Lins, Edmundo
Lins, Henrique
Lisoni, Eutimiro José (Ejotaéle)
Lopes, Carlos Alberto Rezende (Linho)
Lopes, Gilberto Pereira (Dom)
Lui, Guerino
Lyra, Humberto
Lyra, Jacob
Maciel, Itamar da Silva
Magalhães, Rosana de Souza
Magnusson (Família)
Magnusson, Alberto
Magnusson, Daltro
Magnusson, Lauro
Magnusson, Onesi
Marachini, José
Martinez, Darci
Martinhão, Dalva
Martini, Gustavo
Martins, Antonio
Martins, Antônio (Nêne)
Martins, Bazilio
Martins, Benedito
Martins, Sálvio Antonio
Martins, Sílvio Antonio
Masson, Sílvia Mendes (?)
Matoba (Família)
Matos, Odilon Nogueira de (?)
Mazzaroppi, Amâncio
Mazzoli (Família)
Mazzoni (Família)
Mazzoni, Hércules

Mazzoni, Jarbas João Coimbra
Mazzoni, Letícia
Mazzoni, Norma
Mello, Fernando Collor de
Mello, Zany Vieira de
Melo, José Rodrigues de
Menegazzi, Carlos (Pe.)
Mengalvio (jogador do Santos Futebol Clube)
Mesquita, José Costa de
Meyer, Guilherme
Meyer, Paulina
Miele, Bernardo (Dom)
Milani, Antonieta
Milani, Hélio
Milani, Laércio José
Ming (Família)
Minioli, Esterlino
Monteiro Netto, José Narciso
Moraes, Deize Clotildes Barnabé de
Moraes, Osvaldo Almeida
Morais, Antônio Douglas de (Pe.)
Moreira, Antônio (Pe.)
Moreira, Eduardo Pais (Pe.)
Motta, Cleonice Carvalho
Moura, Luís Carlos Batista de
Munhoz, Cássio Odnei Garcia
Nabi Abi Chedid
Nardy Filho, Francisco
Nazário, Catherina Ioan (Dna. Rina)
Nazário, Felipe
Nazário, Jácomo
Nenê Pedroso
Nicolau, Júlio
Nicolau, Sarah
Nicolau, Sebastião
Nunes, João (Banda Infantil)

Oliveira, Denise Aparecida Soares de (?)

Oliveira, Deoracy de

Oliveira, Edjair Claro de

Oliveira, José Roberto Guedes de

Oliveira, Juscelino Kubitschek de

Oliveira, Odair Gonçalves de

Olívio (jogador do E. C. Primavera)

Os Incríveis (?)

Otaguro (Família)

Pacheco, Francisco de Souza

Paiva, Celso Lago

Patrimônio, Virgílio do

Paulo, Mário

Pavani, José

Pelé (jogador do Santos Futebol Clube)

Penna, Antonio da Cunha

Penteado, Rubens de Campos

Pepe (jogador do Santos Futebol Clube)

Pereira, José Aristéia

Pereira, Luiz Alberto

Pescatori, Newton Roberto

Piazza, João Augusto (Pe.)

Pimentel, Maria Nazareth

Pinheiro Antonio

Pinto Filho, Oscar Domingues

Pinto, Hermenegildo

Pioli, José

Piratininga, João Tibiriçá

Piza, Claret de Toledo (Pe.)

Possan, Magali

Prado Neto, José de Almeida

Prado, José Vasconcellos de Almeida

Prado, Milton Leme do

Prado, Tereza Bicudo Almeida

Prandini, Archimedes

Prandini, Victorio

Puccinelli, Adele
Puccinelli, Athayde
Puccinelli, Joab José
Quitau (Família)
Reis, José Lopes dos (Maestro Dunga)
Rezende, Geraldo
Rezende, João
Ribeiro, Irineu Rocha
Ribeiro, Manoel
Rizzo, Vicente de Pádua (Pe.)
[Roberto Carlos \(?\)](#)
Rodrigues Jr., Oscar
[Rodrigues, Jair \(?\)](#)
Roriz, Antônio Cassemiro da Costa
Roriz, Joaquim da Costa
Rossignati, Raul
Sales, Francisco
Salla, José
Sampaio, Caio da Costa
Sampaio, Cândido (Chico Preto)
Sampaio, Cássio
Sampaio, Scyllas Leite de
Sanan (jogador do E. C. Primavera)
Sanches, Irma
Sannazzaro (Família)
Sannazzaro, Sylvia Teixeira de Camargo
Santiago, Antero Joaquim
Santos, João Pereira dos
Sauer, Isabel
Scisci, Romeu
Scisci, Vitantonio
Seabra, Maria Isabel
Sevá, Arsênio Osvaldo
Sigrist (Família)
Silva, Anna Maria Xavier Pinto da
Silva, João Batista da

Silva, José Cardoso da
Silva, Leonina da
Silva, Oscar Pereira da
Silva, Roldão Carneiro da
Sinézio (jogador do E. C. Primavera)
Siqueira, Benedito Soares
Smith, James Porter
Soares, Osvaldo (Banda Infantil)
Soliani, José
Stahl (Família)
Starace, Giulio
Stauffer (Pastor)
Steffen (Família)
Steffen, Alfredo
Steffen, Augusta Magnusson
Steffen, Iracema
Steffen, Júlia
Steffen, Lúcia
Steffen, Oscar
Steffen, Yolanda
Stehle, Ildefonso
Stein Jr., Guilherme
Stein, Fernando
Stein, Guilherme
Stein, Oswaldo
Steve, Henrique
Stocco, Domacir
Suetake (Família)
Sureira, Flávio
Takahara (Família)
Talli, Renato Laércio
Talli, Sylvio
Teixeira, Adelaide Gomes
Telles, Antonio de Queirós
Thebas, Felipe Nery de Camargo
Thebas, Maria das Dores Camargo

Tognosi, Fernando (Pe.)
Toledo, Francisco de Campos
Toledo, Ivan Corrêa de
Toledo, Pedro de
Tomasi, Helena
Tomasi, Ida
[Toni Angelli \(?\)](#)
Tonin, Flávio
Tonin, José Carlos
Transferetti, José Antonio (Pe.)
Tuia (jogador do E. C. Primavera)
Ueda (Família)
Valle, João Bicudo do
Valle, José Luiz Bicudo do
Valle, Raul David do
Valle, Regina Bicudo do
Valle, Regina Ferraz Bicudo do
Vanucci, Bonifácio
[Vanusa \(?\)](#)
Vargas, Getúlio
Vasconcelos, Francisco de Paula Cabral de (Pe.)
Vieira, Ruy Carlos de Camargo
Von Ah (Família)
Walsh, Orlando
Westphal, Frank H. (Pastor)
Wolf (Família)
Wolf Filho, Max (Sargento)
Wolf, Leonilda
Wolf, Medaldo
Zerbini (Família)
Zerbini, Hermínio
Zerbini, Romeu
Zocolan, Heitor
Zoppi (Família)
Zoppi, Antonio
Zoppi, Gentil

Zoppi, Maria Abigail
Zoppi, Rêmulo
Zoppi, Rêmulo (Banda Infantil)
Zumstein (Família)